

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS**

CLÁUDIA MARIA FERNANDES CORRÊA

**ECOS DA SOLIDÃO:
UMA AUTOBIOGRAFIA DE
MAYA ANGELOU**

SÃO PAULO

2008

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS**

**ECOS DA SOLIDÃO:
UMA AUTOBIOGRAFIA DE
MAYA ANGELOU**

Cláudia Maria Fernandes Corrêa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. LYNN MÁRIO T. MENEZES DE SOUZA

SÃO PAULO

2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cláudia Maria Fernandes Corrêa

Ecos da Solidão: Uma Autobiografia de Maya Angelou

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês para obtenção do título de Mestre

Aprovado em ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Ao meu orientador Prof. Dr. Lynn Mário Trindade Menezes de Souza pela paciência e valiosa orientação.

À Profa. Dra. Laura Izarra e Profa. Dra. Cielo Festino pelas valiosas contribuições por ocasião do exame de qualificação.

Aos meus pais Antonio Fernandes e Maria da Conceição Nascimento Fernandes pela presença companheira, pelo estímulo, pelas palavras de encorajamento quando tudo parecia tão difícil, por cuidar de meu filho, mas, acima de tudo, pelas constantes orações.

Ao meu marido, Antonio José, pelo companheirismo, pela compreensão e ajuda em todos os sentidos.

Aos meus irmãos Marco Antonio e José Luiz pelas palavras de encorajamento.

À minha cunhada Francisca pelas orações.

À minha tia Inez, tio Eduardo (*In Memoriam*), minha prima Maria Izaura, meus primos Eduardo e Paulo Rogério pelas palavras de conforto durante a elaboração desse trabalho.

Às minhas tias Aparecida e Efigênia.

À minha tia Alexandrina que mesmo a distância sempre se preocupou.

Ao meu tio Sebastião.

Às minhas cunhadas Jussara e Maysa, tia Benedita que sempre me incentivaram e ajudaram a cuidar de meu filho.

Às amigas de trabalho Cristina, Laís, Marli, Vanuza, Sônia pela ajuda durante a elaboração desse trabalho e por se preocuparem. Sem sua inestimável ajuda, conforto e palavras amigas eu não conseguiria.

À amiga Lucinda por me ajudar a ter momentos de tranquilidade para a finalização deste trabalho.

À amiga Antonia “Tony”: as suas orações foram FUNDAMENTAIS. Muito obrigada é pouco para expressar minha gratidão à você e ao Alex. *From the bottom of my heart, Thank you!*

À amiga Cilmara “Nê” que trouxe alegria em momentos difíceis e que TANTO me ajudou com os compromissos do trabalho.

À amiga Mônica e seu marido Bryan que cuidaram tão bem de mim quando eu estava muito longe de casa. Mônica, muito obrigada pela cuidadosa revisão de meus trabalhos ao longo do mestrado quando o tempo era tão curto. *Thank you forever and always!*

Ao Sr. Carlos e a Cléo por me ajudarem a chegar mais longe do que eu jamais pensei que chegaria.

Aos funcionários do Departamento de Letras Modernas (Seção de Pós-Graduação) em especial à Edite Pi.

À Irene e Andréa pela conversas esclarecedoras durante nossos cafés.

À Flávia Benfatti pela inestimável ajuda e pelas incessantes orações.

À Cristiane por mostrar o caminho a seguir.

À Lúcia Benfatti pela cuidadosa revisão deste trabalho.

À Secretaria de Estado da Educação que por meio do programa Bolsa Mestrado concedeu-me uma bolsa o que trouxe tranquilidade financeira para a elaboração desse trabalho.

Ao Marx Santiago por me ajudar a formular as perguntas apropriadas e pela rica partilha de lugares, falares e cantares por meio da literatura.

Ao meu filho Paulo Henrique Fernandes Corrêa pela leveza, pela alegria e carinho que você me proporciona.

A meus pais

Antonio Fernandes

e

Maria da Conceição Nascimento Fernandes

RESUMO

Este trabalho centra sua atenção sobre a construção identitária por meio da palavra escrita, refletindo sobre o passado por meio da narrativa autobiográfica *I Know Why the Caged Bird Sings* (1970) da escritora afro-americana Maya Angelou.

Utilizamos a obra de Maya Angelou devido ao seu esforço pioneiro em confrontar abertamente seu passado e fazer de suas mazelas pessoais um meio catártico: descer aos infernos, ou à “morte” para retornar transformada.

Palavras-chave: Maya Angelou, Identidade, Narrativa Autobiográfica, Mulheres Afro-Americanas.

ABSTRACT

This work focuses its attention on the construction of identity by means of the written word using the autobiographical narrative *I Know Why the Caged Bird Sings* (1970) by the afro-american writer Maya Angelou.

We have utilized the work of Maya Angelou due to her pioneering efforts to openly confront her past and use her personal challenges as a cathartic means to descend to the hells or to “death” so that she could be transformed.

Keywords: Maya Angelou, Identity, Autobiographical Narratives, Afro-American Women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	3
1. O PROCESSO DE ESCRAVIZAÇÃO DOS AFRICANOS.....	4
1.1 A DIÁSPORA AFRICANA PARA AS AMÉRICAS.....	6
1.2 ALGUNS PONTOS DE VISTA ACERCA DA DIÁSPORA.....	7
1.3 A CHEGADA DOS AFRICANOS AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.....	14
1.3.1 O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO.....	20
1.3.2 LIBERDADE OU MORTE: OS ABOLICIONISTAS.....	22
1.3.3 ABRAHAM LINCOLN: A ESPERANÇA DA NAÇÃO BRANCA E O DESENCANTO DO POVO NEGRO.....	25
1.3.4 A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NA GUERRA DA SECESSÃO.....	27
1.4 A RECONSTRUÇÃO (1863-1877).....	29
1.4.1 OS NEGROS E A RECONSTRUÇÃO.....	31
1.4.2 A ECONOMIA NEGRA EM TEMPOS DE LIBERDADE.....	37
1.5 <i>STAY IN YOUR CAGE NIGGER!</i> : A SEGREGAÇÃO RACIAL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.....	39
1.5.1 A <i>KU KLUX KLAN</i>	44
1.6 OS NEGROS NA PRIMEIRA E NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	6
1.7 A LUTA PELOS DIREITOS CIVIS.....	7
CAPÍTULO II	62
2. INTRODUÇÃO.....	63
2.1 A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: ALGUMAS VISÕES.....	64
2.1.1 ELINOR OCHS & LISA CAPPS.....	65
2.1.2 MARGARET R. SOMERS.....	66
2.1.3 JEROME BRUNER.....	70

2.2 AS MARCAS DE UMA ESCRITA: A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	
AFRO-AMERICANA FEMININA.....	73
2.2.1 A HERANÇA AFRICANA.....	78
2.2.2 O PODER DA PALAVRA CANTADA PARA OS AFRO-	
AMERICANOS: A MÚSICA NEGRA.....	80
CAPÍTULO III.....	89
3 MAYA ANGELOU: <i>I KNOW WHY THE CAGED BIRD SINGS</i>	
E SEU CONTEXTO SOCIAL E LITERÁRIO.....	90
3.1 <i>CAGED BIRD</i> : O MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS	
E O MOVIMENTO FEMINISTA.....	91
3.2 <i>CAGED BIRD</i> E A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	
NEGRA FEMININA.....	94
3.3 <i>CAGED BIRD</i> E SUA RELAÇÃO COM AS DEMAIS	
AUTOBIOGRAFIAS DE MAYA ANGELOU.....	96
3.3.1 <i>GATHER TOGETHER IN MY NAME</i> (1974).....	96
3.3.2 <i>SINGIN' AND SWINGIN' AND GETTING' MERRY LIKE</i>	
<i>CHRISTMAS</i> (1976).....	97
3.3.3 <i>THE HEART OF A WOMAN</i> (1981).....	98
3.3.4 <i>ALL GOD'S CHILDREN NEED TRAVELING SHOES</i> (1986).....	99
3.4 A ESTRUTURA DE <i>CAGED BIRD</i>	100
3.4.1 O CANTO DE UM PÁSSARO ENGAIOLADO.....	100
3.4.2 A VIOLÊNCIA INTERNA EM <i>CAGED BIRD</i>	106
3.4.3 A VIOLÊNCIA EXTERNA EM <i>CAGED BIRD</i>	111
3.4.4 A VIOLÊNCIA NO ESPORTE EM <i>CAGED BIRD</i>	115
3.4.5 OS PRESENTES DE NATAL EM <i>CAGED BIRD</i>	117
3.4.6 A “MORTE” DE MAYA EM <i>CAGED BIRD</i>	118
3.5 A “MORTE” EM <i>CAGED BIRD</i>	123
3.5.1 O <i>FLASHBACK</i> EM <i>CAGED BIRD</i>	123
3.5.2 A MORTE DAS PALAVRAS EM <i>CAGED BIRD</i> :	
O SILÊNCIO.....	125
3.6 O MOVIMENTO GEOGRÁFICO EM <i>CAGED BIRD</i> : A BUSCA POR	
FIXAR RAÍZES.....	127

3.6.1. OS CASULOS EM <i>CAGED BIRD</i> : A LOJA DE MOMMA.....	130
3.6.2 A RESSURREIÇÃO EM <i>CAGED BIRD</i> : VIAGEM DA MORTE À VIDA.....	131
3.7 ELEMENTOS AFRICANOS EM <i>CAGED BIRD</i>	134
3.7.1 O PODER DAS PALAVRAS.....	134
3.7.2 A QUEBRA DA LOUÇA EM <i>CAGED BIRD</i> : A REDEFINIÇÃO DO “EU” PELA IMPORTÂNCIA DO NOME.....	136
3.7.3 A FORMATURA DE MAYA EM <i>CAGED BIRD</i> E O PODER DA PALAVRA CANTADA.....	139
3.7.4 A RELIGIÃO E A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE EM <i>CAGED BIRD</i>	143
3.7.5 O PERTENCIMENTO EM <i>CAGED BIRD</i>	145
3.7.6 O <i>TRICKSTER</i> EM <i>CAGED BIRD</i> : AS FIGURAS MASCULINAS.....	147
3.8 A RETOMADA DO CONTROLE EM <i>CAGED BIRD</i>	150
3.9 O CONFRONTO RACIAL E O PROTESTO EM <i>CAGED BIRD</i>	153
3.10 O NATAL ÍNTIMO DE MAYA EM <i>CAGED BIRD</i>	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163

INTRODUÇÃO

Sobre viver. Duas palavras que ao serem reunidas, descrevem a trajetória das escritoras afro-americanas em seu fazer literário.

Palavras e seu poder. Por meio do silêncio, essas escritoras aprenderam que as palavras são veículos capazes de transformar a realidade e, em contrapartida, afetar outras pessoas nesse processo, isto é, quando o indivíduo transforma-se, são desencadeadas mudanças no tecido social.

Veremos que o desenvolvimento dessa relação se faz presente em Maya Angelou, pois sua primeira obra, que é autobiográfica, expõe o ato de emergir da mera sobrevivência ao ato de sobreviver pela palavra de modo à reconstruir a própria identidade enquanto mulher e negra.

Em vista desses fatores, nosso trabalho foi estruturado partindo da relação escravista dentro da história e suas conseqüências aos africanos desenraizados de sua terra natal que foram enviados aos Estados Unidos tendo como bagagem suas crenças, sua história e tradições (guardadas somente de uma forma: pela palavra falada e cantada) e um coração carregado de morte, dor, angústia e sofrimento.

Mães e irmãs que, diante da visão do sofrimento lançaram filhos ao mar; mulheres negras que foram violadas; mulheres negras que não puderam expressar sua dor. Uma dor latente que impregnou seus descendentes no Novo Mundo, um mundo sem promessas a serem cumpridas, sem sonhos, sem palavras. Um mundo de Silêncio.

Em um segundo momento, trataremos da primeira tentativa de articulação da voz das mulheres afro-americanas. Tal processo foi pautado na liberdade e, para consegui-la, uma guerra foi iniciada a fim de promover a mudança de senhores para as mulheres negras que continuaram a ser negras, “escravas”, violadas, silenciadas.

Após o final da guerra, juntaram-se os destroços, recolheu-se o que estava disperso e reconstruíram-se as instituições pertencentes a uma nação que não pertencia aos afro-americanos e que, por conseguinte, não os reconhecia.

Restou a esse povo apenas a fé traduzida na adoração a Deus feito por meio de cantos, sermões, da tristeza expressa pela palavra cantada, o *Blues*, e pela esperança de alcançar a Terra Prometida que era traduzida pela alegria do jazz.

Destarte, no universo afro-americano feminino, a palavra começava a emergir nas conversas e histórias faladas e cantadas pelas mães e avós às suas filhas, netas e bisnetas; em primeiro lugar nas senzalas e, posteriormente, de forma mais intimista ainda, na solidão das cozinhas. Essa palavra começa então a ganhar som e as afro-americanas filhas, netas e bisnetas do sul segregado começaram o processo de (re)contar e (re)construir histórias não apenas de si mesmas mas também daquelas que vieram antes delas.

A reflexão de Maya Angelou sobre a vivência, as palavras e seu poder refletem o seu próprio passado, o passado de sua raça e das mulheres afro-americanas para resgatar suas vozes e suas identidades de mulheres e negras, ou seja, é um processo de abandonar a sobrevivência para iniciar a vivência.

CAPÍTULO I

“Quando a América tiver um dia uma literatura avançada, não há dúvida de que os negros difundirão aí as idéias de sua antiga pátria.”

Ferdinand Denis, 1824

1 O PROCESSO DE ESCRAVIZAÇÃO DOS AFRICANOS

O avanço tecnológico que surgiu com a invenção da bússola, do astrolábio, da pólvora, das caravelas e do aço possibilitou aos europeus conhecer e ampliar a exploração comercial de novas terras. O passo seguinte, logo após a exploração, era a conquista de povos, que gerou a necessidade de mão-de-obra barata, aqui denominada, escrava para trabalhar nessas terras e, para tanto, optou-se pela escravidão que já estava enraizada na África como fonte de rendimentos.

A escassez de terras para serem compradas como propriedade privada impulsionou duas maneiras de aquisição: uma, pela linhagem; outra, apenas na condição de um governante .

As unidades familiares na África eram relativamente grandes, sendo que cada grupo poderia pleitear a descendência de um ancestral mítico comum. Este ancestral mais antigo geralmente era o primeiro a ocupar a terra e que poderia alegar junto aos seus pares proteção de uma divindade para possuir a terra.

Por outro lado, os governantes podiam possuir terras e aqueles que a utilizavam para o plantio deveriam pagar um aluguel ao Estado, que era o real proprietário, e que contava com o governante como aliado para a manutenção e fiscalização dos rendimentos das tributações pagas ao próprio Estado.

Esse sistema de corporação em que os africanos não eram proprietários de terras conferiu importância à escravidão na África como forma de gerar riquezas, fato que propiciou a escravização, destes, mediante duas formas:

Primeiro, eles tornavam-se uma forma proeminente de investimento e manifestação de riqueza privada – um modo seguro de gerar fortuna [...] Segundo, os escravos eram utilizados pelos funcionários do Estado como um grupo dependente e leal, tanto para a produção de renda como para desempenhar serviço administrativo ou militar na luta¹ [...]

¹ THORNTON, John. *A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro: Campus, 2004, p. 142.

Como os africanos não tinham um fator de produção, o trabalho acabou tornando-se uma propriedade privada com mecanismos de controle do desempenho para gerar aos empreiteiros uma renda estável.

Os europeus, ao contrário dos africanos, podiam adquirir terras, que para gerar renda por meio do cultivo da terra. Por conseguinte, muitas terras foram arrendadas em troca de remuneração ou eram exploradas por trabalhadores contratados. Esse trabalho arrendado ou contratado não era facilmente encontrado, e quando os trabalhadores não aceitavam as condições impostas pelos donos de terras, utilizava-se o trabalho escravo.

Nessa perspectiva, os escravos eram explorados pela ganância de seus donos, que os submetiam a condições desumanas de trabalho. Portanto, ricos mercadores, fornecedores de escravos ou governantes foram aqueles com quem os europeus estabeleceram contato, já que a base legal da riqueza africana estava ancorada na idéia de transferir propriedade de pessoas.

Devido à ganância de algumas elites africanas, o comércio de escravos desenvolveu-se alicerçado no sistema legal africano, legitimando a disseminação do comércio de escravos. Dessa forma, os europeus fomentaram esse mercado de forma indireta por meio do incentivo às guerras.

Neste contexto, a Europa controlava a tecnologia militar que incluía algo que a África não possuía: cavalos e armas. Sendo assim, os africanos foram impelidos a negociar escravos em troca de tecnologia militar necessária para defender-se dos inimigos. A tecnologia era usada também para conseguir escravos, uma vez que sem esse comércio não era possível adquirir poderio bélico para as guerras que possuíam finalidades políticas e econômicas.

Considerando que a escravidão expandiu-se de forma paralela ao comércio, já que o escravo era força de trabalho e mercadoria, alguns reis e governantes financiavam guerras com o objetivo de capturar escravos e depois vendê-los. Portanto, o impacto desse tráfico teve repercussão em toda a África, ocasionando um deslocamento imensurável em um dos maiores movimentos de populações do mundo: a diáspora africana.

1.1 A DIÁSPORA AFRICANA PARA AS AMÉRICAS

O desenraive populacional causado pela diáspora africana foi um dos maiores deslocamentos de pessoas da humanidade. Esse contingente de africanos capturados foram levados para a América do Norte, América Central e América do Sul, estabelecendo-se em um território hostil, permeado por conflitos de ordem social, moral e econômica.

Os africanos que chegaram às Américas foram vítimas do mercantilismo e acabaram por tornar-se a força motriz do desenvolvimento capitalista, quer seja trabalhando nas *plantations*² nos Estados Unidos, quer ainda nas lavouras de cana-de-açúcar e de café no Brasil. Contudo, mesmo após terem participado ativamente do processo de construção dessas nações, os africanos e os afro-descendentes não foram chamados a usufruir da riqueza produzida com a força de seu trabalho.

Esse povo, desenraizados de sua terra natal, se viu abandonado na América do Norte, num lugar que os desejava como bens em detrimento de uma cidadania americana. Com a dignidade e humanidade destituída, os africanos foram também confinados aos piores lugares da sociedade.

Nas diásporas vividas por outros povos, a questão era de ordem geográfica, na qual prevalecia o ato de ir e vir, de criar mitos de retorno e permanência, ou até mesmo de adaptar-se ao local, mas sempre com um olhar focado na terra deixada e no intuito de regressar à pátria, fato que em muitas diásporas foi concretizado.

Muitos povos diaspóricos eventualmente mantiveram viva a cultura original e também a identidade, como é o caso dos poloneses que, mesmo fora do país, deixaram viva a língua e a cultura mediante diversas instituições que deram suporte como a igreja, as escolas e jornais, como afirma Safran³.

Todavia, a diáspora africana para as Américas teve uma consequência drástica para os africanos à medida que não possibilitou a esses povos escolher entre permanecer na

² “Termo técnico da língua inglesa, de uso internacional. Designa o estabelecimento agrícola que, em regime de monocultura e sob direção centralizada, combina as atividades de cultivo e beneficiamento em larga escala e com grande emprego de capitais, máquinas e pessoal. Na época escravista, designava as fazendas e os engenhos de cana-de-açúcar, café, algodão etc. que, comandados por um único proprietário, exploravam a mão-de-obra escrava.” (LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004, p. 536)

³ SAFRAN, William. “Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return”. In: VERTOVEC & COHEN, Robin (Editors). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. UK & USA: Edward Elgar Publishing Ltd, 1991.

terra de origem ou partir para outro local distante. Já outros povos tiveram a opção de retornar ao país de origem em um contexto social mais favorável.

Dessa maneira, retirados à força da terra natal e coagidos a irem para um local distante e desconhecido sem possibilidade de regresso, já que além de não possuírem auspícios financeiros, a língua nacional, costumes sociais e religiosos haviam sido diluídos na passagem do meio⁴ e também por não haver um lugar para retornar.

Alguns teóricos, mesmo diante desses fatos, não consideram o deslocamento africano como uma diáspora *par excellence*⁵. Desta forma, Safran⁶ afirma que a diáspora judaica configura-se como o tipo ideal de diáspora, e refere-se à diáspora africana como uma *quasi-diaspora*⁷, por compartilhar apenas algumas das características encontradas na diáspora do tipo ideal.

No entanto, nos parece inadequado ater-se somente às definições propostas por Safran⁸, uma vez que tais definições não consideram a especificidade histórica de conformação desse deslocamento. Portanto, o maior entrave no caso africano não reside somente na saída, mas no desenraizamento e nos problemas oriundos por estar na terra do Outro.

A rearticulação de uma identidade cultural nesse novo local de opressão e delimitação de fronteiras é uma das questões que deve ser levada em consideração, antes de excluir o caso africano que, em nosso entender, possui especificidades que transcendem aquelas encontradas nas diásporas do tipo ideal.

1.2 ALGUNS PONTOS DE VISTA ACERCA DA DIÁSPORA

O termo *diáspora* é originário do grego *dia*, que significa “através” e *speirein*, que significa “semear”. A primeira referência ao termo é encontrada na Bíblia em Deuteronômio⁹ com a noção de dispersão. Em seguida, a definição clássica de diáspora era

⁴ “Denominação dada na literatura sobre o tráfico de escravos, à longa e tenebrosa viagem dos navios negreiros da África para as Américas.” (LOPES, 2004, p. 439).

⁵ SAFRAN, 1991, p. 84.

⁶ SAFRAN, 1991.

⁷ CLIFFORD, James. “Diasporas”. In: _____. *Routes, Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge, Mass. & London: Harvard University Press, 1997, p. 249.

⁸ SAFRAN, 1991.

⁹ Deuteronômio. Português. In: *A Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo et alii. São Paulo: Paulus, 1990, p. 193-238.

usada para referir-se de modo específico aos judeus, ao exílio da terra natal e consequente dispersão para outras terras.

Nesse primeiro momento, o termo abarcava a ideia de opressão, degradação moral e vitimização, sendo muitos termos relacionados à diáspora usados como sinônimos: *diáspora e comunidades diaspóricas*, tornando-se uma generalização para designar todos àqueles que estavam fora do lugar de origem.

Walter Connor segundo Safran,¹⁰ usa o termo para referir-se às pessoas que vivem fora da terra natal. Essa definição foi ampliada por Safran¹¹, que postula algumas características para que um deslocamento se configure como uma diáspora do tipo ideal.

1) they or their ancestors, have been dispersed from a specific original “center” [...]; 2) they retain a collective memory, vision, or myth about their original homeland – its physical location, history, and achievements; 3) they believe that they are not [...] fully accepted by their host society [...]; 4) they regard their ancestral homeland as their true, ideal home and as the place to which they or their descendants would (or should) eventually return [...]; 5) they believe that they should, collectively, be committed to the maintenance or restoration of their original homeland [...]; and 6) they continue to relate, personally or vicariously, to that homeland¹² [...]

Safran¹³ compara algumas diásporas à judaica e revela que muitos movimentos são considerados diaspóricos devido compartilhar algumas características apresentadas por ele. Dentre as quais, menciona o caso dos ciganos que, segundo ele, confirmam a diáspora clássica porque

They are a truly dispersed and homeless people; their political powerlessness has rendered them subject to persecution and – under Nazi rule – to genocide [...] though however many generations they can trace their residence in a host country, they evince “the spirit of the first generation in the links they maintain [...] they are even a “metadiaspora” in their economic rootlessness: in their exclusion – largely, in effect, a self-exclusion – from the economic life of the host society, they represent the epitome of the Jewish *Luftmenschen* eastern Europe¹⁴ [...]

¹⁰ CONNOR *apud* SAFRAN, 1991.

¹¹ SAFRAN, 1991.

¹² SAFRAN, 1991, p. 83-84.

¹³ SAFRAN, 1991.

¹⁴ SAFRAN, 1991, p. 83.

O desencrave africano para as Américas não é considerado pelo autor como uma diáspora, mas como uma *quasi-diaspora*¹⁵, visto que não há elo cultural em relação a uma fonte e, apesar de alguns africanos manterem o mito do retorno, não existe um foco claro do que seja a herança cultural africana.

Portanto, não é possível restaurar um lar africano e assim o desejo por tal restauração é traduzido em forma de solidariedade entre membros da comunidade, o que levou à articulação de uma cultura que mantém, numa forma de hibridismo cultural, alguns traços da cultura africana e da cultura americana.

Por outro lado, Clifford¹⁶ critica a visão reducionista de Safran¹⁷ ao afirmar que não se pode esperar que as sociedades partilhem das mesmas qualidades, já que suas histórias são díspares, visto que uma diáspora está relacionada a longas distâncias e também com a separação, o que se assemelha ao exílio.

O discurso da diáspora relaciona-se à questão do re-enraizamento e à busca de formas de identificação fora do espaço nacional e a tentativa de manter viva a memória dos mitos, histórias e da cultura da terra de origem. Nesse sentido, a articulação da cultura negra da diáspora procura outras formas de ser negro e ser outra coisa em relação à África e às Américas, numa relação que é sempre tensa devido a constante ressignificação de si perante o “Outro”.

Nessa relação “Nós” *versus* “Outros”, emergem traços da cultura de origem, o que constitui a consciência diaspórica dos sujeitos de duas maneiras:

negatively by experiences of discrimination and exclusion [...] positively through identification with world-historical cultural/political forces, [...] diasporic consciousness “makes the best of a bad situation”. Experiences of loss, marginality, and exile [...] are often reinforced by systematic exploitation and blocked advancement.¹⁸

Essa proposição se aproxima, em nosso entender, do conceito de dupla consciência de W. E. B. Du Bois¹⁹. O autor define dupla-consciência como duas almas, dois

¹⁵ CLIFFORD, 1997.

¹⁶ CLIFFORD, 1997.

¹⁷ SAFRAN, 1991.

¹⁸ CLIFFORD, 1997, p. 256-257.

¹⁹ “DU BOIS, W. E.B. (1868-1963). Assinatura de William Edward Burghardt DuBois, líder pan-africano nascido em Great Barrington, Massachusetts. Um dos homens mais influentes de seu tempo, foi o primeiro negro a receber o título de doutor em Filosofia pela Universidade de Harvard. Em 1896 publicou o clássico *The Suppression of the African slave trade* e, sete anos depois, *The soul of black folk*, no qual consolida sua

pensamentos, dois esforços inconciliáveis, dois ideais em conflito presos em um só corpo e a constante tentativa do sujeito diaspórico em balancear esse transtorno dentro de si.

Outra teórica, Avtar Brah²⁰, avançou um pouco mais na definição de diáspora. A autora trata a diáspora, até certo ponto, de forma semelhante a Safran²¹, pois afirma que nem toda jornada é uma diáspora. As diásporas devem ser historicizadas e têm relação direta com o desenraizamento e re-enraizamento em um outro lugar.

At the heart of the notion of diaspora is the image of a journey. Yet not every journey can be understood as diaspora. Diasporas are clearly not the same as casual travel. Not do they normatively refer to temporary sojourns [...] diasporic journeys are essentially about settling down, about putting roots 'elsewhere'²².

Notamos que a proposta de Brah²³ se assemelha ao nosso argumento sobre re-enraizar raízes, visto que o deslocamento da diáspora africana não se resume ao deslocamento físico; ele vai mais além. Há um triplice deslocamento: físico, linguístico e cultural.

O deslocamento físico implica em estar presente na terra do “Outro”, na terra distante e desconhecida, e traz em seu bojo a questão da forma, ou seja, como o grupo hospedeiro receberá o estrangeiro. Mesmo após haver descendentes dos primeiros africanos na América do Norte, estes sempre foram tratados como os estranhos, portanto, não lhes foi dada a possibilidade de fazer parte da cultura que os recebeu.

O estabelecimento desse grupo e sua chegada são importantes, como observado por Clifford²⁴, que afirma ser importante a história do deslocamento, sofrimento, resistência ou adaptação ao novo local, bem como vislumbrar discursos, processos econômicos, políticas estatais e práticas institucionais, que garantem a sobrevivência desse povo.

oposição às idéias de Booker T. Washington, o fundador de Tuskegee. Em 1905, como consequência dessa oposição, Dubois lidera o Niagara Movement, reivindicando igualdade de direitos para os negros em todos os níveis. Durante mais de cinquenta anos, até sua morte em Gana, para onde emigrara em 1961, atormentado pelos segregacionistas brancos de seu país, que o forçaram a exilar-se e abdicar da cidadania norte-americana, Dubois escreveu mais de quinze livros e engajou-se em vários movimentos, inclusive a favor dos direitos das mulheres, afirmando-se como um dos líderes negros mais notáveis e progressistas.” (LOPES, 2004, p. 244).

²⁰ BRAH, Avtar. *Cartografies of Diaspora: Contesting Identities*. London & New York: Routledge, 1996. (Chapters 8 and 9), p. 178-248.

²¹ SAFRAN, 1991.

²² BRAH, 1996, p. 182.

²³ BRAH, 1996.

²⁴ CLIFFORD, 1997.

O segundo deslocamento, o deslocamento linguístico, tem relação direta com a maneira de representar a terra de origem e compreender o local hospedeiro. Assim, o Atlântico pode ser usado como uma metáfora para o apagamento das possibilidades de verbalização do sofrimento, da dor e do desencrave desse povo, pela mistura entre o Atlântico negro e o Atlântico branco, diluindo a identidade cultural dos africanos e com as possibilidades de significação do “eu”.

As fronteiras e o próprio indivíduo são dissolvidos na passagem dos Atlânticos e, nessa nova terra, não há referências para evocar aquilo que está guardado no interior do indivíduo, ou seja, os horrores da captura e da passagem do meio, e o fato de estar em uma terra que não é de origem para ser explorado. Sendo assim, o evento-limite, caracterizado pela escravização, precisa ser exteriorizado e re-encenado para ser esquecido, que implica na perda da origem rumo a um destino forçado numa terra inóspita.

O terceiro deslocamento, o deslocamento cultural, reflete a falta de poder do escravo neste novo mundo, marcado pela depravação, abuso e alienação. Neste novo espaço, o escravo é colocado em um cenário absolutamente desconhecido e todos os atributos ligados à língua, família, amigos, e religião são subitamente cortados e arrancados.

O desafio imposto a esse povo foi encontrar formas de reter na memória as imagens ou espectros da terra natal, os horrores da prisão, a passagem transatlântica e recontá-la por meio de gerações para preservar e defender aquilo que se é, ou seja, a própria identidade em detrimento das definições impostas pelos donos e captores de escravos. Todo o esforço deste povo consistiu em (re)fazer, (re)imaginar e (re)contar a própria história pela perspectiva dos negros.

No sentido histórico, Brah²⁵ define diásporas como jornadas compostas por diferentes partes do globo com suas particularidades e histórias. Conseqüentemente, a identidade do grupo diaspórico não será fixa, mas constituída pelas inúmeras narrativas, tanto individuais quanto coletivas, que serão transformadas e revividas pelos indivíduos daquela comunidade por meio de histórias que serão contadas e recontadas aos demais membros e seus descendentes.

Todas as diásporas têm modalidade: abarcam o gênero, a raça, a língua, e a religião e isso as diferenciam umas das outras, mesmo relacionadas à construção do “Nós”. É necessário considerar o “Outro”, visto que a oposição como, por exemplo, branco e negro

²⁵ BRAH, 1996.

dependerá de certos fatores, tais como quem são os “Outros” e qual sua posição na estrutura social.

Esses binarismos específicos são importantes na medida em que podem racializar os discursos dentro de determinados contextos. Para isso, é preciso analisar como determinados binarismos foram construídos e como tal construção afetará a estruturação do poder.

As diversas formas de racialização conduzem um racismo que constituirá os sujeitos e que suscitam reflexões sobre a construção do olhar dos americanos brancos em relação aos negros, bem como sobre os mecanismos discursivos que legitimaram a diferença e o estereótipo em se tratando do negro. É importante destacar que a diáspora é discutida em dicotomias que envolvem Nós e Outros, Nativo e Estrangeiro, e ainda os termos maioria e minoria.

Conforme Brah²⁶, os conceitos maioria e minoria foram empregados por Mohamed e Lloyd como uma articulação política e cultural como forma de subjugar a cultura dominante. Sendo assim, o discurso das minorias, por sua vez, é marcado por histórias ligadas ao cotidiano como dominação, subjugação, degradação, violência racial, policiamento e inferiorização.

Esse discurso é emblemático por ensejar dicotomias e perpetrar as relações assimétricas de poder. Por essas razões, Brah²⁷ propõe um conceito de diáspora que ofereça simultaneidade de posições para os sujeitos diaspóricos na constituição de suas identidades:

is embedded within a multi-axial understanding of power; one that problematizes the notion of ‘minority/majority’. [...] In other words, ‘minorities’ are positioned in relation only to ‘majorities’ but also with respect to one another, and vice versa. Moreover, individual subjects may occupy ‘minority’ and ‘majority’ positions simultaneously, and this has important implications for the formation of subjectivity²⁸ [...]

O conceito de diáspora contempla também a noção de fronteiras que consistem em linhas arbitrárias e simultaneamente em tempos sociais, culturais e estruturas psíquicas.

²⁶ BRAH, 1996.

²⁷ BRAH, 1996.

²⁸ BRAH, 1996, p. 189.

Anzaldúa²⁹ trata o conceito como metáfora para as fronteiras psicológica, sexual, espiritual, cultural e de classes que são racializadas.

Essa afirmação de Brah³⁰ acerca de tais fronteiras não são abstrações, mas são parte da materialidade discursiva das relações de poder em que cada fronteira tem uma narrativa única que engloba elementos de outras fronteiras e, por conseguinte, outras narrativas.

Ainda no tocante à diáspora, Paul Gilroy³¹ se debruça sobre o conceito e afirma que a diáspora negra foi a dispersão histórica pela escravidão e a consequente articulação de culturas negras similares, mas, ao mesmo tempo, díspares no Novo Mundo.

Segundo Gilroy³², há um lado positivo dessa dispersão. Para este, a dispersão e consequente tentativa de sobrevivência na cultura de chegada fizeram emergir novas formas de resistência, que permitiram um retorno à tradição e mantiveram viva a terra de origem.

A “memória viva”

constitui um refúgio. Ela fornece um lar temporário no qual se pode encontrar abrigo e consolo diante das forças viciosas que ameaçam a comunidade racial (quer de forma imaginada ou de outra forma) [...] A escravidão é a sede da vitimização negra e, portanto, do pretendido apagamento da tradição [assim] os negros são instados quando não a esquecer a experiência escrava que surge como aberração a partir do relato da grande história africana, então a substituí-la no centro de nosso pensamento por uma noção mística e impiedosamente positiva da África que é indiferente à variação intra-racial e é congelada no ponto em que os negros embarcam nos navios que os levariam para os inimigos e horrores da *Middle Passage*.³³

Nota-se que o conceito proposto por Safran³⁴ não leva em conta a conformação da diáspora, ao afirmar que a diáspora dos ciganos e poloneses se configura no tipo ideal de diáspora. Assim, como os ciganos são um povo nômade, portanto, escolheram deixar o país de origem de forma voluntária. Caso semelhante aconteceu com os poloneses. Portanto, os dois povos podiam, se assim desejassem, retornar a seus países.

²⁹ ANZALDÚA, Gloria. “Towards a New Consciousness”. In: *Borderlands/La Frontera. The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Book Company, 1987; pp. 77-91.

³⁰ BRAH, 1996.

³¹ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

³² GILROY, 2001.

³³ GILROY, 2001, p. 354-355.

³⁴ SAFRAN, 1991.

Clifford³⁵ amplia a discussão, já que atribui relevância à história do deslocamento do grupo. Todavia, nenhum dos teóricos se ocupa da questão do desenraizamento e rearticulação cultural.

Conforme Clifford³⁶ e Safran³⁷, a diáspora é considerada como dispersão de um grupo devido a fatores externos e internos, sendo uma busca por melhores condições de trabalho, perseguições políticas, entre outros.

Verifica-se que esses teóricos não apontaram que os africanos foram compelidos, coagidos e forçados a sair de seus países e que diversas instituições foram colocadas a serviço dos dominantes, no caso aqui, os brancos europeus, com a finalidade de apagar a conformação histórica da diáspora africana para as Américas e a anulação do passado africano como base para justificar a escravidão. Este desenraizamento trouxe consequências e questionamentos aos africanos que estavam na cultura do “Outro” e eram vistos como “Intrusos” por “não pertencerem” ao lugar onde habitavam.

Nesta perspectiva, o referencial teórico de Avtar Brah³⁸ aponta que a conformação histórica do deslocamento de um grupo e todas as questões laterais envolvidas nesse cruzamento de fronteiras vai ao encontro do deslocamento africano e, sobretudo, Brah³⁹ leva em consideração a questão do desenraizamento e re-enraizamento identitário.

1.3 A CHEGADA DOS AFRICANOS AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Em agosto de 1619, o navio holandês com os primeiros 20 africanos que viriam a ser escravos nos Estados Unidos aporta em Jamestown, na Virgínia. Desse pequeno número de pessoas, nasce a escravidão que conduziu o desenvolvimento da nação americana e teve papel primordial no rápido crescimento da jovem república, produzindo o algodão que alimentou a revolução industrial.

Nos mais de 400 anos de comércio escravo, estima-se que mais de 40 milhões de homens, mulheres e crianças foram levadas da África aos Estados Unidos e, dentre esses,

³⁵ CLIFFORD, 1997.

³⁶ CLIFFORD, 1997.

³⁷ SAFRAN, 1991.

³⁸ BRAH, 1996.

³⁹ BRAH, 1996.

muitos milhões morreram na temível *Passagem do Meio*. Aprisionados em suas terras após extenuantes caminhadas, os africanos eram examinados e enviados aos navios negreiros que os transportariam ao Novo Mundo, rumo ao progresso para os brancos e para a subjugação aos negros.

Os africanos eram acorrentados dois a dois, vindos de milhares de vilas e cidades, de raças diversas, despídos, e com correntes nos pés. Esses povos aportaram na América e foram mantidos escravos para ajudar a enriquecer uma elite branca, modelando as relações econômica, racial, política, religiosa e legal do Novo Mundo.

As grandes propriedades rurais do sul dos Estados Unidos, denominadas *plantations*, consistiam num sistema coercivo, nocivo e desumano construído para manter a estrutura social estabelecida. Atrás da *cortina de algodão*, segundo Bennet⁴⁰, milhões de seres humanos foram sistematicamente privados de cada direito à humanidade, prevalecendo nesse meio a brutalidade e a imoralidade institucionalizadas.

A santidade da família africana foi violada e crianças eram arrancadas de seus pais e depois vendidas. O estupro consistia numa prática comum entre os senhores de escravos e as escravas, gerando milhares de crianças órfãs e, por outro lado, os homens com uma carga de trabalho, além do limite humano, não atingiam idade avançada.

Nas fazendas de anil, fumo e algodão, os escravos trabalhavam do nascer até depois do pôr-do-sol. Segundo Bennett⁴¹, as *plantations* eram uma mistura entre fábrica e vila em que as mulheres escravas normalmente não cuidavam do crescimento de seus filhos, pois trabalhavam nos campos e deixavam os pequenos aos cuidados de outras mulheres.

Muitas crianças andavam em estado de semi-nudez, descalças e eram enviadas aos campos já na idade de seis ou sete anos de idade; já os jovens, aos dez ou doze anos também recebiam uma rotina regular de serviços; a maior parte dos escravos vivia em senzalas com pessoas de todas as idades e condições de saúde.

Nas *plantations* de grande porte havia uma hierarquia entre os escravos: os negros do campo — que trabalhavam no plantio e colheita do algodão — e os negros da casa — que trabalhavam nos afazeres domésticos. Havia também artesãos, enfermeiras e capatazes. Esses últimos eram responsáveis por manter a ordem e disciplina nos campos e deveriam ser respeitados tanto pelo senhor de escravos quanto pelos outros escravos.

⁴⁰ BENNETT, LERONE. *Before the Mayflower: A History of the Negro in America (1619-1962)*. Chicago: Johnson Pub. Co., 1964.

⁴¹ BENNETT, 1964.

Neste cenário, alguns escravos eram designados para aplicar castigos aos demais sempre que qualquer ordem fosse desobedecida. Em algumas situações, esse castigo consistia em trinta e nove chibatadas, entretanto, muitos escravos recebiam até cem chibatadas ou mais em um dia. Tais punições, não dependiam do comportamento obediente dos escravos que eram sempre caracterizadas com agressões e castigos aplicados com requintes de perversidade.

O centro da sociedade escrava era a família, uma instituição frágil, dadas as condições de vida dos escravos. Muitos casamentos entre escravos não possuíam valor legal e o marido, a esposa e filhos podiam ser vendidos para outro senhor de escravos em outro condado, cidade ou estado.

O tratamento dado às mulheres escravas também não era favorável. O cenário desalentador no qual essas mulheres eram violentadas pelos senhores de escravos, seduzidas e, algumas vezes, tornavam-se amantes e, por causa desse tratamento, vítimas da ira de esposas traídas; outras eram vendidas devido aos seus dotes físicos para fins de reprodução.

Para a maior parte dos escravos, a vida nas fazendas era deplorável: homens, mulheres e crianças trabalhavam de forma ininterrupta. As mulheres cortavam árvores, aravam a terra e semeavam; os mais idosos limpavam jardins, faziam pequenos reparos em roupas ou tomavam conta das crianças e dos doentes.

No entanto, os escravos não estavam acomodados às surras, exploração e humilhações constantes sem tentar resistir. Desde sua saída da África, várias estratégias de resistência foram empregadas. A escravidão nos Estados Unidos provou que, sob certas condições, os homens podem ser escravos, mas seu desejo por liberdade, ainda assim, prevalece.

As very few of the negroes can so far brook the loss of their liberty, and the hardships they endure [...] they are ever upon watch to take advantage of the least negligence of their oppressors. Insurrections are frequently the consequence [...] Sometimes these are successful, and the whole ship's company is cut off⁴² [...]

Nos navios negreiros, muitos faziam greve de fome; mulheres jogavam seus filhos ao mar ou sufocavam as crianças por temer por suas vidas no mundo desconhecido. Os suicídios também eram uma prática comum entre os escravos.

⁴² HERSKOVITS, Melville J. *The Myth of The Negro Past*. New York & London: Harper & Brothers Publishers, 1941, p. 88.

Como observou Herskovits: “Ships had to be fitted up with a view to prevent slaves jumping overboard; slaves on occasion would refuse sustenance, with a design to starve themselves; at times they also refused to take medicines when sick, because they wished to die⁴³.”

Em se tratando do Haiti, em 1791, influenciados pelo ideal francês de Liberdade, Fraternidade e Igualdade, os negros planejaram e executaram uma audaciosa empreitada. Na noite de 14 de agosto, ao ouvir o som dos tambores, os homens se moveram de forma silenciosa pelas *plantations* e se reuniram em *Bois Cäïman*. Depois de oito dias, liderados por Boukaman, à meia-noite do dia 22 de agosto de 1791, uma surpresa chegou para os brancos, que em pouco tempo tiveram plantações, prédios, máquinas e fazendas destruídas; os proprietários foram perseguidos, caçados e mortos ou jogados às chamas pelos negros e, nas três semanas seguintes, os negros mantiveram a revolta contra os brancos, fato este sem precedentes e que teve larga repercussão nos Estados Unidos.

Neste contexto, muitos senhores de escravos dormiam com pistolas e com medo de outras revoltas como do Caribe, da América do Sul e da América do Norte que foram rapidamente controladas, mas a revolta do Haiti reabriu antigas feridas e intensificou a aversão dos brancos em relação aos negros.

Nos Estados Unidos revoltas e insurreições eram uma constante nas *plantations* o que contraria a visão romanceada de historiadores que acreditavam na docilidade do negro. Com base nesse cenário, o medo e a culpa passa a dominar os brancos sulistas, que, devido às pressões do negro escravizado, sucumbiam ao ataque cardíaco; outros enlouqueciam com a possibilidade de uma revolta nas fazendas e esse medo teve participação na precipitação da Guerra Civil.

As revoltas durante o período da escravidão, mesmo com pequenas proporções, são peças-chave para compreender a configuração social do Sul do Estados Unidos, desencadeando diversas insurreições e conspirações. Já em 1712, escravos de Nova York se rebelaram e mataram, pelo menos, nove brancos; na Carolina do Sul, escravos rebelados mataram vários brancos e atearam fogo em prédios; depois foram para a Flórida que, naquela época, era território da Espanha. Lá, o grito de liberdade ecoou e durante o percurso os escravos mataram vinte e cinco brancos.

Os ideais das revoluções americana e francesa ecoaram profundamente nas mentes e nos corações dos escravos. Thomas Jefferson e Patrick Henry impressionavam os

⁴³ HERSKOVITS, 1941, p. 87.

conspiradores, mas, um discurso em especial teve grande impacto nos escravos e, em qualquer lugar que houvesse um escravo, o nome de François Dominique Toussaint L'Ouverture era ouvido. Este personificava a luta dos negros em torno da liberdade por ter derrotado o exército inglês e espanhol e também em decorrência da unificação do Haiti.

Nos Estados Unidos, a simples menção dos nomes Gabriel Prosser, Denmark Vesey e Nat Turner não era bem vista, já que estes lideraram revoltas contra os senhores de escravos, ainda que não tivessem sido totalmente satisfatórias. Deve-se destacar o caso de Gabriel Prosser e Denmark Vesey que, serviram para amedrontar e provar que os negros podiam ter o corpo aprisionado, mas não o espírito de luta por liberdade.

Além das insurreições e revoltas, outras formas de protesto e resistência também eram usadas. Alguns escravos fingiam doenças, faziam o trabalho com morosidade, fugiam, maltratavam os animais das fazendas, causavam incêndios criminosos e em outras situações assassinaram os senhores pela administração de venenos.

Com o reconhecimento da Independência em 1783 e a promulgação da Constituição em 1787, o país começou a gozar de certa estabilidade política e rumou para o crescimento. As treze colônias americanas formaram um novo Estado sob o Regime da República Federativa, contando com a expansão territorial mediante migrações internas e com as imigrações européias.

Em 1803, os Estados Unidos compraram de Napoleão Bonaparte a Louisiana; em 1819, compraram a Flórida da Espanha; após a independência do México, o Texas uniu-se aos norte-americanos; em 1846, após o fim do litígio com a Inglaterra, o Oregon foi anexado aos Estados Unidos e a Califórnia, Nevada, Utah, o Arizona e o Novo México foram anexados aos Estados Unidos em 1848.

No oeste, entre 1848 e 1849, deu-se a corrida do ouro na Califórnia. Devido ao *Homestead Act*, em 1862, foram distribuídas terras gratuitamente aos estrangeiros, acelerando a ocupação territorial em direção ao Pacífico e as terras que pertenciam aos índios foram tomadas de forma violenta e vendidas com preço baixo.

A tecnologia teve papel fundamental nesse processo de crescimento e proporcionou lucros rápidos com o incremento acelerado de venda e compra. Um exemplo foi a invenção do descaroçador de algodão, em 1793 por Eli Whitney. Tal invenção auxiliou na disseminação das plantações de algodão na Geórgia e Carolina do Sul e, com a expansão das plantações, era necessária mão-de-obra para essas regiões.

O mercado de escravos para o Sul, por conseguinte, aquecido possibilitou a exportação de algodão para a Europa e com esse desenvolvimento o Sul passou a ditar as regras e conduzir a união e os interesses do país. Em outra direção, durante a expansão do Sul com a exploração da mão-de-obra escrava, a revolução tecnológica colocava o Norte do país nos trilhos do progresso e sinalizava para a emancipação dos escravos.

Já no ano de 1770, o comércio de escravos havia dizimado regiões costeiras da África Ocidental e o custo dos escravos aumentou. Como consequência, o preço dos escravos que iam das Índias Ocidentais para o Norte dos Estados Unidos subiu de forma desproporcional ao contexto econômico da época, desestimulando a compra de escravos para gerir o negócio das *plantations*.

Dessa forma, os donos das *plantations* do Norte dos Estados Unidos identificaram que seria difícil repor o contingente de escravos e isso levou diversos comerciantes a abandonar o negócio. As importações de escravos da África para o Norte caíram depois de 1770 e o comércio interno em torno do tráfico ganhou relevo, levando o Norte a desistir de seu envolvimento na expansão da escravidão.

A Emancipação no Norte contou também com um elemento religioso. Os *Quakers*, considerados os primeiros abolicionistas do Norte, condenavam tanto o comércio de escravos quanto a escravidão. Outro elemento relevante contra a escravidão foi a própria guerra que produziu um ideário de que independentemente da região Sul ou Norte do país o escravo, ao final da guerra, seria livre.

Dessa convergência de fatores, entre 1777 e 1804, as colônias inglesas do Norte, paulatinamente desistiram da escravidão. Com o declínio e consequente fim dessa instituição, muitos ex-escravos que tinham especialização e trabalhavam como artesãos, alfaiates, tecelões ou chaveiros, puderam negociar certos privilégios com seus ex-donos. Contudo, havia os trabalhadores brancos que se opunham à competição com os ex-escravos e como resultado os ex-escravos acabaram excluídos de posições que poderiam permitir-lhes fazer algo com sua recém adquirida liberdade.

Observa-se que o sistema escravo excluía os brancos do mundo do trabalho, mas, por outro lado, nivelava-os ao mesmo patamar dos negros com quem era necessário competir economicamente. Isso fez com que a emancipação fosse apoiada não pela questão moral, mas para que o negro fosse destituído de um lugar fixo na economia.

Com a emancipação no Norte, houve o fortalecimento da tirania racial, o que impôs aos negros novas formas de subordinação que melhor serviriam aos interesses dos brancos.

Então, com o fim da escravidão, em 1860, o Norte avançou definitivamente para a política de industrialização e o Sul teve seu processo econômico estimulado pelo aumento da exportação de algodão para a Europa.

Com o aumento da produção sulista, o Sul impôs tarifas de importação e exportação baixas, enquanto o Norte alegava ser necessária a proteção tarifária para defender-se da concorrência estrangeira, mas, na verdade, o Norte queria formar um mercado interno com a compra de algodão do Sul para industrializá-lo e depois produzir manufaturas necessárias ao país.

No centro dessas controvérsias estava a questão da escravidão que, inserida na complexa rede de compra e venda, era parte da economia do país, sendo responsável pela mobilização de milhões de dólares.

Os sulistas acreditavam que a solução seria expandir as áreas de trabalho escravo que eram limitadas, porém eram impedidos pelos nortistas que queriam a ocupação dos novos territórios pelo trabalho livre dos pioneiros e imigrantes, por ser mais barato. Além disso, o Norte não queria a escravidão nos novos estados do oeste porque isso reforçaria os grupos de políticos da aristocracia sulista.

A nação estava dividida e seria preciso reconstruir uma identidade nacional comum que pudesse sustentar ideologicamente o país dividido por questões raciais e a solução para o impasse estaria no imperialismo norte-americano.

1.3.1 O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

Se o homem branco era responsável pelo progresso e deveria levar luz àqueles povos atrasados e selvagens como os africanos e asiáticos, os norte-americanos brancos abençoados e escolhidos por Deus para fazer cumprir o destino, qual seja: estabelecer-se e conquistar povos mais fracos.

Para evidenciar a mentalidade da supremacia branca, o caso da anexação do Texas ao território norte-americano é um exemplo importante. O México já era independente, desde 1821, e herdara o Texas da Espanha, mas os norte-americanos desejavam esse território; então, em 1823 um acordo garantiu o uso de grandes quantidades de terra e a permissão de entrada dos americanos como agentes de colonização na região.

Em decorrência desse ato, atritos surgiram entre os norte-americanos e o governo mexicano. O México concedia liberdade aos escravos recém-chegados, obrigava os colonos a converterem-se ao Catolicismo e, no ano de 1830, vetou a entrada de mais imigrantes.

Um representante dos Estados Unidos Stephen Austin tentou em 1833 o estabelecimento de um governo de coalizão no México, mas foi preso. Os americanos presentes na região iniciaram uma revolta e declararam, em 1836, a Independência da região, adotando uma República e Constituição com base em preceitos existentes nos Estados Unidos.

O governo mexicano reuniu soldados para invadir o forte Álamo, que continha imagens de São Francisco e São Domingos que reforçou o teor de resistência e heroísmo. Sendo assim, essa e outras batalhas de fronteiras “assumiam caráter definidor da identidade [...] do país.”⁴⁴

Do lado mexicano, o general Sant’Ana queria garantir o respeito às leis mexicanas e a não-separação da região. Como acordo, os americanos não seriam humilhados e o resultado desse conflito identitário contou com o massacre dos colonos que foram transformados em mártires ao defenderem a pátria até as últimas consequências.

Após a derrocada mexicana, em abril de 1836, o México cortou relações diplomáticas com os Estados Unidos e teve não apenas que aceitar a independência do Texas como também ceder territórios que se estendiam até o Rio Grande. A próxima fronteira a ser conquistada foi a Califórnia, que eclodiu em mais uma guerra e criou mais um tratado — o Tratado de Guadalupe-Hidalgo —, e anexou em 1848 mais um território aos Estados Unidos da América.

A tentativa de unir Norte e Sul mesmo em nome do bem comum, ou seja, a nação americana esbarrava na incômoda questão da escravidão. A Cláusula *Wilmont*, proposta por David Wilmont em 1846, baniu a escravidão dos territórios anexados ao México, mas não garantiu a unidade política desejada e suscitou um debate em torno da separação entre a região Norte e Sul do país.

⁴⁴ FERNANDES & MORAIS. “OS EUA NO SÉCULO XIX”. In: KARNAL, Leandro *et al.* *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 127.

1.3.2 LIBERDADE OU MORTE: OS ABOLICIONISTAS

Após a emancipação no Norte, o Compromisso do Missouri forçou a sociedade branca a voltar-se para a questão dos negros: a escravidão e os abolicionistas do Sul não estavam indiferentes. Nessa direção, a cruzada anti-escravidão no Sul começou com encontros locais em igrejas, com panfletos, jornais e livros nos quais ex-escravos do Norte narravam a própria história de vida aos brancos e buscavam evidenciar que os negros estavam na América e tinham direito à nação.

De acordo com Bennett⁴⁵, após uma década de liberdade, os negros do Norte haviam estabelecido certo senso de comunidade e solidariedade com os irmãos negros do Sul e, desse sentimento de solidariedade, surgiram os primeiros abolicionistas negros, o *Freedom's Journal*⁴⁶, as convenções e o movimento de libertação dos escravos sulistas.

Apesar das primeiras articulações do movimento abolicionista, em forma de protestos contra a escravidão, somente se consolidaria como plena força na segunda década do século XIX. Dentre os primeiros abolicionistas negros, David Walker, um negro nascido livre em Wilmington, na Carolina do Norte difundiu ideias radicais e, em 1829, publicou o *Walker's Appeal*, um panfleto abolicionista que incitava os escravos a matarem seus senhores

Outro abolicionista, William Lloyd Garrison, um jovem e promissor jornalista, publicou o jornal *Liberator* em 1831 e também usou palavras duras, mas verdadeiras, ao referir-se à escravidão:

I will be as harsh as truth, and as uncompromising as justice. On this subject [slavery] I do not wish to think, to speak, or write, with moderation. No! No! Tell a man whose house is on fire to give a moderate alarm; tell him to moderately rescue his wife from the hands of the ravisher; tell the mother to gradually extricate her babe from the fire into which it has fallen; but urge me not to use moderation in a cause like the present! I am in earnest —I will not equivocate—I will not excuse—I will not retreat a single inch—AND I WILL BE HEARD⁴⁷.

Ao usar a metáfora da casa em chamas, Garrison mostrou quão contundente e forte deveria ser o debate e ataque à escravidão. Não era possível usar moderação perante o

⁴⁵ BENNETT, 1964.

⁴⁶ “Jornal editado em Nova York por John Russurn e Samuel Cornish, a partir de 1827. Atecedendo em seis anos *O homem de cor*, do brasileiro Paula Brito, foi o primeiro jornal feito por e para negros em todo o mundo.” (LOPES, 2004, p. 283)

⁴⁷ GARRISON *apud* BENNETT, 1964, p. 132-133.

chicote; não era possível usar moderação ante a humilhação e degradação física e psicológica a que o escravo era submetido; não era possível falar com moderação sobre uma instituição que destroçava famílias, roubava filhos e privava um homem do seu direito mais básico, o direito de ser um homem e ser respeitado como tal.

Garrison e outros abolicionistas organizaram a *American Anti-Slavery Society* na Filadélfia em 1833, junto com outros proeminentes homens brancos que simpatizavam com a causa como Robert Pivis, James McCrummell e James G. Barbadoes, um reformista de Boston e os negros Samuel E. Cornish, um ministro de Nova York e Peter S. Williams, um sacerdote episcopal. O movimento tomou como base a Declaração da Independência de Thomas Jefferson e lutou com as armas tradicionais: panfletos, livros, petições e com a própria oratória.

Milhares de negros ajudaram direta ou indiretamente ao movimento como o estabelecimento da *Underground Railroad*, que consiste numa rede complexa de celeiros, estábulos, casas e fazendas que conduzia à liberdade. Muitos escravos fugitivos escalavam montanhas, atravessavam riachos, cortavam as florestas a pé e outros também iam pelo rio Ohio até Chesapeake Bay.

Esses escravos, muitas vezes, eram ajudados por democratas, pelos *Quakers* e por Batistas sulistas. O ato de ajudá-los forçava a opinião pública a posicionar-se contra ou a favor da escravidão e, como argumentou Bennett⁴⁸, isso fez com que a liberdade transitasse entre as rotas de escravos que iam do Sul dos Estados Unidos ao Canadá.

Durante os anos de 1840, os ex-escravos estiveram na batalha abolicionista mediante encontros organizados e convenções, visto que eram a prova viva da expropriação da condição humana que os brancos haviam realizado contra os negros e que se perpetuaria diante de outros escravos no Sul.

Desta maneira, a segunda geração de abolicionistas era composta por palestrantes profissionais como Henry Highland Garnet⁴⁹, Martin R. Delany⁵⁰, William Wells Brown⁵¹;

⁴⁸ BENNETT, 1964.

⁴⁹ “Abolicionista americano nascido em New Market, Maryland, e falecido em Mouróvia, Libéria. Neto de um chefe africano e nascido escravo em uma *plantation*, em 1824 foi para Nova York, com a família, em fuga planejada e executada pelo pai. A partir daí, estudando e progredindo, formouse pastor presbiteriano e foi um dos mais veementes defensores da causa abolicionista. Em 1864, já radicado em Washington, DC, no aniversário da Emenda Constitucional que aboliu a escravatura, tornou-se o primeiro negro a discursar perante o Congresso americano. Em 1881, foi nomeado embaixador na Libéria, onde faleceu no ano seguinte.” (LOPES, 2004, p. 294)

⁵⁰ “Abolicionista americano nascido em Charleston, Virgínia Ocidental. Recebeu as primeiras noções de leitura com um vendedor ambulante de livros que também atuava como professor itinerante, num contexto em que os negros eram proibidos de ler e escrever. Adulto, fundou um pequeno jornal abolicionista,

por mulheres negras como Sojourner Truth⁵² e Harriet Tubman⁵³; por eruditos como J. W. C. Pennington, Alexander Crummell e James McCune Smith.

Nesta segunda geração, destacou-se Frederick Augustus Washington Bailey, que tornou-se conhecido como Frederick Douglass, um ex-escravo que escapou de Baltimore em 1838 e que, três anos depois, contava a história da fuga realizada nas convenções abolicionistas. Douglass conseguiu, por meio de palavras, levar a multidão às *plantations*, que com discurso inflamado sensibilizava multidões, suscitando nos ouvintes indignação ante a hipocrisia do senhor de escravos, que clamava por Deus e não cumpria os preceitos cristãos.

Devido ao sucesso da oratória de Douglass, contrataram-no para proferir palestras, mas que nem sempre era recebida de forma favorável pelo público. Sendo assim, Douglass cresceu no meio abolicionista e com isso a Inglaterra cedeu ao brilhante orador e também para outros abolicionistas espaço necessário para difundir ideias.

Nessa confluência abolicionista, nobres e plebeus ingleses receberam os americanos que permaneceram durante dezenove meses na Inglaterra, despertando a simpatia do povo, num contexto controverso, como a Guerra Civil na qual prevalecia convicções antiescravocratas.

Ao regressar à América do Norte, até o ano da abolição da escravatura, Douglass lutou em defesa do ideário abolicionista que influenciou a eclosão da Guerra Civil. Também as mulheres negras tiveram papel relevante nesse movimento, dentre as quais Sojourner Truth e Harriet Tubman, que eram religiosas importantes na época.

tornando-se, depois, co-editor do *North Star*, o jornal de Frederick Douglass. Iniciou estudos de medicina, mas foi impedido de prosseguir por causa do racismo. Não obstante, por seus conhecimentos, em 1850 salvou centenas de vidas durante uma epidemia de cólera em Pittsburgh. Após a proclamação da Emancipação, foi comissionado pelo presidente Lincoln como o primeiro major negro do Exército dos Estados Unidos. Em 1879, partidário da volta dos negros para a África, publicou *Princípios de etnologia: a origem das raças de cor*, no qual discute o papel do povo negro na civilização universal.” (LOPES, 2004, p. 232)

⁵¹ “Novelista e dramaturgo americano nascido em Lexington, Kentucky. Escravo fugido, viveu em Londres e foi o primeiro afro-americano a publicar um livro de viagens, *Three years in Europe* (1852), um drama, *Brown’s clotel or the president’s daughter* (1853) e uma novela, *A leap to Freedom* (1858).” (LOPES, 2004, p. 143)

⁵² “Abolicionista e pregadora religiosa americana nascida Isabella Baumfree, em Ulster County, no estado de Nova York, e falecida em Battle Creek, Michigan. Libertada em 1827, fixou-se na cidade de Nova York, de onde, dizendo-se impulsionada pela palavra de Deus, de quem teria recebido o novo nome e a missão de pregar a Verdade (Truth), viajou pregando a abolição da escravatura e a adoção dos direitos civis por todo o país. Oradora carismática e convincente, além de prática e objetiva em suas ações, foi uma das grandes figuras dos primórdios da luta negra nos Estados Unidos.” (LOPES, 2004, p. 628)

⁵³ “Militante antiescravista americana. Desde 1849, ano em que fugiu de uma fazenda de Maryland, onde era cativa, participou ativamente da Underground Railroad, conseguindo que mais de trezentos fugitivos da escravidão encontrassem refúgio nos estados do Norte e no Canadá. Durante a Guerra da Secessão, serviu como espiã da União junto ao exército da Confederação.” (LOPES, 2004, p. 659)

Sojourner difundia a abolição e atuava como professora na época. Apesar de possuir pouca educação formal, era pessoa cativante e dotada de grande poder de síntese. Já Harriet nasceu em Maryland e passou grande parte da vida na escravidão e somente aos vinte e cinco anos de idade conseguiu escapar da escravidão. Esta arriscou a vida várias vezes ao retornar ao Sul do país para auxiliar homens, mulheres, crianças, jovens e idosos a fugir do cativeiro.

Os abolicionistas paulatinamente depararam-se com o difícil propósito de integrar o negro à América que poderia acontecer por intermédio da política, da revolta armada ou, até mesmo, da condescendência dos senhores brancos.

Alguns abolicionistas, como Marcus Garvey⁵⁴, defendiam o retorno dos escravos à África, entretanto, a ideia não destacou-se no meio abolicionista. Alguns abolicionistas nacionalistas como Delany antecipavam as idéias de W. E. B. Du Bois sobre a situação étnica entre brancos e negros.

De acordo com Delany, o assunto relacionado às raças era decisivo para o futuro da humanidade, sendo que a única esperança para os negros rumo à liberdade estava em Abraham Lincoln.

⁵⁴ “Líder pan-africanista nascido na Jamaica e falecido no exílio em Londres. Grande orador, firme e inteligente, foi o primeiro a formalizar a idéia pan-africanista de soberania política das nações negras e de retorno da Diáspora ao continente de origem. Dentro desse propósito, em 1914 fundou a UNIA, Universal Negro Improvement Association (Associação Universal para o Progresso do Negro), entidade que chegou a ter entre 4 e 6 milhões de membros distribuídos por vários países. Em 1916, transferiu a sede da associação para os Estados Unidos, onde publicou, a partir de 1918, o semanário *The Negro World*, órgão precursor na divulgação das idéias do afro-centrismo. Em agosto de 1920, a UNIA realizava seu primeiro congresso de âmbito nacional. Perseguindo o objetivo de criar um Estado negro na África, ante a constatada impossibilidade de os descendentes de africanos gozarem de direitos plenos nos Estados Unidos, Garvey criou a Black Star Shipping Line, uma companhia de marinha mercante que faria a rota Estados Unidos-África, integrada por vários navios velhos, comprados a armadores brancos e que, ao que consta, não chegaram a sair do estaleiro. Em 1928, o líder voltava deportado para a Jamaica acusado de “fraude fiscal”. Derrotado e humilhado por seus adversários, exilou-se em Londres, de onde, em 1935, condenou a fraqueza de Hailé Selassié diante da invasão da Etiópia pelo facismo italiano, o que afastou muitos de seus antigos seguidores [...] Em 1964, seus restos mortais foram trasladados para a Jamaica e sua memória reabilitada como a de um grande herói nacional.” (LOPES, 2004, p. 295)

1.3.3 ABRAHAM LINCOLN: A ESPERANÇA DA NAÇÃO BRANCA E O DESENCANTO DO POVO NEGRO

“Este país, com suas instituições, pertence ao povo que o habita.”
Abraham Lincoln

A eleição de 1860 teve como grande questão a escravidão. Não tanto pelo aspecto moral, sobretudo, pelas perdas econômicas que imporia.

Naquele ano, Abraham Lincoln foi indicado como candidato pelos Republicanos e considerado como abolicionista moderado, defensor do solo livre, e da manutenção da unidade nacional. Assim, a indicação de Lincoln não agradou aos sulistas, que o chamavam de conservador por não defender abertamente uma luta para finalizar o regime escravista no país.

Lincoln lidou por um período com pressões externas na administração do governo dele e, mediante um “discurso ambíguo⁵⁵”, defendia a superioridade da raça branca, com o uso da força junto aos estados separatistas, e, por vezes, apresentava discurso em defesa dos interesses dos escravos. Paralelamente, os sulistas queriam expandir a escravidão para o lado oeste e, para estes, a ambiguidade de Lincoln era considerada abolicionista e assemelhava-se ao jornal *Liberator* e ao abolicionista Frederick Douglass.

Em outras palavras, os sulistas reconheciam Lincoln como indivíduo contrário aos ideais preconizados pela região Sul da América do Norte. Após assumir o comando do país, o recém presidente declarou que não aceitaria a secessão e as hostilidades formais, que foram no decorrer do tempo consideravelmente acentuadas.

Em 20 de dezembro de 1860, a Carolina do Sul desligou-se da União e paulatinamente seis outros estados seguiram o mesmo destino. Os separatistas formaram os Estados Confederados da América e o presidente provisório escolhido Jefferson Davis contou com o vice-presidente Alexander Stephens.

Neste cenário, o estado de guerra sulista teve como plataforma interesses econômicos e o repúdio à campanha abolicionista. Com isso, os sulistas esperavam que o Norte aceitasse de forma pacífica a separação, mas na falta de consenso não deixariam de partir para uma guerra.

⁵⁵ FERNANDES & MORAIS, 2008, p. 130.

Devido ao desenvolvimento tecnológico, o Norte contava com cerca de 35 mil quilômetros de estradas de ferro e com o desenvolvimento da indústria bélica, do barco a vapor e do telégrafo; o Sul, por sua vez, com número menor de homens, contava com estrategistas e com os moradores da região para lutar na guerra. Essas duas regiões em conflito deflagraram uma sangrenta batalha, denominada Guerra da Secessão.

Em 12 de abril de 1861, o Sul iniciou uma ofensiva que culminou com o cerco do forte Sumter e, neste contexto, os escravos sulistas tiveram papel preponderante na luta pela liberdade.

1.3.4 A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NA GUERRA DE SECESSÃO

Segundo Bennett⁵⁶ e Fernandes & Morais⁵⁷, os escravos utilizaram a guerra como meio de lutar contra a escravidão, haja vista que a guerra deflagrada era contrária aos interesses escravocratas do Sul e de enriquecimento do Norte.

Para Bennett⁵⁸, a participação dos negros nas trincheiras e nas tropas favoreceu a queda do império escravocrata. Portanto, o Sul sabia o motivo pelo qual lutava e, o Norte, por sua vez, notou que necessitava do negro para vencer e, por conseguinte, não podia ignorá-lo. Tampouco seria possível acabar a guerra sem que se chegasse a um consenso sobre o que significava ter o negro na América e qual lugar ocuparia na sociedade.

Nessa direção, vários generais organizaram regimentos de soldados negros, mesmo sem a aprovação do governo, que somente reconheceu tais regimentos em 1863 e, em Nova Orleans, o general Ben Butler convidou homens negros para lutar e teve a seguinte resposta:

“General”, the spokesman said, “we come of a fighting race. Our fathers were brought here because they were captured in war, and in hand to hand fights, too. We are willing to fight. Pardon me, General, but the only cowardly blood we have got in our veins is the white blood⁵⁹”.

Após essas palavras, formou-se o *First Louisiana Native Guards*, o primeiro regimento a receber negros como oficiais do exército. Posteriormente, muitos outros combatentes obtiveram emprego na União, contando ao final de 1863 com cerca de 50 mil

⁵⁶ BENNETT, 1964.

⁵⁷ FERNANDES & MORAIS, 2008.

⁵⁸ BENNETT, 1964.

⁵⁹ BENNETT, 1964, p. 169.

soldados. Ao final da guerra, o coronel N. P. Hallowell afirmou que os negros haviam demonstrado bravura, comportamento esperado de homens de pele escura, prometendo igualdade de tratamento em relação aos soldados brancos. Este suposto reconhecimento do negro no campo de batalha não se confirmou, já que os soldados brancos receberam treze dólares por mês, em contraposição aos negros que receberam somente sete dólares.

Noutra perspectiva, alguns regimentos de soldados negros recusaram receber os sete dólares e, mesmo assegurados por uma lei de equivalência para garantir a diferença não recebida, optaram por não receber tal quantia, uma vez que lutaram por liberdade. Mesmo com a falta de pagamento e em condições adversas no exército, alguns negros ainda foram assassinados ou vendidos como escravos.

Uma força rebelde chefiada pelo major Nathan Bedford Forrest massacrou um grupo predominantemente de negros em *Fort Pillow* no Tennessee, caracterizando assim o pior incidente que ocorreu durante a guerra. Soldados foram mortos a sangue frio, queimados e, outros, enterrados vivos. Também mulheres e crianças negras não foram poupadas.

Em diversos ataques de pequenas proporções, a presença dos soldados negros foi relevante para que se vencesse a batalha, como a *Second Division of the all-Negro Twenty-Fifth Corps*, que deu cobertura às tropas do general Lee de Petersburg ao Appomattox.

Após a Batalha de Gettysburg, em novembro de 1863, o presidente atribuiu ao conflito um caráter de luta pela democracia, silenciando a questão racial. Devido às pressões externas e falta de um acordo sobre a escravidão, nas novas terras do oeste americano, Lincoln, num ato estrategicamente pensado, percebeu que a Emancipação lhe traria popularidade e aceleraria o fim da guerra, além de conseguir apoio de europeus desfavoráveis à escravidão.

Nesse cenário, no dia 1º de janeiro de 1863, foi proclamada a Lei de Emancipação dos Escravos e paralelamente nas áreas distantes, à medida que as tropas da União venciam batalhas, os escravos tornavam-se livres. Entretanto, a efetiva proibição da escravidão somente aconteceria em 1865 com a Décima Terceira Emenda da Constituição norte-americana.

Para os ex-escravos, o termo liberdade agregava diferentes significados como liberdade pela garantia de casamentos reconhecidos por lei; liberdade para frequentar cultos e igrejas; liberdade para aprender a ler e acompanhar a palavra de Deus; liberdade para sentar-se, deitar-se e levantar-se em variadas circunstâncias.

O conflito serviu para libertar os escravos e criar o mito de Lincoln como grande estadista e defensor da liberdade, forjando uma identidade nacional baseada na superioridade do mundo do Norte ao delimitar a trilha histórica que a nação seguiria.

Com a Emancipação, os escravos passaram a ter um “sentimento de justificativa moral para o enfrentamento⁶⁰” e, com isso, a liberdade estava associada ao progresso e prosperidade, favorecendo, no período pós-guerra, o surgimento de uma comunidade negra no Norte que reivindicava nova posição social na vida americana.

Em face de tais fatos, era preciso rearticular a nação e reescrever uma história da América baseada na unidade nacional, ancorada nos princípios de democracia e soberania, entretanto, para os negros, naquele contexto, o trabalho de Emancipação ainda se constituía de forma incipiente.

1.4 A RECONSTRUÇÃO (1863-1877)

O período que se seguiu ao fim da guerra foi marcado por muitos questionamentos, dentre eles, que caminhos a nação deveria seguir, como reincorporar territórios, e ainda como lidar com o fim da escravidão no país. Do ponto de vista político, dois caminhos foram propostos: um, apontava uma reconstrução radical dos territórios devastados, sem nenhuma garantia aos antigos donos de escravos que queriam restituição financeira pelas perdas, portanto, desejava-se que os negros do Sul tivessem direitos da cidadania americana; o outro caminho, uma reconstrução mais moderada, que, por sua vez, não garantiria aos ex-escravos nada, além da liberdade adquirida, fato que deixaria os sulistas livres para empregar mão-de-obra escrava em um regime compulsório de trabalho.

O presidente Lincoln mostrava-se favorável à conciliação que favoreceria os sulistas, e suscitou o embate entre o Congresso e a Presidência da República. Em contraposição à proposta do Presidente Lincoln, com um projeto de Reconstrução mais moderada, em julho de 1864, o Congresso aprovou mediante:

juramento de fidelidade à União de metade do eleitorado sulista antes que o processo de restauração pudesse ser iniciado. Depois disso, aqueles que jurassem nunca ter apoiado voluntariamente a Confederação

⁶⁰ FERNANDES & MORAIS, 2008, p. 136.

poderiam votar numa eleição para delegados de uma convenção constitucional.⁶¹

Tal medida visava a retirada do poder político do Sul, mas a proposta foi invalidada pelo Presidente, ocasionando rumores entre muitos congressistas. Logo após o fim da guerra, o Presidente Lincoln foi assassinado sem conseguir ratificar um acordo com o Congresso.

Após a morte de Lincoln, o Vice-Presidente Andrew Johnson assume o cargo e, junto a ele, um Sul falido e muitos problemas por resolver, como a reintegração de terras que incomodava sulistas e nortistas, e a falta de integração do negro na sociedade ainda permanecia. Além dos fatores citados, a reconstrução era difícil porque

mesmo com a escravidão abolida, a nação acreditava esmagadoramente na inferioridade inata da “raça negra”. Mesmo entre os abolicionistas, eram poucos os que aceitavam os negros como intelectual e politicamente iguais. [...] durante a reconstrução, o governo precisava empreender um programa de medidas drásticas ainda que isso contradissesse a tradição liberal norte-americana⁶² [...]

Instaura-se a questão racial de modo mais forte. Apesar da guerra extinguir a escravidão no Sul, a total liberdade que os negros almejavam ainda estava por surgir, e enquanto as brigas políticas entre Congresso e o novo Presidente aconteciam, os negros libertos procuraram inscrever a própria Reconstrução.

1.4.1 OS NEGROS E A RECONSTRUÇÃO

Para muitos sulistas os negros não saberiam o que fazer com a recém adquirida liberdade e, por outro lado, muitos afirmavam que esses eram dignos de pena em decorrência da falta de cultura e também pela ausência de conhecimento em relação à nova condição de cidadãos livres. Contudo, a Emancipação era para muitos ex-escravos a possibilidade de reencontrar e restabelecer laços de família, educar filhos e, mais que isso,

⁶¹ FERNANDES & MORAIS, 2008, p. 138-139.

⁶² FERNANDES & MORAIS, 2008, p. 139-140.

era o fim dos chicotes, das surras, dos estupros e assegurava direitos, como a qualquer outro homem.

Com base nessas premissas, os negros, como observou Foner⁶³, iniciaram aquela que seria denominada comunidade negra moderna, calcada nos pilares da escravidão, mas com uma estrutura e valores que refletiam as consequências da Emancipação. Dessa maneira, após a libertação, as experiências da escravidão permaneceram na memória do povo negro e, como forma de suplantar tais memórias do cativo, muitos ex-escravos adotaram novos nomes numa atitude que apontava para novos tempos.

Em alguns casos, muitos negros exigiam ser tratados pelos brancos pelo título de “senhor” ou “senhora”, algo que era reservado somente aos senhores brancos. Essa atitude refletia para os brancos como um sinal de insolência e desobediência em se tratando dos antigos códigos de conduta existentes durante a escravidão.

A presença das tropas da União reforçou junto aos recém libertos o sentimento de segurança e muitos soldados negros da União difundiam aos ex-escravos os ideais de liberdade e igualdade, culminando em disputas por fazendas e, às vezes, até no aprisionamento de brancos.

A Emancipação trouxe a mobilidade física no território para os negros, que anteriormente era condicionada à portabilidade de um passe para viajar. Sendo assim, os autores Bennett⁶⁴ e Foner⁶⁵ apontaram que todos os negros estavam sempre indo de um lugar a outro e, com a devastação do Sul do país, alguns homens partiram em busca de abrigo em outras localidades.

Esse fenômeno também designado de grande êxodo ou migração começou por volta de 1860 como notou Davie⁶⁶ e perdurou até o final de 1870. Portanto, essa primeira migração, haja vista que haveria outro grande fluxo após a Segunda Guerra Mundial, foi composta por pequenos grupos de indivíduos ou famílias que migraram das fazendas para as cidades do Sul e do Norte.

Desta forma, esses fluxos migratórios desencadearam o aumento de negros nas regiões urbanas e um declínio nas populações do Cinturão Negro — a grande área de fazendas no Sul dos Estados Unidos. Nota-se na grande migração o desconforto relativo

⁶³ FONER, Eric. *Reconstruction: America's Unfinished Revolution 1863-1877*. New York: Harper & Row, 1988.

⁶⁴ BENNETT, 1964.

⁶⁵ FONER, 1988.

⁶⁶ DAVIE, Maurice Rea. *Negroes in American Society*. New York : McGraw-Hill, 1949.

ao não-pertencimento e deslocamento dos negros libertos, o que de certa forma re-encena os três deslocamentos da diáspora africana para as Américas, que apresentamos no início desse capítulo, agora permeada pela questão da cor.

Muitos desses ex-escravos acreditavam que a liberdade somente existiria de forma integral nas cidades e essa migração abarcava dois fatores motivadores: um, relativo ao fator emprego; outro, relaciona-se com a possibilidade de ter uma vida mais digna e livre.

Em cidades como Nova York e Chicago, a migração implicou na criação de pequenas cidades dentro da cidade, com um conjunto paralelo de serviços públicos e comunitários e pequenos guetos com péssimas condições de higiene e sem saneamento básico.

Verifica-se que antes da Reconstrução, brancos e negros viviam separados, mas com a nova dinâmica da sociedade etnicamente mista criou-se uma geografia urbana de segregação, sendo que os brancos concentravam-se no centro das cidades e, por outro lado, os negros viviam em barracos de madeira às margens da cidade.

Os laços familiares fortes e o compromisso sagrado com a família, herança do passado africano, sobreviveram à escravidão e, com a possibilidade de mobilidade, os negros libertos tentaram reunir familiares que haviam sido vendidos. Entretanto, ocorreu, em alguns casos, decepções porque muitos dos maridos ou esposas, posteriormente, localizados haviam constituído novas famílias, mas em outras situações muitas famílias foram reunidas.

Após a Emancipação, o *Freedman's Bureau*, instituição destinada à proteção dos ex-escravos livres, oficializou uniões ocorridas durante a escravidão e muitas famílias adotaram crianças de parentes falecidos. Todas as casas de famílias negras tinham lugar para mais um, quer fosse um filho perdido ou, até mesmo, filho de um parente.

A estabilidade entre as pessoas reforçou a estrutura da família negra e modificou os papéis de seus membros. No caso das mulheres essas não precisavam trabalhar no campo e o culto à domesticidade, ou seja, a definição da casa como o reino e propriedade da mulher, passou a vigorar.

Durante a escravidão, havia uma linha sexual que colocou os homens no campo e as mulheres nas tarefas domésticas, desempenhando tarefas como lavar, passar, coser, cozinhar, educar os filhos. Já no Sul pós-emancipação, as mulheres negras perceberam que suas tarefas aumentaram e, ao contrário do que se via nas *plantations*, o trabalho agora não terminava com o fim do dia.

É interessante notar essa mudança de papéis após a Emancipação. Tanto as instituições quanto os próprios homens negros consideravam suas parceiras como preguiçosas, presunçosas e até criticavam a dita aristocracia negra feminina. Ainda assim, os homens negros sentiam-se honrados em prover o sustento da casa.

Constata-se que, após a Emancipação, as mulheres e crianças que antes trabalhavam nos campos continuaram a trabalhar, mas, neste novo momento, o controle sobre esse trabalho mudou, visto que agora o homem negro, chefe da família, poderia decidir para quem sua família trabalharia.

A mudança constituiu-se em um elemento basilar para a mudança da estrutura da família negra pós-emancipação, isto é, a escravidão havia imposto tanto aos homens quanto às mulheres negras falta de poder em se tratando das famílias e, com a liberdade, houve o fortalecimento do patriarcado dentro da família negra, instituindo-se a noção de diferença de papéis e privilégios na configuração da esfera familiar, portanto, instaura-se a questão do gênero que transcenderá a esfera familiar e motivará movimentos de luta pela igualdade.

Segundo Davie⁶⁷ essa mudança de comportamento está calcada num movimento de natureza externa, no caso aqui, a possibilidade dos homens negros unirem-se ao exército da União, o que possibilitou aos homens, mais que às mulheres, a oportunidade de envolvimento em defesa da liberdade.

O *Freedman's Bureau* pregava que os homens eram os chefes das famílias negras e que cabia a eles assinar contratos de trabalho, estabelecer os salários, fato que inclusive possibilitou aos homens a possibilidade de remunerar menos às mulheres, ainda que essas realizassem o mesmo tipo de serviço em relação aos homens.

Nos primeiros momentos após a Emancipação, homens e mulheres participavam de forma conjunta em encontros informais, mas, desde o início, os homens eram nomeados delegados e podiam organizar essas convenções. Após 1867, os homens negros puderam participar de júris, votar, ter escritórios e ascender no partido Republicano, em contraposição às mulheres negras que, como as mulheres brancas, não podiam.

A organização do negro na sociedade americana, em se tratando da criação de milícias e fraternidades, era exclusivamente masculina e os líderes dessas comunidades reforçavam uma definição patriarcal de família e do papel da mulher. Neste contexto,

⁶⁷ DAVIE, 1949.

pregadores e políticos designavam que a função da mulher consistia em tornar o lar um lugar de paz e conforto⁶⁸, reiterando a autoridade do marido pelo controle de suas ações.

É importante destacar que nem todas as mulheres receberam esse novo senhor pacificamente e, em algumas situações da época, questões de disputas entre famílias foram encaminhadas às autoridades, sinalizando um princípio de busca pela igualdade de tratamento das mulheres negras.

Conforme Foner⁶⁹, algumas mulheres negras não aceitavam que os maridos assinassem contratos de trabalho no lugar delas, e exigiam pagamentos separados e iguais em relação aos maridos, e outras mais avançadas para a época, como apontou Foner⁷⁰, abriram contas bancárias separadas no *Freedman's Saving Bank*. Apesar dessas divergências, homens negros e mulheres negras partilhavam do compromisso de manutenção da estabilidade da família, favorecendo a construção de bases para o nascimento de uma nova comunidade negra, calcada na família e na igreja.

A Reconstrução consolidou e transformou a religião para os negros. Por ocasião da escravidão, negros e brancos frequentavam igrejas protestantes, mas os negros eram preteridos à medida que eram excluídos das escolas dominicais e não podiam ocupar posições de liderança.

As comunidades negras consideradas grandes possuíam um pastor branco e congregavam em igrejas separadas das pessoas brancas. Consoante com Foner⁷¹, alguns desses pastores tratavam os fiéis negros com respeito sem colocar a questão racial diante de preceitos religiosos; de forma controversa, outros possuíam aversão aos negros, renegando todo e qualquer princípio cristão acerca da igualdade e fraternidade.

Após a Emancipação, duas causas produziram uma igreja negra independente: a primeira relaciona-se com a recusa dos brancos em oferecer aos negros um lugar de igualdade em suas congregações; e, a segunda, a busca dos negros pela autodeterminação. Com o fim da escravidão, muitos paroquianos brancos pareciam não haver abandonado a ideia de que os negros deveriam ser tratados como cidadãos de segunda classe e muitos pastores sulistas acreditavam que o código de conduta, que separava negros e brancos, deveria permanecer. De forma paradoxal, devido à Emancipação, muitos negros

⁶⁸ FONER, 1988.

⁶⁹ FONER, 1988.

⁷⁰ FONER, 1988.

⁷¹ FONER, 1988.

empregaram esforços e dinheiro para que igrejas fossem construídas e, antes mesmo dos prédios estarem prontos, os negros congregavam.

Ao final do período de Reconstrução em 1877, a maior parte dos negros do Sul saíram das igrejas dominadas por brancos e passaram a ter suas próprias igrejas e, paralelamente, os negros da região Norte preferiam congregar com ministros de sua própria raça.

Nesse momento de transição religiosa, as igrejas Batistas atraíram um grande número de ex-escravos devido à estrutura descentralizada e democrática que apresentava, bem como o fervor dos cultos também sinalizava que os pastores poderiam estabelecer igrejas, sem o controle de bispos, possibilitando aos fiéis congregar de maneira menos dogmática.

Segundo Foner⁷², a igreja na América configurou-se como primeira instituição verdadeiramente controlada pelos negros e que assumiu diversas funções que denotam centralidade e importância na comunidade. Além de se constituir como espaço de oração, as igrejas também eram palco de eventos sociais e encontros políticos, como é o caso das áreas rurais, em que as igrejas promoviam piqueniques, festivais e atividades de entretenimento e ainda difundiam valores morais relativas à família.

Os ministros desempenhavam papel preponderante na conciliação de problemas públicos e privados e também exerciam forte papel político na comunidade, tendo em vista que grande parte dos membros não sabia ler ou escrever, os pastores atuavam como escrivão de cartório de registros.

A religião reconfigurou a maneira como os negros compreendiam as experiências de vida na América e o modo de expressar desejos por justiça e autonomia. Nessa concepção, para os negros, a transposição dos africanos para a América fundamentava-se na passagem do Velho Testamento em que Jesus — o redentor, puniria todos que fizeram mal a seus filhos e ao povo, por ele, escolhido, configurando uma analogia entre os negros e os judeus, que foram retirados do cativeiro no Egito.

Com a Emancipação e a derrota da Confederação, essa crença ficou ainda mais acentuada, fundamentando a escravidão e a Reconstrução baseadas em preceitos bíblicos, sendo que os tempos do apóstolo Paulo correspondiam à escravidão, e a Reconstrução

⁷² FONER, 1988.

correspondia ao período de Isaías⁷³, na qual o profeta Moisés guiou o povo eleito para a Terra Prometida, personificado na América pelo Presidente Lincoln.

Para os líderes negros, a Bíblia era o ponto de referência para o entendimento dos acontecimentos e fonte de comprometimento em se tratando das inúmeras organizações criadas pelos negros no processo de Reconstrução. Também foram criadas casas funerárias, clubes de debate, lojas de maçonaria, corpo de bombeiros e ligas pelos direitos civis com a finalidade de melhorar a vida coletiva da população negra. Dentre alguns aspectos, destaca-se a educação como elemento cerne de luta pela libertação, tendo em vista que o ato de ler configurava-se como instrumento essencial para o desenvolvimento econômico, bem como também estava atrelada à sede em ler a palavra de Deus.

Após a guerra, os negros das áreas urbanas mobilizaram-se para estabelecer escolas e, em fins de abril de 1865, mais de mil crianças negras e setenta e cinco adultos frequentavam escolas, criadas nas igrejas de Richmond e da Sociedade Americana Missionária. Nas áreas rurais, o *Freedman's Bureau* encontrou diversas salas de aula de negros em igrejas, porões, e casas, que contavam com a colaboração de agentes multiplicadores, dentre eles, as próprias crianças que ensinavam aos pais.

Entre 1865 e 1866 os negros sulistas arrecadaram dinheiro para a compra de terras, construção de escolas e pagamento de professores. Artesãos doavam sua mão-de-obra e famílias negras ofereciam quarto e alimentação para complementar o salário dos professores. Portanto, em 1870 os negros haviam investido mais de um milhão de dólares em educação, fato esse que se mostrou um orgulho coletivo.

As escolas, segundo Foner⁷⁴, representavam a emergência da comunidade negra à medida que unia as pessoas já livres e os recém-libertos, aos negros do Norte e do Sul, desencadeando a fusão entre esses dois mundos, possibilitando o surgimento da comunidade negra moderna.

⁷³ Referência à passagem bíblica, Isaías 66:15 “Porque Javé vem com fogo, e seus carros parecem furacão, para desabafar sua ira com ardor e sua ameaça com chamas de fogo.” E também Isaías 66:22 “Da mesma forma como durarão para sempre diante de mim os novos céus e a nova terra, que criarei — oráculo de Javé, assim também durarão o povo e o nome de vocês.”

⁷⁴ FONER, 1988.

1.4.2 A ECONOMIA NEGRA EM TEMPOS DE LIBERDADE

Os maiores esforços dos negros centraram-se na definição da liberdade e num maior impacto na economia. Assim, a escravidão nomeou os negros como povo da classe trabalhadora, desprovido de usufruir dos frutos de seu trabalho, suscitando debate sobre um sentimento de injustiça.

A abolição para os negros encerrou um período de trabalho forçado e não-remunerado ao impulsionar a busca por empregos em diversas regiões da América, bem como rompeu com um processo de subordinação à autoridade do homem branco e suscitou a construção de uma economia autônoma.

O desejo de escapar da supervisão dos brancos motivou os negros a lutar pela conquista de suas próprias terras. O fato de possuir terras próprias dava aos negros relativa independência e, por outro lado, a inexistência de uma propriedade inviabilizava o desenvolvimento de uma economia autônoma e permitia a exploração dos negros por seus ex-donos..

De acordo com Foner⁷⁵, todos os ex-escravos no Haiti, no Caribe e no Brasil viam a posse de terras como um ponto crucial para o estabelecimento da independência financeira. Em algumas fazendas do Sul da América, os ex-escravos se recusaram a assinar contratos de trabalho e não deixaram as fazendas em que trabalhavam, insistindo que a propriedade deveria ser deles por direito. Todavia, poucos ex-escravos conseguiram manter a posse de terras obtidas por invasão, pois o processo de reintegração era prolongado e violento.

Observa-se que a saída da dinâmica do trabalho escravo para o mercado de trabalho configurou-se de forma penosa por apresentar poucas opções para o contingente de pessoas que relutavam em tornar-se empregados de seus antigos donos. Com a falta de mão-de-obra para a colheita de 1865, segundo Fernandes & Morais⁷⁶, a solução foi o contrato de trabalho sistemático, em que os trabalhadores, por um ano, permaneceram contratados com um salário fixo, no entanto, muito baixo.

Todavia na década de 1870 tais contratos ganharam o status de servidão porque os trabalhadores deveriam contrair débitos, até que o algodão fosse vendido, por comerciantes e fazendeiros mediante juros muito altos e, com isso, as dívidas dos trabalhadores

⁷⁵FONER, 1988.

⁷⁶FERNANDES & MORAIS, 2008.

aumentavam de maneira desproporcional em relação aos lucros. De forma emblemática, o Sul do país iniciou uma política de hostilidades, baseada em critérios de segregação racial.

1.5 *STAY IN YOUR CAGE, NIGGER!*: A SEGREGAÇÃO RACIAL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

A definição de segregar consiste em uma forma de isolamento em que a distância social é baseada na separação física, portanto, pode ser passiva ao relacionar-se com costumes e tradições ou, até mesmo, ativa, ao pautar-se em sanções legais. Esses dois casos implicam noções de hierarquia, superioridade, inferioridade, sentimentos de repulsa e pertencimento a determinado grupo.

No caso dos negros, como observou Davie⁷⁷, a segregação se presta ao papel de isolar e subordinar o grupo minoritário. Já a discriminação pode ser definida como o tratamento desigual entre competidores que estão em condições desiguais ou ainda quando oportunidades são oferecidas e envolve parcialidade e favoritismo.

Consoante ainda com Davie⁷⁸, a discriminação e segregação são encontradas principalmente em dois campos das relações humanas: no campo legal e social, desencadeando a estagnação.

Durante o período da escravidão, os escravos foram sistematicamente privados do direito à humanidade, à personalidade e expostos à brutalidade institucionalizada: suas instituições mais sagradas, como a família foram violadas numa tentativa de sempre manter os escravos negros “em seu lugar”. Mas, após a Emancipação, três classes emergiram conforme aponta Du Bois:

the conqueror, the conquered and the Negro but no one speaks with so deep a meaning as the Negro [...] But [...] neither soldier nor fugitive speaks with so deep a meaning as that dark human cloud that clung like remorse on the rear of those swift columns, swelling at times to half their size, almost engulfing and choking them. In vain were they ordered back, in vain were bridges hewn from beneath their feet⁷⁹ [...]

⁷⁷ DAVIE, 1949.

⁷⁸ DAVIE, 1949.

⁷⁹ DU BOIS, W. E. B. *The Souls of black Folk*. New York: Dover Publications, INC., 1994/[(1903)], p. 12.

Nota-se que para a sociedade branca, os negros representavam uma ameaça que precisava ser contida à medida que estes ganhavam relativo *status* de cidadãos, fato esse que permitia direito a voto e a educação e, de forma controversa, traria resultados insatisfatórios aos brancos sulistas. Paradoxalmente, o Congresso sinalizava para a democracia ao comprometer-se com o cumprimento de leis, consolidando três pilares para sustentar a liberdade dos ex-escravos:

The Fourteenth Amendment:

No State shall make or enforce any law which shall abridge the privileges or immunities of citizens of the United States, nor shall any State deprive any person of life, liberty or property without due process of law, nor deny to any person within its jurisdiction the equal protection of laws.

The Fifteenth Amendment

The rights of the citizens of the United States to vote shall not be denied or abridged by the United States or by any State on account of race, color, or previous condition of servitude.

The Civil Rights Bill of 1875

All persons within the jurisdiction of the United States shall be entitled to the full and equal enjoyment of the accommodations, advantages, facilities, and the privileges of inns, public conveyances on land or water, theaters, and other public amusement; subject only to the conditions and limitations established by law and applicable alike to citizens of every race and color, regardless of any previous condition of servitude⁸⁰.

Para manter o cumprimento dessas, o Congresso contava com a atuação das Cortes de Justiça que, por sua vez, diziam que a questão era política e que caberia ao Congresso resolvê-las. Sendo assim, o negro, na América, dependia de forma considerável do Congresso, da opinião pública – branca – e da opinião mundial, para assegurar a manutenção de grande parte de suas conquistas.

Na terceira e quarta metade do século XIX, no entanto, o mundo estava ocupado com outros assuntos, enquanto a Europa explorava a África, na América, havia a exploração do Caribe com o processo civilizatório dos negros por meio de dogmas.

⁸⁰ BENNETT, 1964, p. 224.

Neste contexto, era necessário uma lei que assegurasse a separação de espaços sociais para os negros. Nasce, então, o conjunto de leis *Jim Crow*⁸¹ que se referem à segregação em espaços públicos.

O termo *Jim Crow* paulatinamente assumiu uma conotação pejorativa e passou a ser usado como termo jurídico em se tratando da população negra. A Suprema Corte afirmava que a Décima Quarta Emenda proibía que os estados, e não os indivíduos, praticassem a segregação, disseminando uma aversão aos negros pelo país.

No estado do Tennessee, já em 1881, os bondes eram separados. Agora, todos os estados do Sul, ao começar pela Flórida em 1887, possuíam uma política de separação nos bondes. Desta forma, a Corte Suprema Americana estabeleceu, na lei americana, a doutrina de separação racial e classificação, numa retomada do ideário do século XIX, no qual predominava a hierarquização das raças.

Nessa época, a Suprema Corte julgou o caso *Plessy versus Ferguson*, no qual um jovem negro, Homer Plessy, se recusou a ceder seu lugar num trem em Nova Orleans em 1892. A decisão da Corte, em 1896, abriu um precedente para que os estados institucionalizassem a separação em acomodações públicas, apesar da decisão contrariar a Décima Quarta e Décima Quinta Emendas.

O advogado de Plessy, o ativista Albion Tourgée, dizia que a lei da Louisiana era uma afronta ao espírito das instituições republicanas porque legalizavam o sistema de castas. Por conseguinte, sete votos difundiram que os direitos constitucionais de Plessy não haviam sido violados. Em seguida, sete votos, em contraposição a um voto, estabeleceram uma linha de separação que perdurou por vários anos no Sul dos Estados Unidos, portanto, tal resultado institucionalizou e sedimentou o preconceito racial na região Sul do país. O juiz Harlan divergiu da decisão afirmando:

It is scarcely just to say that a colored citizen should not object to occupying a public coach assigned to his own race. He does not object, nor, perhaps, would he object to separate coaches for his race, if his rights under the law were recognized. [...] Our Constitution is color-blind, and neither knows nor tolerates classes among citizens... It is, therefore, to be regretted that this high tribunal, the final expositor of the

⁸¹ “Personagem de grande sucesso nos palcos norte-americanos do século XIX, o qual, dançando, cantando e tocando rabeca, personificava um negro velho. Criado pelo ator-cantor Thomas Darmouth (1808-60), seu nome (*crow*, “corvo”) transformou-se em tratamento pejorativo aplicado aos negros. Adjetivada, a expressão significa tudo aquilo que promove ou favorece a segregação dos negros: “leis jim crow”; “banheiros jim crow” etc.” (LOPES, 2004, p. 360)

fundamental law of the land, has reached the conclusion that it is competent for a State to regulate the enjoyment by citizens of their civil rights solely upon the basis of race⁸². [...]

Para reverter o mal instaurado, seriam necessários quase 60 anos, com o caso *Brown versus The Board of Education*.

Logo após o caso Plessy, durante as três décadas seguintes, outros Estados aderiram à lei *Jim Crow* nos bondes: em 1901 a Carolina do Norte e a Virgínia, a Louisiana em 1902, o Arkansas, a Carolina do Sul e o Tennessee em 1903, Mississippi e Maryland em 1904 e Flórida em 1905. Nesse processo lei após lei, negros e brancos foram separados no transporte público, esportes, hospitais, casas funerárias, necrotérios e cemitérios.

Na cidade de Mobile no Alabama, negros deveriam estar fora das ruas às 22 horas. Em Birmingham, também no Alabama, negros e brancos não podiam pagar as contas de forma conjunta em restaurantes. Apesar da impossibilidade de criar setores residenciais separados, por meio de acordos de cavalheiros, os piores lugares da cidade, longe dos centros e facilidades eram reservados aos negros.

De forma semelhante, nasceu o bairro do Harlem em Nova York, em 1903, quando um agente imobiliário teve a ideia de preencher as vagas em apartamentos com inquilinos negros. Paralelamente, o conjunto de leis *Jim Crow* avançava pelo Sul do país, direcionando olhares para o eleitor negro.

Para impedir e restringir a atuação do negro pelo voto, tendo em vista que muitos não sabiam ler e escrever, adotou-se o seguinte mecanismo de exclusão:

If he could not read or write and if he were White, surely he had “good character”. If the alphabet were foreign to him and if he were white, surely he could understand and explain an article of the constitution. But if he were black, the “read and write” and “understanding” clauses were jigsaw puzzles⁸³.

A estratégia funcionou. Em 1896 havia 130.344 eleitores negros na Louisiana. Após a adoção do critério letramento, esse número caiu drasticamente para 5.320. O conceito de superioridade branca acentuou-se pela competição econômica, pelo medo e frustração. Esse medo foi levado a extremos e iniciou-se a separação que

⁸² HARLAN *apud* BENNETT, 1964, p. 222.

⁸³ BENNETT, 1964, p. 234.

brick by brick, bill by bill, fear by fear, the wall grew taller and taller. The deaf, the dumb and the blind were separated by color. White nurses were forbidden to treat Negro males. White teachers were forbidden to teach Negro students. South Carolina forbade Negro and white cotton mill workers to look out the same window. Florida required “Negro” textbooks and “white” textbooks to be segregated in warehouses. Oklahoma required “separate but equal” telephone booths. New Orleans segregated Negro and white prostitutes⁸⁴ [...]

A suposta superioridade branca veio acompanhada pela benção da mais alta instância legal americana: a Corte Suprema. Com o passar dos anos, os brancos aprimoraram técnicas de limpeza étnica, na qual as vítimas passaram a ser cozidas e seus corpos mutilados.

Muitos negros eram condenados à força por terem testemunhado contra empregadores ou, até mesmo, por não terem chamado um homem branco de “Sir”, no caso aqui senhor. Para lutar contra um sistema desleal à causa do negro, muitos migravam para outros estados em busca de um lugar seguro, culminando numa nova diáspora.

Dessa forma, se a diáspora compreende a saída do local de origem, para um segundo lugar, devido a um terceiro elemento, a busca em permanecer vivo culminou com a transposição, em 1879, de 40.000 negros para o Sul: um grupo foi para o México, mas regressou; outros grupos partiram rumo à África ou para o Canadá; outros milhares ficaram e foram obrigados a aprender a viver com esse código de conduta, aprender a ser e não ser, ver e não ser visto, ouvir e não poder falar, sobre o que significava ser negro, num lugar, onde prevalecia o ódio e o desprezo dos negros.

Além de todas as restrições legais, dos linchamentos, das dificuldades econômicas, os negros também tinham que lidar com a perseguição realizada pela organização branca, denominada de *Ku Klux Klan*.

1.5.1 A KU KLUX KLAN

A *Ku Klux Klan* surgiu durante o período da Reconstrução, em 1866, em Pulaski, no Tennessee, como mecanismo para refrear os negros e punir os brancos que ajudavam

⁸⁴ BENNETT, 1964, p. 221-222.

aos negros. Portanto, os organizadores eram jovens que, segundo Foner⁸⁵, serviam aos interesses do partido Democrata, dos fazendeiros e de todos aqueles lutavam pela restauração da supremacia branca.

A organização possuía finalidade política, no sentido mais amplo da palavra, porque a *Klan* desejava afetar as relações de poder, tanto público, quanto privado, na sociedade sulista. O real intento era destruir a estrutura do partido Republicano, esgotar o estado de Reconstrução, restaurar o controle da força de trabalho dos negros e impor novamente a subordinação racial em todo o Sul.

Na etimologia, o nome deriva do grego *klykos*, que significa círculo; já a palavra *klan* sugere a idéia de clã — um grupo com uma ancestralidade comum. Sendo assim, o grupo era constituído por brancos extremistas, em sua maioria, soldados que retornaram da guerra, sem emprego, sem dinheiro para começar um negócio e não tinham nenhum tipo de diversão.

Para contemplar a rotina anterior à guerra, a seita parecia uma boa forma de diversão para os membros, que usavam roupas brancas, um chapéu com ponta e uma máscara branca. Logo após a constituição da organização, a primeira reunião ocorreu em um bar em Pulaski e, mais tarde, as reuniões ocorreram fora da cidade em uma antiga ruína.

A adesão aumentou rapidamente e, do Tennessee, a *Klan* estendeu seus domínios a outras partes do Sul e, em 1867, transformou-se em grupo militar. Tal mudança de objetivo do grupo ocorreu após a descoberta de que a organização poderia controlar e aterrorizar negros supersticiosos.

Com esse novo propósito, em 1867 a seita reorganizou-se e realizou a primeira grande convenção em Nashville, cujo território era chamado de *Império Invisível* e possuía a seguinte divisão:

Realms, corresponding to states, these into Dominions comparable to congressional districts, these into Provinces or counties, and these into local Dens. The officers were the Grand Wizard of the empire and his ten Genii Titan of the Dominion and his six Furies, the Grand Giant Titan of the Province and his four Goblins, the Grand Cyclops of the Den and his two Night Hawks.⁸⁶

⁸⁵ FONER, 1988.

⁸⁶ DAVIE, 1949, p. 53.

O princípio básico consistia na lealdade aos Estados Unidos. Muitas características de mistério e segredo foram mantidas e os membros da sociedade branca sulista argumentavam que a seita visava retirar os negros do mercado de trabalho e das terras, em defesa dos direitos da baixa classe média.

Após as eleições de 1870, a *Klan* disseminou o terror ao atacar uma cadeia com 500 homens, culminado com o linchamento de oito prisioneiros negros, com centenas de Republicanos surrados e que também tiveram suas propriedades destruídas.

Nesse processo, os negros responsabilizaram os aristocratas do Sul, pela violência instaurada com o uso de armas de fogo, devido grande parte dos adeptos da seita serem fazendeiros e até advogados. Desta forma, a *KKK* nunca deixou de existir e apenas em 1871 houve uma intervenção na *Ku Klux Klan* através do *Ku Klux Klan Act*.

A organização caiu em declínio após a crise de 1929, mas, por volta de 1930, o nazismo causou simpatia à *KKK* e o clã retornou à ativa. Essa simpatia diminuiu quando a base de Pearl Harbor foi atacada. Posteriormente, alguns integrantes chegaram a alistar-se para combater o inimigo amarelo.

A entidade continuou a atuar, mesmo que de maneira mais moderada, nos estados em que o conjunto de leis *Jim Crow* destacava-se. Todavia, o país ainda precisava dos negros na frente de batalha pela democracia, liberdade e igualdade, sobretudo, no cenário político da Primeira e da Segunda Guerra Mundial.

1.6 OS NEGROS NA PRIMEIRA E NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A questão racial do negro na sociedade americana emergiu na Segunda Guerra Mundial de forma semelhante à Reconstrução, nas diferentes instâncias como nas Forças Armadas, nas indústrias de defesa, nos assuntos civis e, mais ainda, na questão moral:

The problem came to the surface not only because the dynamics of the war forced it there, but because the ideological character of the war had affected the entire population, and as this process developed, thousands of Americans began to be acutely conscious of Negro discrimination and increasingly determined to do something about it⁸⁷.

⁸⁷ DAVIE, 1949, p. 314.

O sentimento de injustiça dos negros, em relação à sociedade americana, estava atrelado à falta de mobilidade, sobretudo, em usufruir de forma ativa das riquezas produzidas e benefícios gerados, num regime dito democrático, mas que somente lhes conferia o título de cidadãos de segunda classe. Tal discriminação estendeu-se também ao serviço militar e, mesmo com dificuldades, os negros conseguiram participar de todas as grandes guerras de seu país.

Com relação ao exército, não havia objeção em se tratando do recrutamento dos negros, mas verifica-se pouco esforço para recrutá-los. Contudo, após a Emancipação houve um aumento no número de soldados negros e tornou-se necessária uma política regulamentadora para o alistamento dos soldados negros.

Por ordem do Congresso americano, em 1866, quatro regimentos foram criados: dois de infantaria e outros dois de cavalaria, que se destacaram durante a Primeira Guerra Mundial. Conforme Davie⁸⁸, mais de 400 mil soldados negros estavam alistados, mas desses apenas 1.353 eram oficiais, e deste número, apenas 10% serviu em combate noutro país, haja vista que a maioria estava confinada às cozinhas ou aos batalhões de trabalho.

A 369ª Infantaria, composta por voluntários do Harlem — bairro predominantemente negro em Nova York—, consagrou-se a mais famosa dessas unidades. O nome de origem francesa *Les Enfants Perdus* relacionava-se ao fato de que, esses soldados, lutaram com o exército francês, constituindo a primeira unidade dos exércitos Aliados a chegar ao Reno. Essa Infantaria serviu 191 dias sob intenso fogo cruzado, que manteve o recorde durante a Segunda Guerra Mundial. Nota-se que, num primeiro momento, o negro era ignorado, entretanto, à medida que a nação necessitou dos serviços, destes, em conflitos armados a presença configurou-se de maneira permitida.

De acordo com Foner⁸⁹, após a Emancipação, os negros não obtiveram nada, além de liberdade. A ausência de participação dos negros de forma ativa nas frentes de batalha teve como auxílio os estereótipos arraigados na sociedade americana: a indisciplina, a imposição de que o comandante das tropas negras fosse um oficial branco, a falta de habilidade em combate dos negros, a inabilidade dos negros em aprender técnicas de combate e a ciência da guerra.

Todavia, todos esses estereótipos foram derrubados, após a participação efetiva dos negros nas linhas de combate. Banidos dos setores de alto comando das Forças Armadas,

⁸⁸ DAVIE, 1949, p.314.

⁸⁹ FONER, Eric. *Nothing but freedom: Emancipation and its legacy*. Baton Rouge & London: Louisiana State University Press, 1983.

limitados às posições hierárquicas inferiores, os negros tiveram o desenvolvimento cerceado e, além desses fatores, eram segregados.

Diante disso, diversas associações brancas repudiaram a política *Jim Crow* nas Forças Armadas, visto que tal política era reflexo da filosofia de superioridade racial que fugia aos princípios fundamentais da democracia. O exército, por sua vez, afirmava que não praticava atitudes raciais e lidava com uma situação imposta pela sociedade, sem possibilidade de oferecer tratamento diferenciado aos negros das práticas civis já existentes, isto é, a reprodução de um ideário racista.

Outro ponto, delicado nessa questão, era o treinamento de aviadores para os negros, que, em princípio, foram barrados completamente do *Air Corps*. Em 1941, um candidato negro ao inscrever-se para ocupar a função de aviador e ter o pedido recusado, moveu um processo contra a Corte Federal Americana, exigindo que sua inscrição fosse analisada com base no mérito.

A demora na aceitação de homens negros na formação de aviadores causou ressentimento tanto aos negros quanto aos brancos, causando repúdio, em relação tal atitude, inclusive, nos altos escalões. Portanto, o principal setor de segregação no exército americano configurou-se na separação por unidades.

Em 8 de julho de 1944, uma ordem judicial banuiu a segregação em teatros, correios, clubes e ônibus que operavam dentro das bases militares. Também houve o fim da segregação para candidatos em escolas preparatórias, exceto na divisão aérea da Força Aérea, e a segunda medida contra restrições ao negro, sancionada pelo Tenente-Coronel John C. H. Lee, em 1945, permitiu que soldados do pelotão da infantaria servissem em companhias brancas. Com tais medidas, aproximadamente dois mil e quinhentos negros puderam, efetivamente, combater.

Um estudo promovido pelo Tenente-Coronel Alvan Gillem em 1946⁹⁰ provou que o exército americano havia falhado nos planos e estratégias integracionistas, para os negros, durante a Segunda Guerra Mundial. O estudo apontava que, apesar da segregação no exército americano, os negros que conseguiram alistar-se e que foram aceitos mostraram ter treinamento, habilidade e boa educação.

A Marinha americana progrediu mais rapidamente no processo de integração dos negros. Mesmo os soldados de baixas patentes receberam treinamento para combate e

⁹⁰ DAVIE, 1949.

eram, como apontou Davie⁹¹, em primeiro lugar, combatentes e, em segundo, cozinheiros e serventes. Depois, com o decorrer da guerra, a Marinha banuiu a exclusão dos negros de todos os ramos de serviços.

Esse progresso ocorreu devido a três episódios-chave: o primeiro, devido a explosão de um depósito de munição em Port Chicago, na Califórnia, que ocasionou a morte de trezentos soldados negros; o segundo, relacionou-se com a recusa dos negros em continuar o trabalho do primeiro grupo morto na explosão, por conta da falta de treinamento adequado e segurança; o terceiro; originou-se numa greve de fome realizada pelos *Seabee*, negros em Port Hueneme — uma base naval de suprimentos na Flórida.

É importante notar que não havia mulheres negras nos *Marine Corps*, *WAVES* nem nos *SPARS*, até o dia 19 de outubro de 1944, quando o recrutamento de mulheres passou a ser aceito. A Marinha reviu a política de aceitação dos negros alistados, em 1945, e passou a admitir negros em navios auxiliares e de combate, diminuindo a separação racial e banuiu a segregação nas escolas de treinamento.

Para os negros, as guerras trouxeram benefícios, mesmo diante de inúmeros problemas. Como evidencia Davie⁹², os soldados recebiam abrigo, alimentação, além de contar com o acesso a médicos e remédios. Com a discriminação, os negros perceberam que o uso de um uniforme concedia uma vida mais digna.

No ano de 1948, a segregação tornou-se uma questão política. O presidente da *Brotherhood of Sleeping Car Porters*, A. Phillip Randolph, comunicou ao Senado Americano que, se nada fosse feito para acabar com a segregação, lideraria uma campanha de desobediência civil para que os negros não se alistassem. Tal atitude não recebeu apoio das lideranças negras ou brancas no país.

Em 26 de julho de 1948, o presidente Truman emitiu uma ordem executiva que exigiu igualdade de tratamento e oportunidade para todas as pessoas nas Forças Armadas, independente do pertencimento racial, religião ou origem social. Apesar desta ordem ser um passo rumo ao fim da segregação, o documento não apresentava um prazo final para ação e ainda não anunciava o fim da segregação.

Para os negros, havia nas Forças Armadas dupla ofensa: uma, mostrava a falta de aceitação dos brancos para com os negros; outra; acentuava a posição de cidadãos de segunda classe também no programa de defesa. Diante de grande demanda por empregos

⁹¹ DAVIE, 1949.

⁹² DAVIE, 1949.

na indústria bélica, no início da guerra, houve articulações legislativas para que os negros não pudessem ocupar as posições oferecidas pela indústria.

Uma pesquisa realizada em 1942 entre os empresários sobre a contratação de negros para suas indústrias, 51% declarou que em hipótese alguma contrataria negros⁹³, e apenas uma pequena parcela dos demais empresários contrataria os negros. Posteriormente, com o avanço da guerra paulatinamente os negros foram contratados, desencadeando efeitos diretos na segunda grande migração de negros para o Norte dos Estados Unidos no período entre 1910 e 1940.

Nesse período, a população das cidades americanas do Norte do país dobrou e, em contrapartida, a população do Sul diminuiu. Essa segunda migração deveu-se, em grande parte, à Primeira Guerra Mundial, que culminou com a ida de americanos para a guerra, implantando escassez de mão-de-obra.

Para resolver o problema da mão-de-obra, os empresários do Norte, inclusive, enviavam agentes para o Sul para recrutar trabalhadores. Portanto, a segunda migração começou por volta de 1915 e atingiu o ápice, em 1917, quando aproximadamente meio milhão de negros havia se estabelecido no norte com salários altos.

A Primeira Guerra Mundial ofereceu aos negros maior oportunidade de ingresso na indústria. Em princípio, esses trabalhadores eram mão-de-obra não especializada nas indústrias de aço e ferro, fundições e empacotamento de carne. Mesmo com dificuldades de adaptação, muitos trabalhadores mostraram-se competentes, fato que suplantou receios dos empresários em se tratando da contratação da mão-de-obra negra.

Depois desse processo de contratação, as relações sociais entre trabalhadores brancos e negros melhoraram. A região Sul dos Estados Unidos teve que aumentar os salários e oferecer melhor tratamento aos negros, facilitando a obtenção de bons empregos.

Na Segunda Guerra Mundial, a migração dos negros é reiniciada. O cenário rural é trocado pelos grandes centros industriais do Norte, do Sul e do Oeste. Estima-se que um milhão de negros migrou neste período.

A indústria bélica no Havaí havia se expandido e havia empregos em diversos centros urbanos. As áreas que receberam migrantes negros tinham tensões raciais e, apesar de não ser a única razão para os tumultos raciais, foi um fator que contribuiu de forma relevante.

⁹³ DAVIE, 1949.

No esforço de guerra, os negros ocuparam diversos postos, inclusive, de vendedores em lojas de departamentos, caixas, operadores nas indústrias de telefone, garçonetes, motoristas. Devido ao processo de empregabilidade dos negros nas indústrias, como sugeriu Davie⁹⁴, linhas de ódio, tumultos raciais e greves eclodiram. Contudo, ainda havia instâncias em que a integração dos negros deu-se mediante a adoção de uma política de não-segregação e não-discriminação.

A ordem executiva 8802 de 1941, emitida pelo presidente Roosevelt, que proibia a discriminação nas indústrias de defesa ou serviços governamentais, devido à cor, pertencimento racial, credo ou origem social, aumentou a contratação de negros, garantida pelo *Fair Employment Practice Committee*.

Em julho de 1946 as atividades do comitê foram encerradas, mas, durante a existência, pequenas vitórias aconteceram, estabelecendo um princípio de preocupação federal no combate à discriminação racial, sobretudo, no setor trabalhista, o que ocasionou uma campanha por ação legislativa.

A migração para o Norte favoreceu o processo de urbanização. Em 1900, apenas 22,7% da população concentrava-se na cidade, mas de maneira gradual esse percentual aumentou, ocasionando inclusive mudanças na população: de um grupo racial homogêneo para divisões em classes; de uma economia de pouco dinheiro para o trabalho assalariado; do controle dos comportamentos pela força direta para o controle impessoal por meio de leis e códigos.

A urbanização mostrou-se mais pronunciada no Norte e Oeste. No Norte, a população concentrou-se em Nova York, Chicago, Filadélfia e Detroit. Contudo, houve maior concentração de negros em Nova York, no Harlem, que se tornou não apenas um bairro, mas uma cidade dentro de uma outra cidade.

Verifica-se que os negros queriam participar da luta pela democracia que estava ligada à luta por liberdade. Dessa forma, a liberdade estava associada ao fim das barreiras de acesso aos empregos, do impedimento de mobilidade, do combate à discriminação, da humilhação social, da intolerância e da violência moral.

Esses objetivos amalgamados forçavam um redirecionamento no tratamento do negro na sociedade americana, como aconteceu na luta por visibilidade, nas corporações do exército, como apontou Davie⁹⁵. Assim, a tradição democrática da América do Norte

⁹⁴ DAVIE, 1949.

⁹⁵ DAVIE, 1949.

estava aliada a uma tradição autoritária, manifesta por meio do tratamento hostil reservado aos negros.

Todavia, a intolerância e a discriminação contra as minorias prejudicaria a tradição democrática, enfraquecendo preceitos morais da nação e, como consequência, exporia a face americana no mundo.

Em resumo, o assunto negro nos Estados Unidos ultrapassava as fronteiras da nação, afetando alianças econômicas com países como China, Índia e África, por exemplo. Por conseguinte, dentro e fora da nação, o problema de natureza racial tornou-se o teste final, que mostraria se os americanos realmente aplicavam os fundamentos democráticos comumente difundidos.

Os negros, por sua vez, tornaram-se mais conscientes a respeito da disparidade entre o discurso e a aplicação efetiva da democracia. Dessa maneira, a Primeira Guerra Mundial apresentou-se como uma decepção para os negros, dentre as quais a ordem expedida pelos oficiais do exército americano aos franceses direcionava como os negros deveriam ser tratados.

A ordem direcionava o seguinte:

First, there should be no undue familiarity between French and Negro officers; second, the American Negro troops should not be praised too highly by the French military officials; and third, the French populations, especially the women, should be warned against associating with Negro soldiers⁹⁶.

No período entre as duas guerras mundiais, segundo Davie⁹⁷, houve mudanças na condição de vida dos negros, refletidas mediante atitudes durante a Segunda Guerra Mundial. Muitos progrediram com relação à educação, devido ao contato com outros povos e culturas, tendo a tradição de lealdade aos brancos destituída e substituída por uma consciência racial.

A migração para o Norte e a satisfação de gozar de mais igualdade cívica, aliados ao advento da imprensa negra e outras agências e associações, deram clareza ao negro quanto às questões de discriminação e desigualdade, motivando-o em combatê-las. Ao

⁹⁶ DAVIE, 1949, p. 330.

⁹⁷ DAVIE, 1949.

mesmo tempo em que os negros lutavam pela democracia na América, também lutavam por igualdade para eles mesmos.

A campanha promovida pelo *Pittsburgh Courier* recebeu imenso apoio das massas negras e, aliado às reações e protestos, cristalizou-se um programa de exigências que expressavam as esperanças e expectativas dos negros como resultado da guerra. Dentre as exigências destacavam-se: fim da segregação e discriminação nas Forças Armadas, igualdade de oportunidades em empregos e treinamento; fim da segregação nas escolas, nas habitações, no transporte e em outros serviços; remoção de todas as barreiras no exercício do sufrágio; criação de uma lei federal contra a taxação para o voto; criação de lei federal anti-linchamentos; representação negra na administração para elaboração dessas leis. Em outras palavras, os negros reivindicavam direitos civis.

1.7 A LUTA PELOS DIREITOS CIVIS

Ao término da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos saem com o título de país mais rico do mundo. Como apontou Purdy⁹⁸, as mudanças foram inúmeras na economia que passou a ser controlada por corporações, moldando o cenário político que repercutiu no aumento dos salários para muitos trabalhadores.

Ainda segundo Purdy⁹⁹, uma nova ordem econômica emergiu que permitiu ao país alcançar mercados novos mediante investimentos estrangeiros, sem, contudo, restringir o fluxo de capital e bens, dentre eles, negociações entre Estados Unidos e Inglaterra que fundaram o sistema *Bretton-Woods* que conduzia a economia internacional.

Dentro desse sistema estavam o Fundo Monetário Internacional (FMI), que regularia trocas financeiras internacionais sob o dólar e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), que promoveria investimentos estrangeiros e ajudaria na reconstrução dos países que haviam falido devido à guerra. Por conseguinte, a sociedade americana teve, nos anos de 1950, a época da estabilidade familiar e prosperidade econômica, sendo as famílias nucleares: o pai, trabalhador; e a mãe, dona-de-casa, que zelava pelo lar e educava os filhos.

⁹⁸ PURDY, Sean. “O Século Americano”. In: KARNAL, Leandro... [et al]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2008.

⁹⁹ PURDY, 2008.

De acordo com Purdy¹⁰⁰, nessa época o Produto Interno Bruto (PIB) cresce 250%, entre 1945 e 1960, culminando com a elevação das taxas de emprego e com baixa na inflação. Contudo, o sonho de expansão americano era branco e não incluía os negros.

O crescimento na economia foi inegável, mas para a grande maioria dos negros não aconteceu. A distribuição de renda não havia mudado. Os mais ricos ainda controlavam 45% da riqueza; os mais pobres controlavam apenas 5%; e os índios, idosos, trabalhadores rurais, negros e latinos ainda eram os mais pobres do país.

Nessa direção, algumas mulheres saíram em busca de representatividade fora do espaço comumente conhecido: papel de esposa e de mãe. Contrário ao que se pensa, Purdy¹⁰¹, mostra que havia mulheres casadas e que trabalhavam fora, desmistificando a idéia do provento centrado nos salários dos homens chefes de família. Por conseguinte, houve um aumento no uso de contraceptivos, abortos e mudanças nas atitudes referentes ao sexo e, em contrapartida, a pressão por mudanças nas leis que regulavam tanto a reprodução quanto a sexualidade. Com isso, o número de divórcio aumentou e famílias não-nucleares surgiram.

Os sindicatos reivindicavam em defesa dos direitos das mulheres no trabalho e combatiam o machismo. Logo, dentro desse cenário de transição e mudança, a perspectiva das mulheres acerca do papel que exerciam na sociedade mudou, fomentando mudanças de perspectiva também para os homens e para o governo e, dessa convergência de fatores, surge a base do Movimento Feminista.

Nesse período, diversas associações surgiram baseadas no ideário de liberdade, prosperidade e democracia da América branca e articularam-se para conformar o Movimento pelos Direitos Civis – não que esse movimento não existisse antes das décadas de 1950 e 1960. Pelo contrário, desde a captura na África, os escravos empreendiam revoltas e rebeliões, apresentadas anteriormente, como forma de protesto ao processo de escravização.

No período pré-emancipação, os abolicionistas protestavam contra um poder que subjugava, matava e destituía os negros de sua humanidade, transformando-os em produtos. Logo, nota-se que uma articulação na tentativa de assegurar direitos aos negros já existia anteriormente. Nos anos de 1950-1960 a luta ganha relevo devido às leis de

¹⁰⁰ PURDY, 2008.

¹⁰¹ PURDY, 2008.

segregação, institucionalizadas ou não, pelo contato entre negros e pelas ideias mais liberais sobre liberdade aplicadas em países da Europa.

O *status* de Movimento lançou-se devido à organização dada: criação de diretórios, bases e lideranças com uma estrutura hierárquica definida. As estratégias de resistência pacífica advogadas pelo Dr. Martin Luther King Junior¹⁰², fundador da Conferência de Liderança Cristã, em 1957, são frutos de uma releitura das ideias de Mahatma Gandhi e de Henry Thoreau sobre a desobediência civil, conferindo ao Movimento uma política de natureza moral e religiosa por meio do apelo à “retórica americana do valor da liberdade, bem como à da justiça social bíblicas¹⁰³”.

O centro dessas mobilizações foram as igrejas negras, que se destacaram em defesa de questões políticas domésticas como: mobilizações contra a segregação; movimentos anticolonialistas na África. Destaca-se, neste contexto, o SNCC (*Student Nonviolent Coordinating Committee*) que possuía uma política inclusiva e democrática por meio da cultura de protesto, isto é, canções, comícios e outras práticas de solidariedade criaram um sentimento de comunidade entre os negros.

Os ativistas também mantiveram a tradição intelectual negra. Nesse momento, o acesso de alguns negros ao ensino superior na América aumentou e, com isso, a participação social cresceu, possibilitando o acesso ao mercado de consumo.

Esse acesso à educação superior passa a ser um *commodity* que consiste em um bem, convertido depois no poder do conhecimento, que traz a capacidade de reflexão sobre os contrastes de natureza social. Dentro desse cenário de luta de classes, derivadas das

¹⁰² “Líder do movimento pelos direitos civis, nascido em Atlanta e falecido em Memphis, Tennessee. Pastor da Igreja Batista, seus ideais e métodos baseavam-se no amor cristão e na ação não-violenta. Tornou-se famoso em 1955, ao liderar o movimento de protesto contra a segregação racial no ônibus, em Montgomery, Alabama. Mais tarde, formou-se o *Southern Christian Leadership Congress* (Congresso das Lideranças Cristãs do Sul), condutor da ala pacifista do movimento pelos direitos civis. Nos anos de 1960 esteve à frente de várias importantes iniciativas, recebendo, por isso, em 1964, o Prêmio Nobel da Paz. Posicionando-se contra a Guerra do Vietnã e ligando as vultuosas somas despendidas com ela a um pernicioso controle da economia americana e ao crescimento da pobreza entre negros, índios e brancos dos Apalaches, King entrou em rota de colisão com o governo americano e a indústria bélica, além de desagradar a alguns setores do movimento pelos direitos civis, morrendo assassinado em 26 de agosto de 1968. Sua morte, embora tenha demonstrado a não eficácia dos métodos pacifistas, contestados pelos Panteras Negras (Black Panther Party) e Black Muslims, pregadores da ação violenta, granjeou grande simpatia e apoio aos seus ideais. Tanto que hoje, em todos os Estados Unidos da América, o dia 15 de janeiro, data de seu aniversário natalício, é feriado nacional.” (LOPES, 2004, p. 374)

¹⁰³ PURDY, 2008, p. 244.

contradições sociais e econômicas, o primeiro impulso é a revolta violenta com o surgimento do grupo Panteras Negras¹⁰⁴.

Esse grupo defendia o armamento e reivindicava o ressarcimento dos negros pelos anos de escravidão e apontavam a “política do orgulho negro¹⁰⁵” como forma de resistência. Também, nessa mesma confluência, Malcolm X¹⁰⁶ defendia a criação da Nação do Islã na América, a violência como autodefesa, e o nacionalismo negro.

Outros mais perspicazes fundamentaram a transformação por um instrumento mais agudo, por ser mais direcionado ao cerne da questão racial, e também porque esse instrumento persistiria: as letras, que moveriam mais corações e mentes pela sua abrangência.

Nas décadas de 1950 a 1970, as pessoas começaram a questionar acerca da própria identidade em relação a negro, americano ou ainda afro-americano. Para tanto, ser apenas negro seria renegar a América; ser americano apagaria de certo modo a herança cultural africana, e ser afro-americano era o mesmo que habitar no limiar de duas definições que cortavam e separavam duas almas presas num só corpo.

Devido às mobilizações pelos Direitos Civis, os negros tornaram-se livres para votar, para ir e vir e não serem discriminados. No entanto, a liberdade não garantiu aos atributos como respeito, dignidade, e cidadania. Por meio desses questionamentos surge uma crítica mais profunda, fundamentada no arcabouço histórico que permite ao negro identificar dois lados e confrontar ideias.

¹⁰⁴ “Tradução da expressão *Black Panthers*, nome resumido do Black Panther Party for Self Defense, partido revolucionário fundado em 1966 nos Estados Unidos, por Bobby Seale e Huey Newton, com o objetivo de enfrentar e superar, por meio da luta armada, a discriminação sofrida pelos negros.” (LOPES, 2004, p. 512)

¹⁰⁵ PURDY, 2008, p. 248.

¹⁰⁶ “Cognome de Malcolm Little, político americano, nascido em Omaha, Nebraska, e falecido em Nova York. Filho de um ministro batista militante da Unia, torturado e assassinado pela Ku Klux Klan, passou de rufião, assaltante e traficante de drogas a líder político dos Black Muslims, pregadores da luta armada. Nos anos de 1960, escrevendo seguidos artigos na imprensa e participando de inúmeros comícios e palestras, inclusive no exterior, defendia o nacionalismo negro, baseado no orgulho étnico dos afro-descendentes. Por seu próprio exemplo pessoal, tornava-se a prova de que era possível a um negro pobre e envolvido com o crime sair da marginalidade e assumir lugar de destaque na vida nacional. Em abril de 1964 fez sua *hadj* (peregrinação) a Meca e impressionou-se com a união de todas as etnias promovida pelo credo islâmico. De volta aos EUA, incorporou o título El-Hadj (peregrino) ao seu nome muçulmano, Malik el-Shabazz; afastou-se da Nação do Islã, que advogava a separação entre negros e brancos, e criou a Organização da Unidade Afro-Americana, oq que pode ter levado ao seu assassinato, ocorrido durante uma palestra. Um dos personagens mais polêmicos da história recente dos EUA, sua autobiografia, escrita com a colaboração de Alex Haley, foi publicada no Brasil em 1964.”(LOPES, 2004, p. 410)

Desse questionamento apresenta-se a necessidade de dizer: quem é o negro, mostrar sua trajetória, re-encenar mitos, lendas, canções ancestrais para mostrar sua identidade. E uma das maneiras encontradas pelos negros para fazê-lo consiste na narrativa autobiográfica.

CAPÍTULO II

*“...We are a tongued folk. A race of singers. Our lips
shape words and rhythms which
elevate our spirits and quicken our blood.”*

Maya Angelou

2 INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo, deste trabalho, nos dedicamos a traçar um percurso histórico dos africanos a partir da saída desses povos da África, a chegada aos Estados Unidos e a participação em momentos relevantes da constituição da nação Norte-Americana, no período entre 1950 a 1960.

Nosso percurso se encerra nas décadas anteriormente citadas porque justamente nesse momento consolida-se a luta por direitos civis e a construção da própria identidade negra na sociedade americana. Também, nesse momento, lideranças e militantes redirecionam a luta e lançam estratégias de resistência disponíveis, no caso aqui, as letras.

Com isso não queremos dizer que a literatura afroamericana passou a existir somente a partir das décadas de 1950-1960; pelo contrário, essa literatura já existia, mesmo antes da guerra civil, em forma de relatos de escravos fugitivos, jornais, panfletos com características de literatura de protesto e reivindicatória.

Dado o cenário e a instabilidade dos anos de 1950-1960, a literatura afroamericana retomará com mais intensidade sua base que consistia no protesto, na denúncia por meio da prosa, ficção, poesia e, primordialmente, pela autobiografia. Nesse momento em particular, as escritoras negras ganham espaço na luta e se aliam aos movimentos civis e feministas.

Dentro do Movimento Feminista, as mulheres afroamericanas notam que sua luta diverge daquela das mulheres brancas, visto que as mulheres negras possuem uma dupla marca de discriminação social: são mulheres e são negras. Esse último fator configurava uma diferença em face da luta do Movimento Feminista que, no caso das mulheres negras, pautar-se-ia na reconstrução da identidade das mulheres negras e divergiria, em alguns aspectos, da luta das mulheres brancas.

Para as mulheres negras, escrever, nesse momento, significava encontrar a própria voz e ser ouvida. Mais além, a autobiografia negra feminina também se apresentava como uma estratégia de resistência tão eficaz quanto marchas ou protestos organizados, pois ao encontrar espaço, essas mulheres iniciam o processo de re-estruturação identitária mediante sua própria perspectiva.

Para tanto, as escritoras negras trazem às narrativas informações da cultura negra, agora rearticulada na América do Norte: a oralidade, as histórias, os mitos, as lendas, a religiosidade e a ancestralidade, formando um elo com o passado.

Neste segundo capítulo, analisaremos como a narrativa autobiográfica é um veículo por meio do qual os sujeitos podem (re)construir a identidade, passando em seguida às especificidades da autobiografia afroamericana feminina, culminando com a análise da primeira obra autobiográfica *I Know Why the Caged Bird Sings* (1970), da escritora afroamericana Maya Angelou no terceiro capítulo desse trabalho.

2.1. A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: ALGUMAS VISÕES

A narrativa ressurgiu, após alguns séculos de esquecimento, como uma via por meio da qual os sujeitos buscam compreender a si e ao mundo, conhecimento esse mediado pelas narrativas pessoais e culturais.

A narrativa de forma injusta foi relegada à categoria de ficção ou invenção de mentes desocupadas, que servia apenas para descrever situações ou histórias. Deste modo, relegada à categoria de mero “faz de conta”, o papel central da narrativa junto aos demais processos de pensamento, conhecimento, consciência e realidade foram deixados de lado ou negados.

Tal negação levou muitos a falarem em uma crise na literatura, nas artes em geral e também numa ruptura da organização temporal da vida dos indivíduos, chamada de condição pós-moderna. Porém, é justamente devido a essa crise que ressurgiu o interesse pela narrativa e, desse interesse, emergiu uma nova perspectiva adotada por alguns teóricos.

Nessa retomada, Paul Ricoeur propiciou uma das mais completas caracterizações sobre a narrativa mediante sua obra de três volumes intitulada “Tempo e Narrativa” (1994-1995). O autor afirma que a narrativa é a estrutura básica de nosso tempo e propõe três estágios da *mimesis*, sob os quais estão a identidade narrativa e toda a criatividade humana.

Esse trabalho é um marco nos estudos da narrativa, apesar de apresentar problemas na proposição teórica e na composição da identidade narrativa, ao ser tomada em conjunto com a natureza processual da narrativa e seus laços com outros processos humanos de identidade, conhecimento, consciência e realidade.

Num primeiro momento, poderíamos afirmar que a narrativa é uma história real ou ficcional que pode ser contada de forma escrita ou verbal, utilizando-se da arte, da linguagem de sinais ou de gestos. Todavia, cabe ao sujeito que relata a história a função

organizacional: criar personagens, ações, eventos, experiências ou situações que farão parte do enredo, de forma a existir uma ordem temporal no desenrolar dos acontecimentos.

2.1.1. ELINOR OCHS & LISA CAPPS¹⁰⁷

Em uma análise sobre a narrativa Ochs & Capps afirmaram que essa é uma versão da realidade, uma vez que não possui um ponto de vista objetivo, pois o passado é um relato feito a partir de ângulos diversos, escolhidos pelo indivíduo para atender a contingência do momento. Portanto, as narrativas são versões da realidade que incorporam vários aspectos.

Com base nessa perspectiva, as autoras afirmam que um desafio importante para a humanidade é reconhecer que as vidas dos indivíduos constituem-se de tempos passados, contados a si mesmos, em que cada nova narrativa propicia a possibilidade de construir novas identidades e exibe uma faceta do narrador. Por esta razão, as narrativas têm o potencial de gerar identidades parciais que, posteriormente, serão unidas em uma identidade transitória, uma vez que a narrativa cria o indivíduo ao mesmo tempo em que é criada.

A dimensão cronológica da narrativa dá coesão a elementos que seriam, em outro caso, díspares. Às vezes, a ordem cronológica é alterada para fins retóricos como, por exemplo, quando os narradores usam *flashbacks* ou desvelam os fatos aos poucos para que o suspense seja mantido.

As narrativas pessoais, mesmo ao tratar sobre o passado, criam uma ponte entre o presente e o futuro. Por serem sempre narradas da perspectiva do presente, as narrativas pessoais são também respostas às preocupações e conflitos de experiências passadas, unindo o passado ao presente pelo caminho de mundos futuros.

Do ponto de vista linguístico, o tempo verbal passado no qual a narrativa é feita, implica um tempo próximo ao presente e, por vezes, o narrador muda de passado para o presente. Essa estratégia mantém a narrativa viva e cativante, para assinalar que o passado não está morto, e que continua a invadir a consciência do narrador.

¹⁰⁷ OCHS, ELINOR & CAPPS, LISA. "Narrating the Self". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 25. (1996), p. 19-43.

Moreover, the most fundamental linguistic marking of the past, namely the past tense, implies a time closer to present. It is also common for narrators in many speech communities to shift into present tense, called the historical present, in referring to past events. [...] The use of the present tense to relate past events may indicate a continuing preoccupation; the events are not contained in the past but rather continue to invade a narrator's current consciousness.¹⁰⁸

Observamos que a narrativa é uma versão interpretativa da vida que emerge de diferentes perspectivas para que a memória represente fatos construídos e que, em algumas circunstâncias, não são captados em todas as dimensões existentes, caracterizando a narrativa autobiográfica como ficção ou invenção.

2.1.2. MARGARET R. SOMERS¹⁰⁹

Numa análise sobre a função da narrativa, Somers propõe a reconfiguração dos estudos sobre a formação da identidade por meio da fusão de dois conceitos: narrativa e identidade. Este pode incorporar dimensões de tempo, espaço e relacionalidade mediante recursos epistemológicos e ontológicos.

A narrativa foi incorporada às Ciências Sociais como modo de representação discursiva e não quantitativa. Todavia, entre os anos 1960 e 1970, as Ciências Sociais debateram sobre a abordagem dos historiados em se tratando da narrativa como valor e forma de representação da realidade.

De maneira simultânea, a filosofia política, os psicolinguistas, antropólogos e sociólogos reestruturaram o conceito de narrativa. Essas novas abordagens definiram a narrativa, bem como a narratividade como conceitos de epistemologia e ontologia social. Por conseguinte, isso significava afirmar que conhecemos o mundo social e construímos nossas identidades sociais por meio da narrativa e da narratividade, ou seja, nos tornamos quem somos devido à nossa localização, em narrativas sociais que, comumente, não foram criadas por nós¹¹⁰.

¹⁰⁸ OCHS & CAPPS, 1996, p. 25.

¹⁰⁹ SOMERS, Margaret R. "The Narrative Constitution of Identity: A Relational and Network Approach." *Theory and Society*, Vol. 23, No. 5 (Oct., 1994), p. 605-649.

¹¹⁰ SOMERS, 1994.

Ao centrar os estudos sobre a narrativa na nova dimensão ontológica, em detrimento de uma visão tradicional, que limita a narrativa a um método ou forma de representação, ocorre o engajamento em uma ação e agência social, que é simultaneamente temporal, relacional e cultural. Portanto, é possível analisar a formação identitária mediante uma perspectiva relacional e histórica que evita a rigidez, ao enfatizar que a identidade está imbricada em redes de relações sobrepostas e que sofrem modificações ao longo do tempo e do espaço.

A política identitária é reivindicada por grupos que se sentiam marginalizados como homossexuais, grupos ambientalistas, dentre outros, que surgiram, nos últimos vinte anos, da explosão dos novos movimentos sociais e da consciência feminista, que valoriza as diferenças, a igualdade e a política multicultural. Esses movimentos têm como ponto em comum o fato de serem constituídos por pessoas que se sentiram à margem da política dominante.

As novas teorias de política de identidade falam sobre solidariedade, não mais universalistas, mas de particularidades entre pessoas. Segundo Somers¹¹¹, ao longo dos anos, muitos historiadores abandonaram a explicação sobre narrativa, mas, em contraposição, outras áreas do conhecimento como a Medicina, a Psicologia Social, a Antropologia, os Estudos do Gênero, o Direito, a Biologia e a Física, têm reformulado o conceito de narrativa ou se apropriado do conceito em suas estruturas epistemológicas.

A mudança marcante nos estudos atuais sobre a narrativa centra-se no aumento da atenção sociológica à formação da identidade, ou seja, a mudança de perspectiva na representação para a narratividade ontológica. Muitos estudiosos têm observado dois aspectos sobre a própria vida social, sendo a primeira ligada à vida como uma sucessão de histórias e uma segunda, considera a narrativa como uma condição ontológica da vida social, mostrando que os sujeitos constroem suas identidades — ainda que múltiplas, ao posicionarem-se dentro de um repertório de outras histórias. Portanto, a experiência também é construída por meio de narrativas, as quais permitem aos sujeitos darem sentido aos fatos ocorridos no passado e no presente, e integrá-los em uma ou mais narrativas.

Dessa maneira, Somers¹¹² delineou algumas dimensões para a narrativa: narrativas ontológicas, narrativas públicas e metanarrativas¹¹³. Sendo assim, as narrativas ontológicas são aquelas que os sujeitos usam para compreender suas vidas e que podem mostrar ao

¹¹¹ SOMERS, 1994.

¹¹² SOMERS, 1994.

¹¹³ SOMERS, 1994.

sujeito o que fazer ou encaminhar ações a serem tomadas, produzindo novas narrativas e novas ações — o que é pré-condição para afetar a consciência e crenças dos sujeitos e vice-versa, auxiliando na constituição da agência desses sujeitos.

Nesta perspectiva, as narrativas ontológicas vêm do curso da interação social e estrutural ao longo do tempo, auxiliando os agentes a moldar suas histórias e, segundo Somers¹¹⁴, esses sujeitos oferecerão via história uma versão da realidade que mudarão ao longo do tempo.

A segunda dimensão das narrativas, as narrativas públicas, são aquelas ligadas às formações institucionais e podem ser de natureza micro ou macro históricas, locais ou não em relação à mobilidade social. Essas narrativas públicas abrangem, desde as histórias de uma família, até as histórias de uma igreja, um governo ou uma nação. Como todas as histórias, elas possuem enredo, drama, explicação e critério seletivo. Assim, uma família, por exemplo, pode apropriar-se de eventos para reconstruir as raízes pobres e humildes de sua família; a mídia pode organizar e ligar eventos de forma a criar o enredo da origem das desordens sociais.

A terceira dimensão, denominada metanarrativa, refere-se às histórias das ideologias, calcadas no Iluminismo, no Progresso, e na Decadência que constituem a contemporaneidade. Nessa direção, as metanarrativas podem abarcar dramas épicos de nossos tempos como a luta entre o Capitalismo e Comunismo, entre o Indivíduo e a Sociedade. Tais narrativas podem ainda ser desdobramentos teleológicos como, por exemplo, o Marxismo e a Luta de Classes.

Contudo, esta última narrativa, apresenta um aspecto paradoxal, que se configura na capacidade de desnarrativização. Apesar de serem construídas em conceitos e esquemas explicativos como sistemas sociais, entidades sociais, a desnarrativização consiste em abstrações. Embora possua todos os componentes necessários à narratividade, a transformação, enredo principal, personagens e ação não possuem o elemento principal de uma narrativa conceitual.

A partir de tais proposições, Somers¹¹⁵ sugere que o conceito de identidade narrativa caminhe unido à política identitária para realocar os indivíduos excluídos em novas teorias de ação, para que novas identidades, não fixas sejam constituídas. Por conseguinte, o propósito do “eu” será sempre reconstruído em relação a contextos internos,

¹¹⁴ SOMERS, 1994.

¹¹⁵ SOMERS, 1994.

como a dinâmica da vida do indivíduo, e externos, em relação à dinâmica do contexto social, que originará identidades particulares, entretanto, nunca universais.

Essa união reintroduzirá a relacionalidade analítica de tempo e espaço que são excluídas da abordagem categórica ou essencialista da identidade. Assim, a abordagem narrativa da identidade imbrica as relações dos sujeitos às suas histórias que mudam ao longo do tempo e do espaço¹¹⁶ e imprime à identidade social conceitos internos estáveis,

Desta forma, a luta pelas narrativas é uma luta pela identidade que também, em nossa interpretação, pode ser lida como uma luta pelo poder e pelo direito de narrar a si mesmo, e não ser narrado por um “Outro”.

2.1.3 JEROME BRUNER

Para Jerome Bruner, não existe algo com a vida vivida, mas a vida como uma forma de construção criada por meio da autobiografia. Segundo o autor, uma autobiografia é um modo de construir a experiência, que depende de nossas intenções e das convenções interpretativas à disposição e dos significados impostos sobre nós, pelos usos de nossa cultura e linguagem¹¹⁷.

O autor ainda afirma que um dos riscos da narrativa é o congelamento, no sentido de que o contador da história pode tentar conformar sua vida a uma versão criada, estagnando sujeitos pela restrição de mudanças e pela inibição do despertar para uma ação. Isso se trata justamente das autobiografias literárias que abrangem momentos do despertar e de mudanças para evitar a estagnação.

Devido a este aspecto, a autobiografia torna-se altamente instável, suscetível a influências externas de todas as ordens. Em face de determinadas intervenções culturais, a narrativa autobiográfica sofre influência de circunstâncias, por exemplo, religiosas e que produzem efeitos na vida do indivíduo, causando o despertar do qual a narrativa autobiográfica se vale¹¹⁸.

¹¹⁶ SOMERS, 1994.

¹¹⁷ BRUNER, Jerome. “The Autobiographical Process”. In: FOLKENFLIK, Robert (Editor). *The Culture of Autobiography: Constructions of Self-Representation*. Stanford, California: Stanford University Press, 1993, p. 38-56.

¹¹⁸ BRUNER, Jerome. “Life as Narrative”. *Social Research*. Vol 71 : No. 3 : Fall 2004, p. 691-710.

Por conseguinte, a autobiografia pode ser vista como uma expressão pessoal, como uma narrativa que expressa a dinâmica interna, mas também como um produto cultural¹¹⁹. O autor afirma também que a veracidade de tais histórias não é tão relevante nas autobiografias, baseada no conceito de autoconhecimento e que, muitas vezes, está subjacente e não revelado.

Tal afirmação, segundo Bruner¹²⁰, remete à lógica freudiana de conhecimento recebido sem questionamento, mas que precisa ser revisto. A ideia de autoconhecimento está fundada na crença de que nossas mentes estão equipadas com um *scanner* que tem acesso a todas às experiências e que, de alguma maneira, são restauradas na memória de forma transparente.

Todavia, tudo que sabemos sobre a construção das experiências e do armazenamento da memória assinala que tal proposição não procede porque o ato de rememorar é uma construção e reconstrução e, aquilo que subjaz na memória, não é um encontro original com um mundo real, mas altamente esquematizado. Assim, o ato de recontar a própria vida não é um ato de realizar novas descobertas ou de revelar memórias previamente escondidas; pelo contrário, é um ato de reescrever uma narrativa, ao longo de diferentes linhas de interpretação e, nesse processo, escolhemos a perspectiva de narração e, tudo que anteriormente poderia ser irrelevante e banal, torna-se novo e digno de nota.

De forma peculiar, as autobiografias assumem duas dimensões importantes: uma, de natureza singular à medida que permite interpretar a vida de um sujeito; outra; de ordem coletiva devido possibilitar que sua ação seja renovada mediante a leitura e interpretação de diferentes sujeitos.

O discurso autobiográfico é um ato constitutivo destinado à construção de uma possível realidade da vida em um tempo e espaço, negociada com alguém. Assim como a autobiografia não poder ser desprendida de um lugar e tempo, sua composição não pode ser destituída de interlocutores que constituem a dimensão dialógica do narrador¹²¹.

O processo autobiográfico envolve um narrador que está no presente, contando a história de um protagonista que possui o mesmo nome no passado. Segundo Bruner¹²², esse narrador deve recorrer à memória, para narrar situações do passado, que devem seguir determinados critérios, criados no decorrer do enredo e organizados na sucessão dos fatos.

¹¹⁹ BRUNER, 1993.

¹²⁰ BRUNER, 1993.

¹²¹ BRUNER, 1993.

¹²² BRUNER, 1993.

O discurso da autobiografia, por conseguinte, envolve um discurso de testemunha. Seligmann-Silva afirma que o testemunho “é, via de regra, [...] fruto da contemplação: a testemunha é sempre testemunha *ocular*¹²³”. A testemunha procura estabelecer uma ponte entre o “eu” do presente e o “eu” dentro dele e, deste diálogo estabelecido, constituir-se-á o “eu”. Portanto, a memória da narrativa autobiográfica-testemunhal, cria “cartografias” para a compreensão do “eu”.

O testemunho [...] ele apresenta uma outra voz, um “canto (ou lamento) paralelo”, que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado [...] A sua tese central afirma a necessidade de se partir de um determinado *presente* [...] a memória é concebida como um local de construção de uma cartografia [...] Ao invés de visar uma representação do passado, [...] tem em mira a construção a partir de um presente¹²⁴.

Destarte, o discurso testemunhal é o discurso de alguém que participa dos acontecimentos, ainda que somente como observador, desencadeando relatos marcados pelo tempo verbal passado e por verbos que expressam a experiência de forma direta, bem como pelo discurso direto. Aqui a testemunha cria uma proximidade existencial tanto para o escritor quanto para o leitor.

O relato é construído na memória em um estado de suspensão, para que o narrador tenha possibilidade de escolher a perspectiva de narração. Sempre que um evento é lembrado, este aparece para o narrador a partir de uma nova perspectiva. Logo, creditamos à narrativa autobiográfica a capacidade de oferecer aos indivíduos muitas perspectivas, por meio das quais os mesmos podem “reler” o passado e outorgar-lhe sentido, trazendo, a cada nova perspectiva, uma versão de um dado momento. Por isso, novas versões do “eu” são traduzidas em múltiplas identidades existentes para um contexto em particular.

Todos esses encontros com a memória mediante a narrativa autobiográfica nos mostram o que fomos, para aquele momento, e o que poderíamos vir a ser se houvéssimos seguido outro percurso, que não o escolhido. Porém, encontramos uma versão do que somos à luz do que não somos mais¹²⁵ e, apenas por meio da re-encenação do passado, a memória poderá sair do estado de suspensão ou de congelamento para narrar a própria história.

¹²³ SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A história como trauma”. In: NESTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Catástrofe e Representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 82.

¹²⁴ Seligmann-silva, 2000,, p. 90.

¹²⁵ DOUEK, Sybil Safdie. *Memória e Exílio*. São Paulo: Escuta, 2003.

Narrar a própria história dá ao indivíduo a possibilidade de comunicar às pessoas impressões acerca do mundo em que vive e também dá a esse indivíduo a oportunidade de explorar suas experiências por outra perspectiva.

A análise subjetiva do “Eu” ocorre numa versão do passado, que assume significações para os afroamericanos e, sobretudo, a narrativa autobiográfica desempenha papel relevante na escrita afroamericana feminina.

2.2. AS MARCAS DE UMA ESCRITA: A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA AFRO-AMERICANA FEMININA

Ao olharmos para o passado, principalmente, para o início do movimento pela libertação dos escravos, os abolicionistas eram em sua maioria homens negros que, após fugirem da escravidão no Sul dos Estados Unidos, relataram experiências vividas no cativeiro e sua trajetória rumo à liberdade. Muitos ex-escravos tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever para administrarem as fazendas de seus senhores, configurando-se, assim, num agente facilitador na vida dessas pessoas.

Por conseguinte, as primeiras narrativas autobiográficas foram escritas por homens negros ao terem acesso à educação formal, propiciando um complexo certificado de racionalidade e humanidade, em face do ideário Iluminista preconizado de que a razão somente poderia ser acessada pela escrita e suas representações.

Dessa forma, os homens negros estabeleceram um vínculo entre a educação e a liberdade porque vislumbravam na educação a verdadeira liberdade. Após a Emancipação dos estados sulistas americanos, os negros libertos puderam retomar instituições rompidas devido à dinâmica escravista — dentre elas, a família e, com isso a necessidade de prover o seu sustento.

Nessa direção, mulheres e crianças começam a trabalhar fora de casa e constataam duas mudanças significativas na estrutura social: a primeira, o senhor de escravos antes branco, passa a ser negro, visto que os homens estabeleciam contratos de trabalho e também recebiam os salários; a segunda, a jornada de trabalho passa a ser dupla, isto é, fora de casa e, ao chegar à casa, para realizar tarefas domésticas.

Algumas mulheres ex-escravas, neste período, já haviam escrito narrativas autobiográficas principalmente na época da abolição e no período pós-abolição. Entretanto,

o acesso dessas mulheres à educação era restrito, mesmo com o final formal da escravidão e com investimento das comunidades negras em escolas, a educação formal ainda era privilégio reservado aos meninos e homens.

Devido a esses fatores, as vozes presentes na literatura foram masculinas: a voz do escravo fugitivo, do orador, do abolicionista e do político e, por conseguinte, as vozes das heroínas negras, bem como suas imagens foram suprimidas e adaptadas ao universo masculino. Em face do exposto, não queremos afirmar que as mulheres afroamericanas estavam conformadas com a situação de exclusão; pelo contrário, como afirmou Washington¹²⁶, as mulheres negras não estavam hibernando em buracos escuros, meramente contemplando sua invisibilidade.

Dessa maneira, existia uma literatura feminina afroamericana que corria em paralelo ao cânone afroamericano masculino e que se valia do pensamento, das palavras e dos sentimentos, dos resquícios de elementos culturais africanos que sobreviveram e foram rearticulados na América do Norte. Como elementos centrais das memórias discursivas destacam-se em particular: o respeito aos ancestrais, o papel central das mulheres mais idosas nas comunidades como guardiãs das tradições, a culinária, as religiões que sofreram drásticas transformações e, principalmente, da música, numa constante e recorrente tentativa de familiarizarem-se com a própria cultura.

Em outras palavras, ainda não havia uma tradição afroamericana autobiográfica feminina. A presença feminina nas letras já existia, mas somente em outros gêneros literários. A tradição autobiográfica afroamericana feminina surgirá na segunda metade do século XX, como sinal da conscientização do povo afroamericano, em particular, das mulheres afroamericanas e também como uma resultante dos Movimentos Feministas e do Movimento pelos Direitos Civis.

Ao compartilhar uma experiência comum da escravidão, as mulheres negras, ao contrário dos homens, se viam diante de questões de raça e gênero. Mais além, essas mulheres tinham a experiência histórica de serem negras e serem mulheres, em uma sociedade específica, em um momento específico, ao longo de diversas gerações, fornecendo elementos de um discurso distinto dentro do corpo literário afroamericano.

¹²⁶ WASHINGTON, Mary Helen. "The Darkened Eye Restored: Notes Toward a Literary History of Black Women". In: GATES, Henry Louis (Editor). *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books, 1990, p. 7.

Para categorizar a autobiografia negra feminina mediante apenas fatores como raça e gênero, delimita uma relação complexa entre o texto, o autor e a experiência deste. Como apontou Genovese¹²⁷, voltar à dupla opressão — raça e gênero —, não propicia uma nova categoria teórica, visto que as mulheres negras e as mulheres brancas partilham a mesma categoria sexual, embora não ocorra referência às relações de classe de forma particular ou geral. Sendo assim, tanto o sexo quanto a raça prestam-se à representação, fabulação e mito.

A autora observa ainda que as categorias homem e mulher, branco e negro são apreendidas socialmente e são o resultado de atos ou formas de reconhecimento. Assim, o gênero e a classe transformam o sexo e a raça em barreiras, portanto, em formas de exclusão que tornam-se valores sociais positivos.

Uma análise centrada na autorepresentação das mulheres afroamericanas no gênero e na classe não exclui a força do racismo e do sexismo que estruturam a experiência destas mulheres; pelo contrário, isso repetirá os mitos que essas escritoras tentam dissipar.

Diante deste cenário, verifica-se que a autobiografia afroamericana feminina requer uma justificativa para a sua existência, o que remete à ideia de classificação, princípios e práticas de leitura, que, no caso das escritoras negras, deve considerar as condições extra-textuais.

O princípio básico que norteia esta classificação é a história que começa com a conscientização das mulheres negras e brancas sobre o espaço que ocupam na estrutura social. Essa conscientização surge da percepção e observação que fizeram de suas antecessoras: avós, tias, mães, irmãs e a própria condição de vida. Por exemplo, as avós foram escravas, as mães, as tias e as próprias irmãs também e que carregavam na memória e no corpo as marcas da opressão.

Ao olhar o contexto presente e futuro que as aguardava, a conclusão era de que, como dissemos anteriormente, o senhor havia mudado, mas o castigo, não. Portanto, essas filhas do Sul segregado notaram que, durante todo esse tempo, suas vozes não se faziam ouvir de forma ampla e marcante; a violação e a degradação ainda eram ignoradas; sua condição permanecia guardada como um segredo vergonhoso.

¹²⁷ GENOVESE, Elizabeth Fox. "My Statue, My Self". In: GATES, Henry Louis. *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books, 1990.

Em outras palavras, a presença das mulheres afroamericanas no campo autobiográfico ainda estava em fase de construção e estas mulheres identificam que a tradição autobiográfica feminina não poderia simplesmente ser inserida nas lacunas deixadas pelos homens.

Para isso, era preciso (re) definir os termos mulher e negra na sociedade. O clamor das mulheres por direitos, como observou Christian¹²⁸, se estendia àqueles a quem o direito à humanidade fora negado. E, para que a raça transcendesse à classe, era necessário a rememoração, isto é, a reconstrução do passado, para que luz fosse lançada sobre as histórias contadas pelas avós, pelas tias e pelas irmãs negras do Sul segregado, trazendo o passado autobiográfico das mulheres negras.

Contudo, para que isso ocorresse era necessário escavar o passado e restaurar as palavras de mulheres predecessoras que estavam soterradas na história¹²⁹. Para tanto, a autobiografia afroamericana feminina apresenta a experiência do indivíduo como um reflexo ou emblema da situação coletiva, que consiste em um projeto coletivo diante das pressões externas que, devido à longa história de opressão, partilha a compreensão do duplo uso da linguagem como estratégia de sobrevivência e resistência.

Dessa forma,

The autobiographical subject thus emerges as an almost capricious member of the group, selected to tell his or her story and to explain the condition of the group rather than to assuage his or her egoistical concerns. [...] the autobiographical statement emerges as a *public* rather than private gesture, *me-ism* gives way to *our-ism* and the superficial concerns with the individual subject (individualism) give way to the collective subjection of the group.¹³⁰

Por conseguinte, poderíamos afirmar que a autobiografia afroamericana feminina emerge como uma “zona de contato”¹³¹, ou seja, um local de encontro entre culturas díspares que se chocam e lutam sempre numa relação assimétrica de dominação e subordinação.

¹²⁸ CHRISTIAN, Barbara. “The Highs and the Lows of Black Feminist Criticism”. In: GATES, Henry Louis. *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books, 1990.

¹²⁹ CHRISTIAN, 1990.

¹³⁰ CUDJOE, Selwyn. “Maya Angelou: The Autobiographical Statement Updated”. In: GATES Jr., Henry Louis (Editor). *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books, 1990, p. 280.

¹³¹ PRATT, Mary Louis. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London; New York: Routledge, 1992, p. 4.

Esta escrita torna-se *locus* onde as mulheres negras se fazem copresentes por meio da escrita, destituindo-se dos estereótipos criados e enraizados na sociedade pelos brancos para revestirem-se de uma identidade que lhes reflita.

A representação das vidas das mulheres negras, bem como dos homens nas autobiografias, evita o tom confessional adotado pelas escritoras brancas em suas autobiografias. Para Genovese¹³², as escritoras afroamericanas parecem oscilar em suas autobiografias entre o exibicionismo e o segredo; entre a autoexibição e auto-ocultação.

O público leitor está representado nas autobiografias afroamericanas femininas: se por um lado essas escritoras desejavam expor a amargura da opressão e, em especial às mulheres brancas sulistas, por outro lado, buscam também conquistar a simpatia do público negro e, por consequência, elevar a consciência a respeito da condição de expropriação na sociedade americana, clamando por uma solidariedade ativa.

Contrário aos homens afroamericanos que, segundo Awkward¹³³, seguem o mesmo padrão dos textos ocidentais tradicionais que estabelecem uma competição entre si, as escritoras afroamericanas têm uma relação mais harmoniosa entre si e buscam modelos femininos, numa tentativa de fusão simbólica com suas antecessoras.

Poderíamos afirmar que essa literatura se presta igualmente ao papel de recuperar determinadas imagens e elementos africanos que, como afirmamos no início desse capítulo, sofreram um processo de aculturação nos Estados Unidos, mas que permaneceram no imaginário negro como parte constituinte de suas identidades.

2.2.1 A HERANÇA AFRICANA

De acordo com a proposição de Bakhtin¹³⁴, a linguagem somente é possuída pelo sujeito quando, esse, passa a povoá-la com suas intenções. A proposta do autor muito se assemelha ao significado do poder da palavra para os africanos, posto que dominar a palavra equivale a fazer com que as coisas comecem a existir no mundo, tendo em vista a

¹³² GENOVESE, 1990

¹³³ AWKWARD, Michael. *Inspiriting Influences: Tradition, Revision, and Afro-American Women's Novels*. New York; Oxford: Columbia University Press, 1989.

¹³⁴ BAKHTIN *apud* AWKWARD. 1989.

relação entre os sujeitos e as palavras que intrinsecamente estão ligadas à própria construção do “eu”, detentor de uma história¹³⁵.

O ato de falar estava conectado à transmissão dos mitos, das lendas, das receitas, das crenças, enfim de todo o saber africano. Adaptado ao Novo Mundo pelos africanos que aqui chegaram, coube às mulheres negras serem detentoras desses saberes e, em particular, as mulheres mais idosas.

A transmissão de histórias nas sociedades africanas dava-se pela oralidade que, em algumas circunstâncias, serviam como instrumento para difundir conhecimento e iniciar uma conversa, tendo o público como principal interlocutor e responsável pela continuidade da narrativa, ao iniciar o processo de questionamento e interpretação da história contada¹³⁶.

Essas histórias expressavam o fluxo social e natural da realidade. Atingir um final fechado não era o objetivo dos contadores de histórias, uma vez que exerciam poder na vida da comunidade, por meio do contínuo diálogo entre público e o contador. Tais narrativas criavam laços, traziam mudanças sociais ou pessoais à comunidade e ao público ouvinte.

Em vista disso, parece-nos muito apropriado o ditado africano que foi adaptado às Américas. Segundo o ditado, em todos os países das Américas onde há influência negra, cada vez que uma cozinheira negra idosa falece, todo um mundo de tradição cultural oral e popular é perdido.

Tal máxima torna-se verdadeira, ao levarmos em conta que as escritoras afroamericanas se voltam para a África em busca de suas raízes. Essas histórias são transmitidas para as escritoras — filhas do Sul segregado—, de forma muito intimista e pessoal, isto é, nas cozinhas pelas avós, mães e tias.

É notório observar que as avós obtiveram papel fundamental na formação da voz negra feminina e no ganho de audibilidade que será manifesto nas autobiografias afroamericanas femininas. Contudo, não apenas as avós, mas as mulheres negras idosas traziam unidade à família, que recorria à sua sabedoria em caso de problemas matrimoniais ou discórdia entre irmãos, destacando que a sobrevivência da família estava atrelada à união dos membros.

As mulheres negras idosas, também, eram detentoras da cultura popular e recorriam à natureza para utilizar seus poderes medicinais, por exemplo. As mulheres mais

¹³⁵ CUDJOE. 1990.

¹³⁶ CALLAHAN, John F. *In the African-American Grain: Call-and-Response in Twentieth-Century Black Fiction*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 2001.

jovens dependiam das idosas, tanto para cuidar dos filhos menores, enquanto trabalhavam fora de casa ou, até mesmo, para aliviar-lhes as dores do parto e assegurar às crianças uma entrada segura no mundo.

Os adultos também tratavam as avós, mesmo sem grau consanguíneo de parentesco, como uma segunda mãe a quem era necessário devotar o mesmo respeito dado à mãe biológica. A posição dessas mulheres nas famílias afroamericanas remonta à posição das mulheres nas sociedades africanas.

Em famílias Yorubá, que adotavam a poligamia, após o falecimento do marido, os bens do falecido eram divididos entre as diversas esposas que tivessem filhos. Uma mulher que não tivesse filhos poderia ou não receber algum bem, para que pudesse manter-se até que se casasse novamente. Entretanto, aquelas mulheres que, mesmo sem haverem se casado, contribuísem de forma significativa na sociedade, eram tratadas pelo título de “Mãe”, haja vista que eram reconhecidas e respeitadas como as matriarcas da sociedade e preservavam saberes da comunidade.

Em vista disso, as avós são personagens recorrentes nas autobiografias afroamericanas femininas, representando senso de identidade às raízes ancestrais dos afroamericanos e também laços de união dentro da rede familiar. Também a religião sobreviveu nas Américas como um aspecto vital para os africanos.

Ainda que tenha havido a adoção de outras religiões diferentes das africanas nas Américas, a religião era imprescindível aos africanos e afroamericanos, visto que era uma forma complexa de compensação pela escravidão. Assim como na África, a religião para os afroamericanos não estava separada da vida diária; pelo contrário, tudo o que acontecia no cotidiano possuía uma explicação sobrenatural e divina.

Como não era permitido aos negros durante a escravidão reunirem-se em grupos no Sul dos Estados Unidos, os escravos aderiram à religião Batista que era considerada a igreja das massas, devido ao caráter mais democrático e autônomo. Essa era uma das poucas igrejas que aceitavam a participação de negros, nos trabalhos religiosos, e em cultos, que permitiam maior expressividade no louvor.

There was also greater liberality among the Baptists in giving Negroes permission to preach while also in addition the Baptist method of administering communion was not calculated to discriminate against

them. Finally the mode of baptism among the Baptists satisfied the desire of the Negro for the spectacular¹³⁷.

Aliada ao elemento religião estava a figura do pregador, um homem que traduzia aos fiéis as palavras da Bíblia e que teve, dentre outras funções, que elencamos no primeiro capítulo, a função de manter a comunidade negra unida na fé também por meio de palavras de ânimo e força mediante uso da música negra religiosa.

2.2.2 O PODER DA PALAVRA CANTADA PARA OS AFRO-AMERICANOS: A MÚSICA NEGRA

A música negra se desenvolve na Américas ao refletir experiências dos afrodescendentes no Novo Mundo. Por isso, essa música toca na dualidade inerente aos afrodescendentes que procuravam conciliar a herança africana com a participação na construção da nação americana, ou seja, a constante tentativa de ser negro, mas ao mesmo tempo também ser um americano.

A base da música negra afroamericana está na África e, para Wilson¹³⁸, é possível enumerar dois fatores que auxiliaram no florescimento dessa música nas Américas, dentre os quais, a prática da dança nos navios negreiros e apresentações musicais.

Em se tratando da música, Fabre¹³⁹ afirma que, durante a travessia do Atlântico, os africanos capturados eram encorajados e algumas vezes forçados a dançarem nos navios como exercício para a saúde, tendo em vista que comerciantes de escravos se comprometiam em trazer para as Américas africanos em bom estado de saúde.

Em alguns casos os cativos levavam consigo instrumentos musicais e, alguns capitães, permitiam que eles os tocassem para animar as danças. Tal prática visava aliviar o

¹³⁷ HESRKOVITS, Melville. *The Myth of the Negro Past*. New York & London: Harper & Brothers Publishers, 1941, p. 210.

¹³⁸ WILSON, OLLY. "It Don't Mean a Thing IF it Ain't Got That Swing": The Relationship Between African and African American Music". In: WALKER, Sheila S. (Editor). *African Roots/American Cultures: Africa in the Creation of the Americas*. Lanham; Boulder; New York; Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2001, p. 153-168.

¹³⁹ FABRE, Geneviève. "The Slave Ship Dance". In: DIEDRICH, Maria; GATES, Henry Louis; PEDERSEN, Carl. (Editors). *Black Imagination and the Middle Passage*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 33-46.

sofrimento do longo período de permanência dos escravos nos navios e ainda diminuir a taxa de suicídios a bordo dos navios de carga humana.

Os escravos eram oriundos de regiões distintas, esses momentos proporcionaram o encontro de diversos grupos étnicos que partilhavam músicas com companheiros de viagem. Essas trocas ocorreram inúmeras vezes nas diversas viagens da África para as Américas e envolveu os mais distintos grupos étnicos africanos, configurando o Atlântico uma zona de contato¹⁴⁰, mas de certa forma, um contato positivo entre os grupos étnicos no sentido de manutenção de traços musicais dessas culturas.

Com relação às apresentações musicais, Wilson¹⁴¹ aponta que o papel da música para os africanos ia além do entretenimento, haja vista que, esta, estava enraizada em todas as atividades cotidianas da vida africana como no trabalho, nos cultos religiosos, e na morte. Para tanto, a música consistia numa força, portanto, um agente causal que tinha relação com a cosmologia africana.

Em determinadas religiões africanas, o universo é visto como possuidor de um fluxo contínuo e dinâmico de forças que atuam constantemente e interagem entre si, ou seja, todas as coisas possuem um grau de força. Segundo essa perspectiva, o universo possui três níveis a saber: o nível da força suprema; o nível das divindades; e o nível da possessão.

O primeiro nível, a força suprema, é o ser onipotente e onipresente criador de todas as coisas e a fonte de toda força. Este ser não se interessa pelos problemas mundanos dos seres humanos e, após ter criado todas as coisas, distanciou-se do mundo. O segundo nível, ao contrário, detém as diversas forças da natureza que estão presentes no cotidiano, interagindo com os seres humanos por meio das divindades. Portanto, cada divindade preside sob um domínio, exercendo o poder e autoridade. Essas divindades é que os humanos devem recorrer para conseguir determinados objetivos, mas para acessar o plano das divindades é preciso atingir o terceiro nível da possessão.

A possessão ocorre quando o ser humano devoto de determinada entidade entra em comunhão com a mesma. Esta possessão acontece no ápice de uma apresentação musical — visto que cada divindade possui uma música própria—, quando o toque dos tambores, os cânticos e a dança intensificam-se e os participantes são absorvidos pela música.

¹⁴⁰ PRATT, 1992.

¹⁴¹ WILSON, 2001.

Dessa maneira, acredita-se que, nesse momento, o devoto assume a personalidade da divindade, sendo fortalecido por esta. Todavia, o ato de possessão só ocorrerá se a música associada àquela divindade for tocada. Nota-se que a música é indispensável ao funcionamento do próprio cosmo e os músicos são igualmente importantes porque sabem qual música e cânticos são associados a cada divindade.

Essa dinâmica sofreu modificações nos Estados Unidos onde à escravidão e as recorrentes tentativas de anular e apagar o passado africano foram mais intensas, incluindo a proibição do uso de tambores, principal elemento das religiões africanas. Por isso, a especificidade das práticas musicais africanas não sobreviveu como ocorreu, por exemplo, no Brasil, no Haiti, e em Cuba, que tiveram continuidade, ainda que em algumas regiões houvesse sincretismo.

Ainda assim, o conceito de rito ou ritual, associado à música como agente que ancora e sustenta o êxtase religioso permaneceu na América do Norte: “The notion that music is a vehicle for the inducement of an altered state of consciousness is very important to its understanding”¹⁴².

Nos Estados Unidos, o Cristianismo mudou a visão dos africanos sobre o cosmos, resultando em um sincretismo, mas com a reinterpretação dos conceitos africanos de religião, para conformar às realidades da experiência, destes, na América do Norte. Talvez, essa seja uma das razões que motivaram a adoção da religião Batista e Metodista, por adotar o fervor religioso e reconhecer a ação do Espírito ao som de músicas religiosas.

No século XVIII, esse fervor é transferido aos *spirituals*¹⁴³ derivados das músicas de trabalho dos escravos nas *plantations* do Sul dos Estados Unidos. Os senhores de escravos incentivavam o cântico, durante o trabalho dos escravos, porque acreditavam que isso aumentaria a produtividade. Todavia, esses cânticos não expressavam a felicidade pela labuta; pelo contrário, constituem-se em lamentos de dor e tristeza, que ganharam tom sacro e, no século XIX, evoluíram para os *gospels*¹⁴⁴ como músicas religiosas de cunho

¹⁴² WILSON, 2001, p. 159.

¹⁴³ “O mesmo que *negro spiritual*, espécie de música vocal de cunho religioso desenvolvida pelos negros do Sul dos Estados Unidos desde os tempos da escravidão.” (LOPES, 2004, p. 631)

¹⁴⁴ “Palavra inglesa que significa “evangelho”. Dá nome à forma mais moderna e conhecida da adaptação musical do *negro spiritual*, surgida da adaptação de hinos evangélicos às concepções africanas de canto coral, nos Estados Unidos do século XVIII. Até a Guerra da Secessão (1861-5), pouco se conhecia dos cantos dos negros americanos; mas, durante e depois do conflito, esses cantos, e principalmente os *spirituals*, despertaram interesse e atenção geral. [...]” (LOPES, 2004, p. 306)

menos solene, cujo canto coletivo “pode transformar-se em diálogo entre o indivíduo e o coro”¹⁴⁵.

Após a Guerra da Secessão, um novo tipo de música nasceu, denominado de *Blues*¹⁴⁶. Este surgiu como um ritmo musical, num momento, em que para a grande maioria dos escravos recém libertos, o Sul dos Estados Unidos não era mais um lugar seguro para viver. Os ex-escravos saíram em busca de um local seguro, onde a melancolia da escravidão e da guerra não estivesse presente.

Deste modo, o *Blues* expressa a dor, a tragédia, a busca, por vezes, o desespero usando o humor para mascarar as reais aflições dos ex-escravos. Como observou Wagner, “Entre cada frase, com efeito, os cantores tocam nos seus instrumentos (guitarra, banjo, harmônica e mais tarde piano) frases que libertam um *swing* intenso, tão intenso quanto rude”¹⁴⁷.

Embora o *Blues* possua o Sul dos Estados Unidos como berço, com o deslocamento dos ex-escravos para o Norte do país, o *Blues* ganha um tom mais urbano mediante mudança de temas, mas com a manutenção de uma base rítmica. O recurso pergunta e resposta, fundamental na narrativa oral africana, torna-se mais intimista e individual no *Blues* à medida que o cantor responde às próprias indagações verbalmente ou por meio de um instrumento. Portanto, o *Blues* conta com a experiência partilhada da escravidão, das injustiças e da segregação entre o cantor e o público, e o artista, por sua vez, espera que tais histórias sejam passadas adiante.

Em contrapartida, o *Jazz* nasceu nos portos de Nova Orleans por meio do contato entre afroamericanos e franceses. Devido ao excessivo número de estrangeiros, essa cidade tornou-se um centro de entretenimento que precisava constantemente de atrações diversificadas para atrair o público e, como o *Blues* não era uma música convidativa para a dança por várias horas seguidas, portanto, era necessária música com sonoridade para atrair clientes.

¹⁴⁵ WAGNER, Jean. *O guia do jazz: Iniciação à história e estética do Jazz*. Portugal: Pergaminho, 1991, p. 29.

¹⁴⁶ “Expressão musical, vocal e instrumental, dos negros do Sul dos Estados Unidos, caracterizada em geral pelo andamento lento e pelo uso de acordes abemolados. Também, estilo de interpretação jazzística oriundo dessa expressão. O termo é redução da expressão *blue-devils*, que dá nome a um sentimento de depressão e tristeza comparável ao afro-brasileiro alundu. [...]” (LOPES, 2004, p. 125).

¹⁴⁷ WAGNER, 1991, p. 30.

Dessa maneira, uma música com a sonoridade de um piano e outros instrumentos como a guitarra, o contrabaixo, o trompete e o clarinete nasceram. O *Jazz*¹⁴⁸, por sua vez, era tocado por pequenas orquestras, com ritmo simples, frases de fácil memorização e cantáveis, enriquecidas pelos músicos com improvisações e sem perder o *swing*, que é o elemento que dá vida ao discurso do *Jazz*.

Se por um lado o *Blues* trazia a tristeza, o *Jazz* mostrava a alegria. O *Jazz* evoluiu de uma expressão coletiva a uma expressão individual, com fraseados distintos e, como afirmou Wagner: “sua sonoridade [...] não é senão a sua voz traduzida pelo instrumento¹⁴⁹”. Nota-se que nesses dois ritmos, a palavra está presente: no *Blues*, a musicalidade está na palavra em si, e no *Jazz* a voz perfaz o papel de mais um instrumento musical.

Em vista disso, a música é um ritmo destinado a espantar a tristeza e criar laços comunitários. De forma semelhante à concepção africana sobre a música, para os afroamericanos a música é uma atividade comunal. O músico, por meio de sua arte, convida a todos os participantes a fazer parte do processo, que é um processo de inclusão participativa pela interação, tanto entre os músicos, quanto do público que canta, dança, e responde ao chamado dos artistas.

Para os afroamericanos, assim como para os africanos, a música e a linguagem são inseparáveis, visto que ambas são veículos de comunicação que empregam o som. Tal fato remete a algumas tribos da África subsaariana que possuem linguagem tonal e usam o tom ou altura da voz para definir as palavras¹⁵⁰.

Deste modo, nota-se que a percepção da música como uma experiência multidimensional verbal e musical é predominante na música afroamericana e tal predominância se estende até as músicas religiosas. Portanto, as músicas afroamericanas também são narrativas que contam histórias, gerando interpretações ou traduções do meio social, tanto para os artistas quanto para os ouvintes e, devido ao tom comunal —como argumentamos anteriormente—, as músicas e, em particular o *Blues*, convida àqueles que

¹⁴⁸ “Forma de expressão musical criada pelos negros norte-americanos. Tradicionalmente, caracteriza-se por uma sólida e ao mesmo tempo flexível infra-estrutura rítmica, com solo e improvisações do conjunto sobre melodias e acordes determinados. Mais recentemente, entretanto, adquiriu uma linguagem harmônica altamente sofisticada. Nascido em Nova Orleans, do amálgama de *spirituals*, *blues*, canções de trabalho e marchas militares, o *jazz*, levado pelos negros em suas migrações para Chicago, Nova York e outros centros, disseminou-se por todo o mundo [...]” (LOPES, 2004, p. 356)

¹⁴⁹ WAGNER, 1991, p. 27.

¹⁵⁰ WILSON, 2001.

partilham da experiência da escravidão, da exclusão e da opressão a engajarem-se num processo de reinterpretação da própria história do indivíduo.

Essas tradições orais foram adaptadas à literatura afroamericana. No caso da pergunta e resposta, por exemplo, apesar de haver uma relação imaginária entre autor e público leitor, escritores e escritoras negras impregnaram suas obras da energia da improvisação e do testemunho que são partes integrantes da tradição oral.

Como afirmou Callahan¹⁵¹, essa é uma espécie de estratégia literária que visa persuadir os leitores a tornarem-se simbólicos e, por conseguinte, participantes reais na tarefa de construir imagens e de contar histórias. Tal técnica foi adaptada das músicas, das histórias orais e, da mesma forma que a música propicia a interação entre os artistas e seu público ou entre um pregador e seus fiéis, oferece ao escritor a possibilidade de interação entre ele e seu público leitor.

Por isso, o escritor deve ficcionalizar o leitor, que, por sua vez, deve ficcionalizar o escritor. Por conseguinte, a escrita autobiográfica valeu-se dessa ficção que, por fim, tornou-se um ato de libertação porque permite ao escritor chamar o leitor para que se transforme simultaneamente em indivíduo e membro de uma comunidade nacional.

Nesse sentido, todo leitor tem deveres e responsabilidades inerentes aos cidadãos, e os escritores transportam tais deveres e responsabilidades para personagens, visto que uma história, como afirmou Callahan¹⁵², flui por meio de diversas outras histórias. Entretanto, histórias de escritores brancos são contrárias a essa perspectiva que tendem a fechar a vida dos personagens, como se não houvesse nada além daquilo.

Os escritores e escritoras negras estão sempre envolvidos em uma luta moral e física, portanto, espera-se que uma liberdade maior seja alcançada. Contudo, para que a própria voz torne-se audível, é preciso ouvir, ler e interpretar outras vozes que contam outras histórias.

Diante de diversas proposições, a narrativa autobiográfica assume a construção identitária para os afroamericanos e afroamericanas de contar a própria história e moldar a própria vida e, por conseguinte, iniciar uma luta centrada na experiência e na imaginação¹⁵³.

¹⁵¹ CALLAHAN, 2001.

¹⁵² CALLAHAN, 2001.

¹⁵³ CALLAHAN, 2001.

Se por um lado nas zonas de contato¹⁵⁴, as culturas ou sujeitos díspares se encontram numa relação assimétrica de forças, desse encontro emerge um entre-lugar¹⁵⁵, no caso, a narrativa autobiográfica fornece, por meio da escrita, a possibilidade de uma articulação desses sujeitos pertencentes a uma minoria. Por meio dessa articulação, que é também uma estratégia de resistência, os sujeitos iniciam o processo de luta pelo direito de expressar-se mediante sua perspectiva.

Para as minorias silenciadas, narrar e, em especial para as escritoras afroamericanas, é um ato político que forja uma identidade coletiva por meio da história de indivíduos que, apesar de serem narradas em separado, de forma conjunta fazem parte do pano de fundo maior, que é a experiência negra na América.

Podemos afirmar que a narrativa é, sob a perspectiva de Bhabha¹⁵⁶, uma forma de lutar pelo poder de dizer e pelo poder de ser porta-voz dessas narrativas, que acabam por tornar-se sustentáculo do grupo étnico, para ir além do estabelecido e construir uma identidade.

As narrativas desses grupos minoritários buscam também justiça social ao evidenciar as condições de expropriação social do próprio grupo. Como afirmou Hooks¹⁵⁷, as escritoras afroamericanas devem encontrar a própria voz nesse processo de autorreconstrução identitária.

Neste sentido, a narrativa autobiográfica afroamericana feminina passa a ser uma forma pessoal de recontar eventos não necessariamente como ocorreram, mas como são lembrados¹⁵⁸. Portanto, o processo simbólico de recuperar o passado é simultaneamente uma tentativa de unir e desvencilhar-se desse passado.

Além disso, este também é um processo de recuperar as raízes, curar feridas, desmistificar identidades e reconstruir outras, porém partindo da perspectiva da mulher afroamericana. Por conseguinte, para as escritoras afroamericanas, a narrativa autobiográfica assume o papel de resistência e de diálogo contínuo com a cultura dominante.

¹⁵⁴ PRATT, 1992.

¹⁵⁵ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 20.

¹⁵⁶ SOUZA, Lynn Mário T. M. "Hibridismo e Tradução cultural em Bhabha". In: ABDALA, Benjamin (Organizador) *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 113-133.

¹⁵⁷ hooks, bell. *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*. Boston, MA: South End Press, 1989.

¹⁵⁸ hooks, 1989.

Destarte, as autobiografias afroamericanas femininas que ressurgiram com maior intensidade, nos anos de 1970, delineiam uma história específica de colonização e se oferecem como metáfora, para o espírito humano de uma comunidade e suas respectivas formas de expressão.

Nesse período, as escritoras afroamericanas iniciam um distanciamento dos escritores afroamericanos, principalmente, no modo como tratam a subjetividade dos personagens principais de suas obras, na maneira como as protagonistas negras se libertavam dos senhores negros - companheiros ou maridos. .

A corajosa tentativa de definir o “eu”, em seus próprios termos, vinha unido à urgência de falar sobre as preocupações femininas com suas irmãs sulistas que, em sua maioria, eram igualmente filhas do Sul segregado.

Algumas escritoras negras como Mary Helen Washington¹⁵⁹ apontaram que a escrita feminina negra consistia em uma revolta aberta contra as ideologias e atitudes que confinam mulheres negras à servidão, e a revolta dessas mulheres teve impacto nos rumos da literatura afroamericana.

Por conta das limitações das escritoras negras, as personagens negras femininas nunca conseguiram atingir a plenitude de sua existência, como sujeitos autônomos dentro da literatura afroamericana. Normalmente, essas personagens eram retratadas como complementos da vida dos homens negros que não mereciam muita atenção, e que estavam sempre dispostas a servir a outros, fossem homens brancos ou negros, crianças negras, parentes idosos.

O silêncio dessas mulheres constituiu-se como resultado do modo como os escritores negros eram manipulados pelo mercado literário. Segundo Selwyn¹⁶⁰, até os anos de 1970, apenas um escritor negro poderia surgir no cenário literário por vez e, por conseguinte, os escritores negros acirravam a luta entre si, com a finalidade de terem livros publicados. Nessa direção, a vida das mulheres ficou em evidência somente, nos anos 1960, quando houve a emergência do nacionalismo negro, haja vista que antes dessa década a atenção estava voltada para problemas de outra ordem.

Assim a literatura afroamericana feminina recebe o devido destaque no final dos anos 1960 e início de 1970, devido a quatro fatores principais como a deficiência do nacionalismo negro; o aumento de pressões sociais e econômicas que levaram à rápida

¹⁵⁹ WASHINGTON, 1990.

¹⁶⁰ CUDJOE, 1990.

deterioração dos centros urbanos; o crescimento do movimento feminista que fez com que as mulheres afroamericanas se conscientizassem de serem mulheres e de serem negras; e as crescentes tensões nas relações entre homens e mulheres negros¹⁶¹.

Como resultado dessa convergência de fatores, as escritoras afroamericanas introduziram uma nova dimensão na literatura americana e, dessa confluência de tensões, Maya Angelou oferece ao público a primeira autobiografia intitulada *I Know Why the Caged Bird Sings*, publicada em 1970, seguida por *Gather Together in My Name* (1974), *Singin' and Swingin' and Gettin' Mery like Christmas* (1976), *The Heart of a Woman* (1981) e *All God's Children need Traveling Shoes* (1986).

A escritora Maya Angelou oferece por meio de suas autobiografias profundo significado para a vida das mulheres afroamericanas, mediante a busca pela autonomia e pela conscientização do papel desempenhado na sociedade. Assim, ao analisarmos a narrativa autobiográfica de Maya Angelou nota-se que é marcante a busca pela individualidade, a luta pessoal imbricada com as condições gerais de vida dos afroamericanos, a reivindicação de um papel representativo, não somente em relação aos afroamericanos, mas também em relação à ideia de América.

¹⁶¹CUDJOE, 1990.

CAPÍTULO III

*“The caged bird sings
with a fearful trill
of things unknown
but longed for still
and his tune is heard
on the distant hill
for the caged bird
sings of freedom.”*

Maya Angelou

3 MAYA ANGELOU: *I KNOW WHY THE CAGED BIRD SINGS* E SEU CONTEXTO SOCIAL E LITERÁRIO

O primeiro livro autobiográfico de Maya Angelou *I Know Why the Caged Bird Sings*¹⁶² foi escrito na década de 1960 e teve sua primeira publicação em 1970. Maya Angelou já era conhecida no meio literário devido seus poemas e mini-carreiras como historiadora, atriz, cantora, poetisa e roteirista que seriam objeto de suas autobiografias.

Logo após sua publicação, *Caged Bird* transformou-se em uma série de televisão em 1978. As produções da escritora mostram um mundo cercado de humilhações, opressão, deslocamento e perdas, que, para os negros, apresenta um significado de crescer e viver circunscrito aos limites impostos por uma sociedade desigual.

De forma particular, a questão de gênero tem relevância na produção de Maya Angelou e, por meio de narrativas, a autora evidencia como as mulheres negras são violadas por forças opressoras, inclusive da própria comunidade negra, o que confere à obra um tom político.

Como Maya¹⁶³ mostra ao longo da obra, a vida no Sul dos Estados Unidos repleta de provações constantes, dificuldades, brutalidade e violência imposta, por exemplo, pela *Ku Klux Klan*, que não apenas sodomizava, mas matava mulheres, homens e crianças negras. Havia também a forte política *Jim Crow* de segregação e confinamento dos negros aos piores lugares da cidade, e os episódios de degradação física e psicológica a que os negros eram subordinados.

Nesse cenário, consolida-se a jornada de Maya que perpassa a inocência até o momento de conscientização, da desfragmentação à identificação com as lutas do negro, da ruptura com ‘as barras da gaiola’ que a aprisionavam, transformando seu lamento em um canto forte e pulsante.

3.1 *CAGED BIRD*: O MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS E O MOVIMENTO FEMINISTA

¹⁶² As próximas referências a obra *I Know Why the Caged Bird Sings* serão grafadas *Caged Bird*.

¹⁶³ Para diferenciar a personagem da autora da obra utilizamos o termo “Maya” para nos referirmos à personagem de *Caged Bird* e “Maya Angelou” para nos referirmos a autora.

O título da obra de Maya Angelou refere-se ao contexto social dos anos de 1960 e as lutas por direitos e liberdades civis travada pelos afroamericanos. Ao analisarmos os movimentos sociais dos anos de 1960, a saber, o Movimento pelos Direitos Civis e o Movimento Feminista, verifica-se que tais Movimentos impulsionaram a escrita autobiográfica afroamericana feminina que, como argumentamos no capítulo 2 desta dissertação, ressurgiu com ênfase nesse período.

Esse ressurgimento deve-se em parte ao papel desses Movimentos como um *locus* para a criação de um discurso que se contrapôs ao discurso dominante. Durante os anos de 1960 e 1975, o Movimento pelos Direitos Civis atingiu o auge, ao passo que o Movimento Feminista florescia, devido às reivindicações desses Movimentos, houve demanda por livros sobre a experiência negra. Paralelamente, ressurgem as autobiografias escritas por afroamericanas, sendo que tais obras retratavam questões sobre desigualdade e ainda sobre a dupla opressão, sofrida por essas mulheres, ou seja, a opressão de raça e de gênero.

Naquele contexto histórico-social gênero, raça e classe tratavam-se de estruturas de dominação que moldavam e condicionavam a experiência coletiva das mulheres afroamericanas. Entretanto, mesmo ao possuir uma visão crítica sobre a posição de marginalidade, isto é, o fato de serem negras em uma sociedade branca e ainda serem mulheres em uma sociedade dominada por homens, existia uma diferença entre reconhecer a opressão e articulá-la de forma discursiva.

O Feminismo Negro assume a existência de uma experiência negra partilhada pelas mulheres afroamericanas e também pressupõe a existência de uma linguagem negra afroamericana, que navega na contracorrente dos discursos dominantes da sociedade, por abarcar a linguagem, numa determinada situação, relações de poder.

Dessa maneira, mesmo que uma escritora afroamericana mediante uma narrativa exprima experiências, essas mesmas narrativas serão entrecortadas por ideologias dominantes, portanto, as estruturas desiguais, as ações e experiências que as constituem podem não ser transparentes, mesmo que sejam opressivas¹⁶⁴.

Os Movimentos Civis e Feministas produzem discursos, que, por sua vez, desafiam o discurso dominante sobre as construções de gênero e raça, de certa forma, propiciam a emergência de um contradiscurso que apresenta uma nova identidade que redefine as experiências pessoais em questões coletivas.

¹⁶⁴ BRUSH, Paula Steward. "The Influence of Social Movements on Articulations of Race and Gender in Black Women's Autobiographies". *Gender and Society*, Vol. 13, No. 1, Special Issue: Gender and Social Movements, Part 2. (Feb., 1999), p. 120-137.

Essa identidade coletiva é expressa quando os sujeitos valem-se desses contradiscursos para explicar experiências pessoais em termos estruturais. Portanto, o discurso do Movimento pelos Direitos Civis articulava um contradiscurso estrutural baseado na raça, centrando-se na maneira como questões estruturais, por exemplo, a discriminação em moradias, nos empregos e na educação, moldou a experiência individual.

Outro objetivo do discurso pelos direitos civis era tornar a história dos africanos e afroamericanos, a literatura afroamericana e a experiência negra disponíveis em um discurso cultural. De maneira similar, o Movimento Feminista articulou problemas baseados em gênero, permitindo que as mulheres compartilhassem problemas enraizados na estrutura social, especialmente, nas instituições sociais.

O Movimento pelos Direitos Civis desafiava a dominação racial, mas, ao mesmo tempo, mostrava a desigualdade sexual institucionalizada no próprio Movimento. As opiniões das mulheres eram sempre ofuscadas pelos líderes, no caso aqui homens, e que lhes atribuíam a função de coadjuvantes no Movimento, tendo seus problemas raramente colocados na pauta das reuniões.

Apesar do Movimento pelos Direitos Civis nunca ter criado um discurso centrado nas mulheres, algumas mulheres começaram a questionar a predominância das opiniões masculinas dentro do Movimento. Em vista disso, houve uma dissidência e as mulheres iniciaram a articulação de suas próprias preocupações, mesmo que essas preocupações fossem objeto de discussão pelo Movimento.

O discurso proferido pelos líderes do Movimento na década de 1970, abarcava as mulheres de diferentes classes sociais, e o eixo central de discussão tratava sobre a opressão em decorrência do gênero. Nessa confluência da época, não havia teorias ou conceitos que articulassem a experiência das mulheres negras, por serem consideradas invisíveis do ponto de vista conceitual. Portanto, não havia um apelo ideológico às mulheres negras.

A invisibilidade das mulheres negras dentro do Movimento Feminista desencadeou uma dissidência, ocasionando o desenvolvimento de organizações feministas negras. Assim, as autobiografias afroamericanas femininas tratavam sobre, num primeiro momento, a questão da raça e, depois, passaram a abordar também a questão de gênero. Portanto, em se tratando do negro, mais especificamente da mulher, enunciava-se sobre a discriminação de raça e de gênero.

Dessa forma, as autobiografias afroamericanas femininas também foram importantes, nesse momento, pois formaram um contradiscurso que permitiu nomear e identificar relações entre experiências individuais dessas mulheres, intercambiando com as estruturas sociais, entre os problemas pessoais e as questões sóciohistóricas.

Esse processo de construção de um discurso, sobre a raça e o desenvolvimento simultâneo de uma identidade coletiva, teve impacto nas escritoras afroamericanas e em suas autobiografias. Dentre essas escritoras, destaca-se Maya Angelou, que era uma militante pelos direitos civis, desde 1959-1960, quando assumiu a coordenação da *Southern Christian Leadership Conference* (SCLC) no Norte dos Estados Unidos, a pedido do Dr. Martin Luther King.

No final dos anos de 1960, a escritora casou-se com Vusumzi Make, um militante pela liberdade e partiu para a África onde viveu por algum tempo. Assim como outros militantes da resistência pacífica, Maya Angelou também decepcionou-se com a ausência de radicalismo por parte do Dr. King e pela visão que este possuía sobre o sofrimento como forma de redenção.

Destarte, *Caged Bird* pertence às autobiografias femininas dos anos de 1960 escritas dentro do Movimento, sobre o Movimento pelos Direitos Civis, no qual identifica-se a resistência, o lamento e o soluçar do povo negro, desde o início da diáspora africana.

3.2 CAGED BIRD E A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA NEGRA FEMININA

Além de refletir a proximidade de Maya Angelou ao Movimento pelos Direitos Civis, *Caged Bird* pertence à tradição literária autobiográfica que é composta por narrativas de temas historicamente determinados¹⁶⁵. Contudo, é interessante notar que, ao mesmo tempo em que *Caged Bird* pertence às autobiografias dos anos 1960 e às autobiografias negras femininas, a obra também diverge dessa tradição. Críticos sugerem que a autobiografia é uma articulação de uma voz coletiva e não uma voz individual. Nessa perspectiva, a autobiografia negra constitui-se em um ato político de rememoração em contraposição a um registro da individualidade.

¹⁶⁵ BRUSH, 1999.

Como observou McPherson¹⁶⁶, as autobiografias foram fóruns usados pelos afroamericanos para partilhar opiniões e como forma de registro sobre suas lutas a fim de inspirar gerações futuras, bem como retratar a vida individual como um receptáculo da experiência de vida dos negros na América do Norte.

Por meio de suas autobiografias, os afroamericanos, segundo McPherson¹⁶⁷, mesclaram fatos da vida com o protesto social e moral e, ao fazerem isso, a ligação estabelecida entre o presente do indivíduo e o passado coletivo é recriada e justificada. Além do mais, por meio da escrita autobiográfica, os afroamericanos mostram que ao falar de forma coletiva, a história desse povo está ligada à construção e estabelecimento dos Estados Unidos da América. Embora com diferenças no estilo, os escritores buscavam (re)definir sua identidade, registrando uma história de conscientização individual, para projetá-la no futuro.

O ato de lembrar, ordenar as memórias e registrá-las é uma forma criativa que possibilita uma forma de autoconhecimento e uma reformulação da responsabilidade do indivíduo para com seu “eu”, pelo crescimento pessoal, por meio da interação entre o passado e o presente e entre influências internas e externas do meio.

Antes de 1940, no cenário literário afroamericano prevalecia a narrativa de escravos, dado o próprio momento histórico e a necessidade de protestar em defesa da liberdade. Contudo, a publicação da narrativa autobiográfica de Richard Wright, *Black Boy*, em 1945, configurou-se num marco por mostrar a diversidade de interesses dos afroamericanos em face da luta por igualdade social.

Neste sentido, Maya Angelou pertence ao terceiro período¹⁶⁸ autobiográfico, ou seja, ao período em que ocorre o ressurgimento das narrativas autobiográficas e paralelamente um período em que as mulheres retomam a voz silenciada.

Dessa forma, nas autobiografias, deste período, o “eu” e o grupo formam uma relação dialética. Por conseguinte, poderíamos afirmar que as autobiografias afroamericanas femininas formam uma tradição dentro da tradição, como assinalou

¹⁶⁶ McPHERSON, Dolly. *Order out of Chaos: The Autobiographical Works of Maya Angelou*. London: Virago Press, 1998.

¹⁶⁷ McPHERSON, 1998.

¹⁶⁸ BUTTERFIELD, Stephen. *Black Autobiography in America*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1974. Nesta obra sobre a tradição autobiográfica na América do Norte, Butterfield divide a autobiografia negra em três períodos: o primeiro período, intitulado *The Slave Narrative Period*, compreende as autobiografias escritas entre 1831-1895; o segundo, *The Period of Search*, compreende aquelas escritas entre 1901-1961 e o terceiro período, *The Period of Rebirth*, compreende as autobiografias contemporâneas e, dentre elas, o autor incluiu as autobiografias de mulheres negras, entre elas Maya Angelou.

Braxton¹⁶⁹ e que, no caso de Maya Angelou, trata-se de um paradigma dentro de outro paradigma.

3.3 CAGED BIRD E SUA RELAÇÃO COM AS DEMAIS AUTOBIOGRAFIAS DE MAYA ANGELOU

3.3.1 GATHER TOGETHER IN MY NAME (1974)

A autobiografia de Maya Angelou não retrata diversos anos de sua vida, pelo contrário, há uma continuidade de diversos períodos da vida da autora que compõem as obras subsequentes, dentre as quais, o primeiro livro, *Caged Bird*, e o segundo, *Gather Together in My Name*, escrita num interstício de três anos e meio.

A obra *Gather Together in My Name* (1974) narra a maternidade precoce da autora, sobre o uso de drogas, outras atividades ilícitas, bem como sobre a luta pela sobrevivência econômica. De certa forma, a obra trata de uma narrativa de viagem à medida que abrange diversas cidades americanas como São Francisco e Stamps.

O código de conduta, a rigidez dos princípios e costumes do Sul rural dos Estados Unidos cede lugar à alienação e à fragmentação, características da vida urbana, e que estão presentes na vida de Maya Angelou ao buscar situar-se na Califórnia entre os dezesseis e dezanove anos de idade.

Nessa obra, Maya Angelou nos leva a um mundo de degradação, permeado por prostitutas, vigaristas, mulheres mundanas, pelo vício e desintegração espiritual. Ainda assim, a autora vive sem dignidade e propósito e, ao final do livro, afirma que não sabia o que faria da vida.

Gather Together possui um tom mais intimista e revelador sobre a vida dos afroamericanos ao buscar responder questões sobre o que significa ser uma mulher e também ser negra nos Estados Unidos, e que lugar a escritora ocupa na ordem dessas coisas. Contudo, o desenvolvimento da narrativa apresenta uma mulher confinada a determinado momento histórico e sujeita às forças sociais, que assolam a vida de muitas mulheres.

Maya Angelou, nesse momento, é uma mulher que vaga em busca de si mesma. O sequestro do filho, que constituía-se numa grande realização, e o fim do uso de drogas, proporcionam à escritora, um renascimento para a compreensão lógica da vida e dos fatos.

¹⁶⁹ BRAXTON, Joanne M. *Black Women Writing Autobiography: A Tradition Within a Tradition*. Philadelphia: Temple University Press, 1989.

3.3.2 *SINGIN' AND SWINGIN' AND GETTIN' MERRY LIKE CHRISTMAS (1976)*

A obra *Caged Bird* abriu o caminho para a contextualização do sujeito, *Gather Together* apresenta-se como o purgatório ou a provação necessária ao iniciado para que esse redefina o “eu” social ao funcionar de modo racional. *Singin' and Swingin' and Gettin' Merry Like Christmas* (1976) retrata a fase adulta de Maya Angelou que começa a definir-se de maneira mais central dentro de uma tendência predominante da experiência negra.

Nesta obra, Maya Angelou tem contato mais abrangente com o mundo dos brancos, ainda na tentativa de responder à pergunta: o que significa ser negra e ser mulher nos Estados Unidos? Em última análise, nota-se que esta busca se resume não ao que significa ser uma mulher negra nos Estados Unidos, mas o que significa ser *negro*.

Singin' and Swingin' está dividido em duas partes: na primeira parte, Maya Angelou trabalha sua relação com o mundo dos brancos nos Estados Unidos e, na segunda parte, a escritora traz o depoimento sobre seu desenvolvimento, por meio do encontro com a Europa e a África devido sua participação no musical *Porgy and Bess* de George Gershwin.

O contato com os europeus e seu colegas de elenco que a recebem de forma afetuosa aumenta a autoestima e permite que a escritora reconheça seu lugar emergente no mundo. A visita à África, particularmente, ao Egito, aumenta autoestima e dá um sentido de conclusão e completude às suas experiências.

Na África, Maya Angelou retorna às raízes e metaforicamente¹⁷⁰ fecha o círculo da primeira diáspora. O sucesso do musical possibilita uma harmonia orgânica entre a história pessoal e social da vida de Maya Angelou à medida que marca o triunfo da mulher negra, muito mais que de um grupo de jovens artistas negros. Portanto, a jornada iniciada com o irmão na Califórnia atinge a síntese e o retorno às raízes africanas fecha o círculo de construção identitária.

¹⁷⁰ CUDJOE, Selwyn. “The Autobiographical Statement Updated.” In: GATES Jr., Henry Louis (Editor). *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books 1990.

Após a provação, tornou-se possível cantar um canto novo, de renascimento e transcendência. Todas as provações serviram para forjar uma mulher afroamericana mais forte, consciente das fraquezas do espírito humano e mais ligada a si própria, reafirmando que, apesar de todos os obstáculos, sobreviveu.

3.3.3 *THE HEART OF A WOMAN* (1981)

The Heart of a Woman (1981) é a mais política de todas as autobiografias de Maya Angelou. Nessa obra, são relatadas as preocupações quanto à luta pela libertação dos países africanos e a luta dos afroamericanos pelos direitos civis, bem como sua participação como militante desse movimento. Assim, *The Heart of a Woman* pode ser situado dentro da luta por liberdade dos africanos e afroamericanos.

A história tem início no Harlem, bairro predominantemente negro, em Nova York no ano de 1957, quando a autora uniu-se ao *Harlem Writers Guild*¹⁷¹ e depois com a *Southern Christian Leadership Conference*. A obra marca o crescimento de Maya Angelou como mulher consciente.

Na narrativa, constam histórias sobre encontros com Billie Holiday, Martin Luther King Junior, Malcolm X, Oliver Tambo — líder do Congresso Nacional Africano —, sobre o casamento com Vusumzi Make, sobre o envolvimento na causa da libertação da África, sobre a estada da escritora no Egito, sobre o trabalho no *Arab Observer* e ainda sobre a mudança que fez com a família para Gana.

Nessa autobiografia, podemos observar duas reformulações intelectuais: a primeira refere-se à Maya Angelou e o filho, que abandona a perspectiva puramente nacionalista em contraposição à uma perspectiva internacionalista no tocante às lutas do povo negro; a segunda reformulação ocorre quando o marido, Vusumzi descreve o significado da peça *The Blacks*, de Jean Genet, que na perspectiva deste, ilustra como os negros podiam ser tão cruéis quanto os brancos.

O aspecto Panafricanista¹⁷² da obra *The Heart of a Woman*, demonstra o senso da autora em possuir uma história e um destino partilhados, bem como aponta uma reificação

¹⁷¹ O *Harlem Writers Guild* é uma associação de escritores dedicada a apresentar as experiências dos afrodescendentes por meio da palavra escrita. Disponível em: <http://theharlemwritersguild.org/>. Acesso: julho/2008.

¹⁷² “Doutrina nascida nos Estados Unidos no final do século XIX. Expressando reivindicações dos negros norte-americanos e caribenhos, tinha como foco o continente africano, entendido como a pátria de que a escravidão os privou. Depois das ações altamente polemizadas de líder Marcus Garvey e com a realização dos congressos pan-africanos (Paris, 1919; Londres 1921 e 1923; em Nova York, 1927), a doutrina consolidou-se de forma mais conseqüente, baseada na igualdade etnoracial e na luta contra o colonialismo.

da memória que une todos os africanos e afroamericanos. Portanto, na narrativa, os brancos são personagens periféricos e toda a história está centrada na participação e luta dos negros como sujeitos de sua própria história, tendo em vista a construção do “eu” social.

3.3.4 ALL GOD’S CHILDREN NEED TRAVELING SHOES (1986)

O papel da África na construção da Afroamérica e do “eu” afroamericano são questões centrais em *All God’s Children Need Traveling Shoes*. Nesta obra, Maya Angelou reconhece que os anos de opressão e cativeiro, a mistura das raças, costumes e línguas impuseram mudanças aos afroamericanos.

A autora aponta que os afroamericanos foram ceifados da continuidade do passado africano e compelidos a procurar novas raízes que suplementassem essa perda. Assim, a África permanecia como um símbolo da existência de um lar ancestral e um senso de continuidade, enquanto a América do Norte permanecia como o lar, o lugar das humilhações.

Em *All God’s Children*, a autora fala de sua identificação com a África e como a jornada que se iniciou em Stamps, no Arkansas, a conduziu ao medo, ao terror, à tristeza, à desintegração moral, até que encontrasse um lugar para chamar de lar. Na África ela reconhece que uma pessoa não está completa até encontrar-se completamente com as origens.

3.4 A ESTRUTURA DE *CAGED BIRD*

3.4.1 O CANTO DE UM PÁSSARO ENGAIOLADO

Com as idéias de W.E.B. Du Bois, e sobretudo após o Quinto Congresso, em Manchester, em 1945, a doutrina se estrutura em movimento, e isso se dá por intermédio da atuação de líderes africanos como Jomo Kenyatta, Sékou Touré, Kwame Nkrumah e Julius Nyerere, até a onda independentista que toma a África nos anos de 1960. Alcançadas as independências, a ideologia continua a orientar o pensamento das lideranças dos Estados recém-criados, as quais fundam, em 1963, a Organização da Unidade Africana. Enquanto isso, nos Estados Unidos, intelectuais negros — como já fizera Du Bois — colocam o pan-africanismo na pauta das discussões acerca dos direitos civis [...]” (LOPES, 2004, p. 512).

Na obra *I Know Why the Caged Bird Sings*, Maya Angelou faz uma reflexão sobre a alegria, a tristeza, o desespero, tendo como primeira imagem evocada pelo título uma gaiola que consiste num lugar que restringe, aprisiona e limita a mobilidade de um pássaro. Entretanto, mesmo sem a possibilidade momentânea de sair da gaiola, o pássaro canta e, esse canto, num primeiro momento, reveste-se da aura de lamento ao descobrir-se preso.

Nessa divisa de possibilidades entre escapar ou permanecer preso, o pássaro canta para que o som transcenda a prisão e mostre-se mais forte em relação àquele que o prendeu. Dessa forma, em *Caged Bird*, Maya Angelou retoma algumas técnicas narrativas de seus antecessores, os primeiros escritores das narrativas de ex-escravos.

Podemos delinear três modos narrativos nessa obra: o primeiro, é o modo pessoal que relata a história de vida do indivíduo, Marguerite Johnson (Maya), que cresce no Arkansas com os demais membros da família; o segundo, o político, transforma a heroína em um modelo das meninas negras do Sul dos Estados Unidos, cujo desenvolvimento é afetado pela raça e pelo gênero. O modo político manifesta-se nas relações entre a narradora e a protagonista, e entre a narradora e o leitor; o terceiro e último, o modo poético, transforma o mundo da infância em um local de interação cultural situado entre o mundo da imaginação e da intertextualidade.

Esses três níveis estão entrecruzados e interagem na estrutura narrativa por meio das vozes das personagens, definindo a retórica de Maya Angelou como um gesto de desafio à sociedade branca e como um ato de revalorização da experiência e da escrita negra afroamericana.

Contrária às narrativas autobiográficas de escritores negros, cujo tema central em suas narrativas retratavam a luta contra o opressor branco para a destruição da gaiola, ou seja, do racismo e da escravidão¹⁷³, o tema principal de *Caged Bird* não é a luta para deixar a gaiola; é a descoberta gradual dos limites da gaiola, o afrouxar de certas barras, de forma que seja possível à personagem deslizar para fora, portanto, por entre esses espaços.

A luta de Maya é de cunho mais pessoal que propriamente político ou social. O livro está centrado na exploração do processo que leva o pássaro a aprender *como e por que* cantar face à adversidade¹⁷⁴. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, mas com duas vozes distintas: a voz da escritora adulta Maya Angelou e a voz da menina, foco do

¹⁷³ BUTTERFIELD, 1974.

¹⁷⁴ LIONNET, Françoise. *Autobiographical Voices: Race, Gender, Self-Portraiture*. Ithaca & London: Cornell University Press, 1991.

livro, e a quem Maya Angelou escritora chama de “a personagem Maya”, portanto, a menina Marguerite Johnson, que mais tarde seria chamada pelo irmão de *My* ou *Maya*.

Aqui a personagem e o narrador podem facilmente intercambiar posições: seja eu a começar narrando sobre o outro, que me é íntimo, com quem vivo uma só vida axiológica [...] de qualquer forma eu me entrelaço com a narração [...] Ao narrar sobre minha vida cujas personagens são os outros para mim, passo a passo me entrelaço em sua estrutura formal da vida (não sou o herói da minha vida mas tomo parte nela), coloco-me na condição de personagem, abranjo a mim mesmo com minha narração [...] É assim que o narrador se torna personagem¹⁷⁵.

Na narrativa autobiográfica a linha que separa narrador e personagem é tênue e, em diversos momentos da obra, as posições são intercambiáveis para que se construa um quadro coerente da vida do indivíduo. Em vista disso, temos em *Caged Bird* uma narradora-personagem, a menina Marguerite Johnson, que chamaremos de Maya que se distancia e diferencia da escritora a quem trataremos por Maya Angelou.

Nota-se que as duas vozes atuam em conjunto e representam um entrelaçamento entre a história e a memória. Desse diálogo, a Maya Angelou adulta emerge, após o batismo catártico de violência, abuso e negligência: “Evoking transcendent awareness through the agency of memory, the symbolic Maya Angelou rises to become a “point of consciousness” for her readers.”¹⁷⁶

Maya emprega a primeira pessoa “I” para contar os fatos, possibilitando ao leitor acesso direto às preocupações e pensamentos da personagem Maya. Porém, o leitor somente pode ver os eventos e conhecer as demais personagens pelas descrições fornecidas pela personagem.

O uso da dupla voz acaba por ligar Maya Angelou ao ato de *Signifyin(g)* nesse trajeto de construção do “eu”, que inclui estratégias retóricas inerentes ao vernáculo negra. Neste ato está implícita a existência de um universo discursivo paralelo ao universo discursivo branco e, nesse universo retórico, estão presentes a metáfora, a metonímia, a sinédoque, a ironia e a hipérbole que, de certa forma, transmutam a oralidade para a escrita: “Signifyin(g) epitomizes all of the rhetorical play in the black vernacular. Its self-

¹⁷⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Introdução e Tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 141.

¹⁷⁶ BRAXTON, Joanne M. “Symbolic Geography and Psychic Landscape: A conversation with Maya Angelou”. In: _____. *Maya Angelou’s I Know Why the Caged Bird Sings: A Casebook*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 5-6.

consciously open rhetorical status, then, functions as a kind of writing, wherein rhetoric is the writing of speech, of oral discourse” [...] ¹⁷⁷

As questões de raça e gênero estão no centro da autobiografia da autora que, por meio de um ensaio sociológico dessas relações, traduz a experiência negra no Sul dos Estados Unidos, durante os duros anos da segregação e dos efeitos dessa ação tanto nos negros quanto brancos. Portanto, Maya Angelou converte as experiências sofridas em uma estratégia para sensibilizar os brancos e conscientizar os negros sobre sua condição de exclusão e marginalização.

Na data de sua publicação, em 12 de fevereiro de 1970, *Caged Bird* recebeu críticas favoráveis, sendo aclamada como o marco de conscientização de homens e mulheres afroamericanas e também como uma obra que ganharia lugar de destaque na tradição literária autobiográfica afroamericana ¹⁷⁸.

Dado o cenário em que as primeiras narrativas de escravos surgiram e o propósito dessas obras, tornou-se quase indissociável a questão política dos textos escritos por afroamericanos, mesmo quando tais textos eram destituídos de cunho político. Em face do exposto, *Caged Bird* passou a ser considerado pelo público e pela crítica como um texto, calcado nas primeiras narrativas de escravos e, como tal, um texto de protesto em decorrência do cunho político e pelo momento histórico no qual foi escrito.

O tema central da obra trata como a protagonista passou à categoria de cidadã de segunda classe — termo esse empregado pelos brancos, durante os anos da segregação racial nos Estados Unidos —, e o processo pelo qual abandona a indignação passiva e assume o protesto ativo.

A obra *Caged Bird* suscitou questionamentos sobre a forma pouco definida em ser autobiográfica ou não. Maya Angelou respondeu:

They are autobiographies. When I wrote [...], I wasn't thinking so much about my life or identity. I was thinking about a particular time in which I lived and the influences of that time on a number of people. I kept thinking, what about that time? What were the people around young Maya doing? I used the central figure —myself— as a focus to show how one person can make it through those times ¹⁷⁹.

¹⁷⁷ GATES, Henry Louis. *The Signifyin(g) Monkey: A Theory of African-American Literary Criticism*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1988, p. 53.

¹⁷⁸ McPHERSON, Dolly. “Initiation and Self-Discovery”. In: BRAXTON, Joanne M. *Maya Angelou's I Know Why the Caged Bird Sings: A Casebook*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1999.

¹⁷⁹ TATE, Claudia. “Maya Angelou: An Interview”. In: BRAXTON, Joanne M. *Maya Angelou's I Know Why the Caged Bird Sings: A Casebook*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 153.

Caged Bird é composto por episódios que se assemelham a contos construídos pela justaposição de incidentes aparentemente sem relação entre si, mas que, na verdade, são organizados de forma a se relacionarem com episódios do capítulo anterior e do capítulo posterior da obra.

Dessa forma, o fluxo da narração é mantido, ainda que os eventos não se sucedam em uma rígida ordem cronológica. Esse ponto levanta a questão dos critérios de seleção dos eventos relatados em *Caged Bird*.

Maya Angelou relata que

Some events stood out in mind more than others. Some, though, were never recorded because they either were so bad or so painful, that there was no way to write about them honestly and artistically without making them melodramatic. They would have taken the book off its course. All my work, my life, everything is about survival. All my work is meant to say, “You may encounter many defeats, but you must not be defeated.” In fact, the encountering may be the very experience which creates the vitality and the power to endure.¹⁸⁰

Caged Bird traz o processo de progressão da raiva à resistência e o consequente repúdio aos estereótipos, levando ao protesto “armado” pelas palavras, o que de certa forma retoma o princípio norteador de luta dos primeiros abolicionistas e daqueles militantes dos anos de 1960.

Diante desse cenário, centramos nossa análise no tema e na forma apresentada em *Caged Bird*, bem como na construção identitária de mulher e negra, visto que a identidade é construída “no interior dos contextos sociais que determinam a posição dos agentes, e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas [...]. A construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de uma eficácia social, produzindo efeitos sociais reais¹⁸¹.

Isso significa que todo o processo pelo qual Maya passa, ao descer às profundezas da “morte”, e depois regressa à vida, possibilita que ela se destitua da imagem negativa, que possuía sobre si mesma, para que então renasça para a vida, (re)construindo uma imagem positiva ao impor uma identidade autônoma de mulher negra.

¹⁸⁰ TATE, 1999, p. 154.

¹⁸¹ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002, p. 182.

Contudo, essa construção por meio da autobiografia, que é um processo de unir o passado ao futuro, consiste numa objetivação e subjetivação, porque esse processo depende do entrelaçar tanto da memória pessoal quanto da memória coletiva, “entre a história contada pelos outros sobre o *self* e a narrativa contada do *self* sobre si mesmo, e de quais fatos são lembrados e como o são.”¹⁸²

Em *Caged Bird* a identidade de Maya é vulnerável, mas o fortalecimento ocorre por meio de diversas situações vivenciadas no passado, que possibilita uma interação com o presente. Portanto, a jornada é necessária para que, após a morte, ocorra a ressurreição, em outras palavras, prevaleça o triunfo da vida sobre a morte.

O título desta primeira autobiografia foi retirado do poema *Sympathy*, escrito em 1889 pelo escritor afroamericano Paul Laurence Dunbar.

Sympathy

I know what the caged bird feels alas!
 When the sun is bright on the upland slopes,
 when the wind blows soft through the springing grass
 and the river floats like a sheet of glass,
 when the first bird sings and the first bud ops,
 and the faint perfume from its chalice steals -
 I know what the caged bird feels!

I know why the caged bird beats his wing
 Till its blood is red on the cruel bars;
 For he must fly back to his perch and cling
 When he fain would be on the bough a-swing;
 And a pain still throbs in the old, old scars
 And they pulse again with a keener sting —
 I know why he beats his wing!

I know why the caged bird sings, ah me,
 When his wing is bruised and his bosom sore,—
 When he beats his bars and he would be free;
 It is not a carol of joy or glee,
 But a prayer that he sends from his heart's deep core,
 But a plea, that upward to Heaven he flings —
 I know why the caged bird sings!¹⁸³

¹⁸² SVENSON *apud* VERSIANI. In: VERSIANI, Daniela Gianna Claudia Beccacia. *Autoetnografias: conceitos alternativas em construção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005, p. 127.

¹⁸³ DUNBAR, Paul Laurence. *The Collected Poems of Paul Laurence Dunbar*. BRAXTON, Joanne M. (Editor). Virginia: Virginia University Press, 1993, p. 102.

A imagem do pássaro engaiolado do poema se presta à metáfora dos temas que dominam a narrativa de Maya em especial a opressão e a ameaça dirigida a alguém que tenta expor à sociedade as aflições de seu povo.

O pássaro do poema canta a frustração de estar preso, o que de certa forma eleva o poema à condição de uma prece; o pássaro de Maya canta sobre a frustração, mas, ao fazê-lo, descobre que a música pode transformar e transcender a gaiola.

Ao ser questionada, em uma entrevista, sobre o motivo dos pássaros engaiolados cantarem, Maya Angelou respondeu:

I think it was a bit of naivete or braggadoccio...to say I know why the caged bird sings! I was copying a Paul Laurence Dunbar poem so it's all right. I believe that a free bird...floats down, eats the early worm, flies away, and mates...But the bird that's in a cage stalks up and down, looking constantly out...and he sings about freedom [...]¹⁸⁴

Destarte, em *Caged Bird* acompanhamos Maya, a partir dos três anos de idade até os dezesseis anos, em uma viagem repleta de provações, que têm início com o divórcio dos pais dela e que segue até grande parte de sua adolescência.

3.4.2 A VIOLÊNCIA INTERNA EM *CAGED BIRD*

Ao longo da narrativa, Maya testemunha a violência que se dá em dois níveis distintos: a violência dentro da própria família, ou seja, a violência interna e a violência dos brancos para com os negros, a violência externa.

O livro começa com uma reminiscência sobre a infância na “Colored Methodist Episcopal Church” em Stamps, quando Maya deve recitar um pequeno verso:

What you looking at me for
I didn't come to stay
I just come to tell you that today is
Easter Day¹⁸⁵

¹⁸⁴ HAGEN, Lyman B. *Heart of a Woman, Mind of a Writer and Soul of a Poet.: A Critical Analysis of the Writings of Maya Angelou*. New York: University Press of America, 1999, p. 54.

¹⁸⁵ *Cage Bird*, 1993, p. 1

As duas primeiras linhas evidenciam o estado de incerteza e de impermanência da autora-personagem, ao lutar contra sua timidez, acreditando que, aquela imagem vista pelas pessoas, não corresponde de fato ao verdadeiro “eu” da menina. Assim, esse verdadeiro “eu” foi transformado por uma fada maldosa que invejava sua beleza. O verso “What are you looking at” é uma forma de Maya contrapor os adultos, aos rígidos códigos de conduta estabelecidos para a comunidade negra.

Nota-se que não houve ainda a transformação do “eu” negativo que Maya se autoimpôs para o “eu” positivo, sendo esse sentimento sintetizado pelo vestido que usava no domingo de Páscoa. Logo, a Páscoa não trouxe a renovação:

[...] the dress to be a plain ugly cut-down from a white woman’s once-was-purple throe-away. It was old-lady-long too, but it didn’t hide my skinny legs, which had been greased with Blue Seal Vaseline and powered with the Arkansas red clay. The aged-faded color made skin look dirty like mud, and everyone in church was looking at my skinny legs¹⁸⁶.

Após o esforço para recitar o poema, que foi sussurrado ao ouvido de Maya, a ela pede para ir ao banheiro. No caminho, uma criança coloca o pé, Maya tropeça e cai.

Ao levantar-se, Maya consegue controlar a urina apenas até o jardim. Então, como opção resta urinar, ali mesmo, e esperar o constrangimento diante das pessoas.

[...] I knew I’d have to let it go, or it would probably run right back up to my head and my poor head would burst like a dropped watermelon, and all the brains and spit and tongue and eyes would roll all over the place. So I ran down into the yard and let it go. I ran, peeing and crying [...]¹⁸⁷

Maya afirma que aquele corpo que ali está, não era o seu verdadeiro “eu” e que uma fada maldosa havia transformado a beleza de Maya em algo feio, excessivamente grande e disforme. Maya acredita estar presa a um pesadelo “negro”. A cor dela é motivo de vergonha e embaraço, mas, assim que ela acordar do pesadelo seus cabelos seriam loiros e, como consequência, hipnotizaria a todos com a beleza.

¹⁸⁶ *Caged Bird*, 1993, p. 2.

¹⁸⁷ *Caged Bird*, 1993, p. 3

Wouldn't they be surprised when one day I woke out of my black ugly dream, and my real hair, which was long and blond, would take the place of the kinky mass that Momma wouldn't let me straighten? My light-blue eyes were going to hypnotize the, after all the things they said about "my daddy must have been a Chinaman" [...] Then they would understand why I had never picked up a Southern accent, or spoke the common slang, and why I had to be forced to eat pigs' tails and snouts. Because I was really white and because a cruel fairy stepmother, who was understandably jealous of my beauty, had turned me into a too-big Negro girl, with nappy black hair, broad feet and a space between her teeth that would hold a number-two pencil"¹⁸⁸.

A voz adulta de Maya Angelou apresenta um *insight* e parece antecipar à menina o que estava por vir: "If growing up is painful for the Southern Black girl, being aware of her displacement is the rust on the razor that threatens the throat. It is an unnecessary insult"¹⁸⁹.

Por meio dessa intromissão, a autora oferece um *insight* tanto à personagem Maya quanto aos leitores, e também a si mesma, sobre os efeitos do condicionamento social da mente e as emoções de uma menina negra que cresce num ambiente hostil, desencadeando o início da jornada de Maya rumo ao crescimento.

Após o fim do casamento dos pais, Maya com três anos e o irmão Bailey Jr. com quatro anos são enviados sozinhos, de trem, de Long Beach, na Califórnia, à cidade segregada de Stamps, localizada no estado de Arkansas, pelo pai, para viverem com a avó paterna, Annie Henderson (a quem as crianças chamam de Momma) e o tio Willie (que era deficiente físico).

A mãe de Maya tinha toda a vivacidade do *Jazz* e a agitação da cidade grande, e como tal, não se conformava com a subserviência encontrada no campo. Por isso, não ficou com os filhos, sinalizando traços de uma mulher repleta de deveres sociais, portanto, somente restava às duas crianças entender isso.

Maya mostrou-se traumatizada devido à mãe tê-la enviado com o irmão para viver num lugar distante. Para compreender o motivo do abandono, Maya passa a acreditar que a mãe está morta e que, portanto, é uma criança órfã. Devido tamanha sensação de abandono, a única maneira de superação consiste em articular a violência de separação súbita da família, em especial da mãe, fingindo que a mãe está morta.

Maya reflete sobre a mãe morta e demonstra o estado de luto em que se encontra juntamente com o irmão.

¹⁸⁸ *Caged Bird*, 1993, p. 2-3.

¹⁸⁹ *Caged Bird*, 1993, p. 4

I could cry anytime I wanted by picturing my mother [...] lying in her coffin. Her hair, which was black, was spread out on a tiny little white pillow and her body was covered with a sheet. The face was brown, like a big O, and since I couldn't fill in the features I printed M O T H E R across the O [...]¹⁹⁰

A imagem da mãe deitada em um caixão é reconfortante para Maya, ao conceber a morte como única forma de separação. Todavia, algum tempo depois, Maya e o irmão recebem presentes de Natal tanto do pai quanto da mãe, desabrochando sentimento de ira na pequena menina, haja vista que ser abandonada por uma mãe, que estava morta, era compreensível, mas, de forma controversa, ser abandonada à própria sorte, com pessoas estranhas, por uma mãe que estava viva, provocava dor maior. Por conseguinte, Maya reprime esses sentimentos ao permanecer em um estado de apatia e passividade.

Maya apresenta o tio Willie pela maneira severa de punir os dois irmãos, caso fossem negligentes com os deveres escolares.

His face pulled down on the left side, as if a pulley had been attached to his lower teeth, and his left hand was only a mite bigger than Bailey's, but on the second mistake or the third hesitation his big overgrown right hand would catch one of us behind the collar, and in the same moment would thrust the culprit toward the dull red heater, which throbbed like a devil's toothache.¹⁹¹

Momma era igualmente severa com as crianças quanto à religião, à limpeza e aos deveres escolares, tarefas domésticas e as boas maneiras. Maya afirma que a avó era capaz de acordar as crianças com pancadas caso notasse alguma sujeira nos pés das duas crianças: “Momma was famous for pulling the quilts off after we had fallen asleep to examine our feet. If they weren't clean enough for her, she took the switch [...] and woke up the offender with a few aptly placed burning reminders.”¹⁹²

Nota-se que a violência a que Maya e o irmão eram submetidos, para a avó não se configurava como violência; pelo contrário, o que Momma e o tio Willie faziam tratava-se de um ato de amor, tendo em vista que somente, desta forma, as crianças aprenderiam boas maneiras.

¹⁹⁰ *Caged Bird* 1993, p. 52.

¹⁹¹ *Caged Bird*, 1993, p. 10.

¹⁹² *Caged Bird*, 1993,, p. 27.

As punições impostas às crianças não eram nada se comparadas à violência da família materna de Maya. Os tios Tutti, Tom e Ira eram conhecidos em toda a cidade de Saint Louis pela crueldade, incentivada pelo pai: “Grandfather told them, “Bah Jesus, if you ever get in jail for stealing or some such foolishness, I’ll let you rot. But if you’re arrested for fighting, I’ll sell the house, lock, stock, and barrel, to get you out.”¹⁹³

Por ocasião do estupro de Maya, em Saint Louis, esta passou a ser agredida por qualquer pessoa, que se sentisse ofendida. O ato final de violência veio da própria mãe, Vivian Baxter, que, talvez invadida pela culpa ou remorso de não proteger a filha, enviou Maya com o irmão de volta a Stamps, destituindo-se, mais uma vez, do papel de protetora dos filhos.

3.4.3 A VIOLÊNCIA EXTERNA EM *CAGED BIRD*

A violência externa, isto é, dos brancos para com os negros, está presente em diversos momentos de *Caged Bird*, lembrando aos negros o lugar onde deveriam ficar confinados. Neste contexto, a segregação era intensa e Maya não acreditava na existência de pessoas brancas; para ela, os brancos eram alienígenas, isto é, pessoas de outros mundos, uma vez que as pessoas reais estavam ao lado da cidade em que Maya vivia.

O rígido código de conduta, devido às leis *Jim Crow* e da atuação da *Ku Klux Klan*, determinavam como os negros deveriam agir em face do poder dos brancos. Com isso, Momma temia os brancos e acreditava que não era possível estabelecer qualquer tipo de contato, temendo perder a própria vida.

As perseguições da *KKK* aos negros eram constantes e Maya relata uma conversa entre Momma e o xerife do condado que, num ato de “gentileza”, previne Momma que alguns “rapazes” estavam procurando um negro suspeito de envolvimento com uma mulher branca. Por causa da perseguição, o tio de Maya escondeu-se em um barril, sendo posteriormente coberto por batatas, demonstrando a maneira indigna de submissão a que os negros eram obrigados, mesmo sem cometer qualquer crime.

¹⁹³*Caged Bird*, 1993, p. 66.

O medo da morte, das surras e dos linchamentos eram realidades a que todo negro no Sul dos Estados Unidos estava exposto por um único crime: haver nascido negro em uma sociedade segregacionista.

Maya tem sentimentos ambivalentes quanto aos “rapazes” e o xerife: aquele era um ato de “gentileza” ou uma amostra do poder de coação e imposição do medo aos negros pelos brancos? E os “rapazes” eram os mensageiros da morte e do medo, que foi o sentimento que Maya teve naquele momento.

I remember the sense of fear which filled my mouth with hot, dry air and made my body light.
The “boys”? Those cement faces and eyes of hate that burned the clothes off you [...] Boys? No, rather men who were covered with graves’ dust and age without beauty or learning. The ugliness and rottenness of old abominations.¹⁹⁴

Um incidente ocorrido com Momma marcou profundamente a vida de Maya. O fato ocorreu quando, num dia, Maya varria o quintal da casa e três meninas, que foram à loja de Momma, começaram a insultar a avó, que permaneceu em pé de maneira calma, passando a sorrir e a cantar um hino religioso. Contudo, as meninas, ao perceberem que as ações não produziram efeito, passaram a falar obscenidades, mostrando partes íntimas à Momma.

No momento dessa ação, Maya estava dentro da loja da avó e sentiu grande tristeza e indignação. Mesmo diante de tamanha humilhação, Momma manteve-se forte e sem mover a cabeça para observar a partida das meninas disse apenas adeus: “Momma never turned her head or unfolded her arms, but she stopped singing and said, “Bye, Miz Helen, ‘bye, Miz Ruth, ‘bye, Miz Eloise¹⁹⁵.”

Maya chora de maneira enfurecida devido à subserviência da avó, demonstrando a futilidade da resistência pacífica como resposta ao racismo. Entretanto, a avó a acalma e pede que a menina lave o rosto e, depois, seque as lágrimas. Mesmo sem entender ao certo o que de fato havia acontecido, sabe que a avó saiu vencedora nesta batalha.

Esse episódio ilustra a violência das tensões raciais no Sul dos Estados Unidos nos anos de 1930. Além disso, mostra três meninas brancas tentando usar sua raça como símbolo de poder, ameaçando uma mulher negra como se essa fosse outra criança, numa

¹⁹⁴ *Caged Bird*, 1993, p. 17-18.

¹⁹⁵ *Caged Bird*, 1993, p. 32.

repetição dos rituais de poder e dominação branca. No entanto, devido aos códigos de conduta entre negros e brancos, Momma não pôde revidar, embora possuísse mais dinheiro que os brancos e também fosse proprietária das terras onde vivia.

A vitória de Momma surge da dignidade pessoal, representada pela limpeza e pelas boas maneiras. Sendo assim, a manutenção da ordem e da limpeza funciona como uma tentativa de aviltar os opressores, e que é igualmente uma estratégia de resistência.

De certa forma, essa estratégia ecoa como crença de que era impossível dirigir-se aos brancos sem arriscar a própria vida. Posteriormente, na obra, a própria Maya iniciará seu protesto e combaterá o racismo de forma ativa.

Em outro momento da obra, Momma e Maya são insultadas em um consultório dentário, quando esta precisa de um tratamento bucal. Contudo, diante desta impotência, resta a Angelou fantasiar que a avó possuía poderes sobrenaturais.

A maneira encontrada por Maya para resolver o conflito interno foi fantasiar que a avó possuía super poderes e que colocou o dentista no devido lugar. Assim, a heroína da versão de Maya tem todos os traços da fortaleza, que não pôde ser demonstrada publicamente. Além disso, Maya sente orgulho verdadeiro da avó.

Momma walked in that room as if she owned it. She showed that silly nurse aside with one hand and strode into the dentist's office. [...] "You knave, do you think you acted like a gentlemen, speaking to me like that in front of my granddaughter?" She didn't shake him, although she had the power. She simply held him up. [...] "I didn't ask you to apologize in front of Marguerite, because I don't want her to know my power, but I order you, now and herewith. Leave Stamps by sundown. [...] "Now that brings me to my second order. You will never again practice dentistry. Never! [...] On her way out she waved her handkerchief at the nurse and turned her into a crocus sack of chicken seed¹⁹⁶

Sem conseguir o atendimento para Maya, Momma leva a neta em uma dentista de uma cidade vizinha, Texarkana, onde o serviço realiza-se. De volta a Stamps, Momma conta ao tio de Maya o fato ocorrido, mas a menina afirma secretamente preferir a própria versão sobre a história.

¹⁹⁶ *Caged Bird*, 1993, p. 189; 190; 191.

Momma novamente não pode revidar a ofensa do dentista, devido aos códigos de conduta, e Maya, apesar da pouca idade, já percebe, como funciona a segregação, e o ódio dos brancos em relação aos negros

Para Maya, importava, naquele momento, a proteção recebida de Momma, portanto, esse episódio configura-se num exemplo explícito de racismo. Embora a avó, seja forte, ao ser confrontada com o racismo, torna-se ou incorpora uma faceta de fraqueza.

On the Greyhound she took an inside seat in the back, and I sat beside her. I was so proud of being her granddaughter and sure that some of her magic must have come down to me. She asked if I was scared. I only shook my head and leaned over her cool brown upper arm. There was no chance that a dentist, especially a Negro dentist, would dare hurt me then. Not with Momma there. The trip was uneventful, except that she put her arm around me, which was very unusual for Momma to do¹⁹⁷.

A fantasia de Maya reflete aquilo que de fato gostaria que a avó pudesse fazer a uma pessoa racista, mas que não é possível, demonstrando limitações de uma resistência pacífica como resposta à opressão racial. A fantasia também é um prenúncio do tipo de conflito racial a que Maya seria exposta.

O irmão de Maya é igualmente confrontado com a violência, ao ser forçado, olhar o corpo de um negro castrado e jogado em um rio: “Bailey couldn’t let go of the horror. “I picked up a side of the sheet and walked right in the calaboose with the men. I walked in the calaboose carrying a rotten dead Negro¹⁹⁸.”

Bailey Jr. fica aterrorizado, mas não compreende o significado daquela morte e da violência, e faz perguntas inquietantes ao tio sobre o motivo de tanto ódio dos brancos em relação aos negros, tendo como resposta: “They don’t really hate us. They don’t know us. How can they hate us? They mostly scared¹⁹⁹.” Dessa maneira, o episódio leva Maya a concluir amargamente que viver no Sul dos Estados Unidos significava criar filhos, netos e sobrinhos e esperar o melhor, mas estar sempre preparada para o pior.

3.4.3 A VIOLÊNCIA NO ESPORTE EM *CAGED BIRD*

¹⁹⁷ *Caged Bird*, 1993, p. 191-192.

¹⁹⁸ *Caged Bird*, 1993, p. 198.

¹⁹⁹ *Caged Bird*, 1993, p. 197.

No dia 25 de junho de 1935, o boxeador negro Joe Louis venceu o boxeador branco Primo Carnera. Essa luta torna-se uma metáfora entre raças, mostrando a força e o poder dos negros, em contraposição aos brancos. O sofrimento de Joe Louis, de maneira mimética também representava o sofrimento de toda a sua “raça”, sintetizando tudo aquilo a que os negros eram submetidos numa sociedade desigual.

My race groaned. It was our people falling. It was another lynching, yet another Black man hanging on a tree. One more woman ambushed and raped. A Black boy whipped and maimed. It was hounds on the trail of a man running through slimy swamps. It was a white woman slapping her maid for being forgetful.²⁰⁰

Nota-se que, nesse momento, Maya sente-se parte de um grupo — a “raça” negra — e, por conseguinte, orgulhou-se disso, haja vista que os negros provaram serem fortes.

Champion of the world. A Black boy. Some Black mother’s son. He was the strongest man in the world. [...] It would take an hour or more before people would leave the Store and head home. Those who lived too far had made arrangements to stay in town. It wouldn’t do for a Black man and his family to be caught on a lonely country road on a night when Joe Louis had proved that we were the strongest people in the world²⁰¹

A vitória de Joe Louis não foi meramente uma vitória individual; pelo contrário, configurou-se em uma vitória coletiva e metafórica e Maya e os demais negros da comunidade tinham consciência desse fato. Ademais, a vitória mostrou que, ainda que houvesse sofrimento e abuso dos brancos para com os negros, de forma semelhante ao povo escolhido por Deus, ao final, os negros sairiam vencedores e provariam serem fortes.

Por conseguinte, a luta acaba por metaforizar o constante embate entre negros e brancos motivando orgulho, não apenas para Maya, mas para todo o seu “povo”. Contudo, a luta expõe limites da transitoriedade da vitória, assim como no episódio entre Momma e as meninas brancas.

3.4.5 OS PRESENTES DE NATAL EM *CAGED BIRD*

²⁰⁰ *Caged Bird*, 1993, p. 135.

²⁰¹ *Caged Bird*, 1993, p. 136.

A estrutura familiar adquirida, por Maya e o irmão, foi abalada ao receberem presentes de Natal dos pais, tendo em vista que eram confrontados com a existência de um pai e de uma mãe, que viviam em um céu distante chamado Califórnia.

Then came that terrible Christmas with its awful presents when our father, with the vanity I was to find typical, sent his photograph. My gift from Mother was a tea set — a teapot, four cups and saucers and tiny spoons —and a doll with blue eyes and rosy cheeks and yellow hair painted on her head [...] I sat down and cried. [...] Why, at three and four, did we have tags put on our arms to be sent by train alone from Long Beach, California, to Stamps, Arkansas, with only a porter to look after us?²⁰²

A autora-personagem se mostrou traumatizada e sentiu-se culpada por sua mãe haver enviado ela e ao irmão para longe. De certa forma, essa cena lembra o cantor de *Blues* que sai de cidade em cidade, com seus instrumentos na mão, cantando sobre a sua tristeza a quem pudesse interessar, ou seja, a quem quisesse ouvir.

Os presentes que Maya e o irmão recebem são terríveis porque são símbolos de um mundo branco que está fora do alcance de Maya. Os brinquedos são a evidência física da existência da mãe e de seu mundo exótico, fato esse que desencadeou a culpa em Maya e no irmão.

Percebe-se que a descrição da boneca se aproxima da descrição da aparência que Maya desejava. Ela também é a presentificação da mãe ausente. Sem poder conter a ira, Maya e o irmão destróem a boneca como forma metafórica de matar a mãe que os abandonara e direcionar sua raiva.

Os sentimentos são ambivalentes por causa da época em que a revelação foi feita. No Natal é esperado alegria, principalmente pelo fato das crianças terem recebido presentes, mas acontece o oposto.

Por um lado, no Natal ocorre uma Páscoa, ou seja, um renascimento de duas pessoas que as crianças tinham como mortas, porque as crianças têm a certeza de que elas existem e o pai se presentifica por meio da fotografia, uma vaga lembrança, espectral, que assume a forma corpórea.

Algum tempo depois, o pai, Bailey Sir, vai a Stamps e leva os meninos para viverem com a mãe em Saint Louis, personificando, em particular para Maya, o início de sua “morte” simbólica, isto é, a morte da menina.

²⁰² *Caged Bird*, 1993, p. 52; p. 53

3.4.6 A “MORTE” DE MAYA EM *CAGED BIRD*

Ao chegar em Stamps, o pai ainda parecia alguém irreal para Maya, se considerava uma órfã e, portanto, viver a fantasia parecia ser mais agradável que propriamente enfrentar a dura realidade. Esse foi um importante momento de transição na vida de Maya.

Em um primeiro momento, a mudança foi apenas geográfica, mas, posteriormente, desencadeou problemas identitários, haja vista que ao viver, durante quatro anos, num lar estável, cercada pelo carinho e proteção da avó e do seu tio Willie, ir para Saint Louis representou uma ruptura sem precedentes para viverem com uma estranha, a mãe, Vivian Baxter Johnson.

O pai de Maya exerceu papel relevante ao unir o velho e o novo; entre o *Black Folklore* do Sul e o *Blues* de Saint Louis. A própria Maya afirmou que Saint Louis era o inferno e que, portanto, o pai assumia o cargo de demônio encarregado das entregas nesse lugar: “Our father left Saint Louis a few days later for California and I was neither glad nor sorry. He was a stranger, and if he chose to leave us with a stranger, it was all one piece.”²⁰³

Para Maya, O pai era apenas um pai biológico, que não possuía emprego fixo sendo um estranho para as duas crianças; um homem das estradas e por quem ela não sentia lealdade alguma. Contudo, mesmo ao sentir ausência e vazio com relação ao pai, Maya não descarta a importância da figura masculina.

O encontro com a mãe também não foi fácil. Segundo Maya, descrever a mãe era o mesmo que descrever um furacão ou as cores do arco-íris, devido à beleza da mãe que era estonteante.

My mother’s beauty literally assailed me. Her red lips (Momma said it was a sin to wear lipstick) split to show even white teeth and her fresh-butter color looked see-through clean. Her smile widened her mouth beyond her cheeks beyond her ears and seemingly through the walls to the street outside. I was struck dumb. I knew immediately why she had

²⁰³ *Caged Bird*, 1993, p. 60.

sent me away. She was too beautiful to have children. I had never seen a woman as pretty as she who was called “Mother”²⁰⁴.

Nota-se que todas as palavras que Maya utiliza-se para descrever a mãe estão relacionadas ao movimento: o furacão, o arco-íris, por conseguinte, são metáforas que sugerem, de um lado, certa admiração e, por outro lado, exprimem apenas um sentimento de contemplação que perderia o encanto se acaso a mãe fosse tocada.

Dessa maneira, o amor que Maya sente pela mãe é sincero, mas ainda está reprimido devido ao abandono na primeira infância. Ainda assim, Vivian Baxter representaria, posteriormente, um modelo para a filha por meio de seus ensinamentos à Maya acerca da vida.

A vida urbana, até então desconhecida por Maya, difere drasticamente da cidade de Stamps. Saint Louis revelou à Maya delícias da cidade grande como: “thin-sliced ham [...] jelly beans and peanuts mixed, lettuce on sandwich bread, Victrolas²⁰⁵”.

A vida da mãe de Maya era agitada devido ao trabalho que exercia em salões de jogos, com horários irregulares. O companheiro da mãe chamava-se Mr. Freeman que, era um mero coadjuvante na vida de Vivian.

Numa manhã, após a saída da mãe, a menina acordou com o contato físico de Mr. Freeman e, mesmo sem entender, o fato ocorrido, Maya ficou ansiosa em repetir aquela situação. Mr. Freeman a abraçou e, momentaneamente, Maya sentiu-se em casa e, acima de tudo, amada e protegida, sentimentos que foram negados por um pai ausente.

Finally he was quiet, and then came the nice part. He held me so softly that I wished he wouldn't ever let me go. I felt at home. From the way he was holding me I knew he'd never let me go or let anything bad ever happen to me. This was probably my real father and we had found each other at last. But then he rolled over, leaving me in a wet place and stood up²⁰⁶.

No entanto, Mr. Freeman a adverte: caso contasse a alguém o fato ocorrido, mataria o irmão de Maya. No segundo encontro dos dois, a menina é violentada, desencadeando uma dor lancinante, que gerou sentimento de cumplicidade, confusão, culpa e vergonha.

²⁰⁴ *Caged Bird*, 1993, p. 60.

²⁰⁵ *Caged Bird*, 1993, p. 62.

²⁰⁶ *Caged Bird*, 1993, p. 73.

“We was just playing before”. [...] If you scream, I’m gonna kill you. And if you tell, I’m gonna kill Bailey” [...] Then there was the pain. A breaking and entering when even the senses are torn apart. The act of rape on an eight-year-old body is a matter of the needle giving because the camel can’t. The child gives, because the body can, and the mind of the violator cannot.
I thought I had died [...] ²⁰⁷

Posteriormente, quando o estupro é descoberto, Mr. Freeman é preso e levado a julgamento. No tribunal, ao ser questionada acerca da vestimenta do acusado, Maya não consegue lembrar-se. O advogado, então, sugere que talvez a menina fosse culpada pelo estupro.

De forma confusa e assustada, ao ser interpelada sobre outras tentativas do acusado em tocá-la, Maya mente por estar convencida de que também é culpada no ato, mas, sobretudo, por desejar o amor e a aprovação da mãe.

Depois, Maya arrepende-se por isso:

I couldn’t say yes and tell them how he had loved me once for a few minutes and how had held me close before he thought I had peed in my bed. My uncles would kill me and Grandmother Baxter would stop speaking as she often did when she was angry. And all those people in the court would stone me as they had stoned the harlot in the Bible. And Mother, who thought I was such a good girl, would be so disappointed. But most important, there was Bailey. I had kept a secret from him. [...] Everyone in court knew that the answer had to be No. Everyone except Mr. Freeman and me. I looked at his heavy face trying to look as if he would have liked me to say No. I said No.
The lied lumped in my throat and I couldn’t get air. How I despised the man for making me lie. Old, mean, nasty thing. Old, black, nasty thing. The tears didn’t soothe my heart as they usually did. I screamed, “Ole mean, dirty thing, you. Dirty old thing.” Our lawyer brought me off the stand and to my mother’s arm. The fact that I had arrived at my desired destination by lies made it less appealing to me ²⁰⁸.

Mr. Freeman é condenado a um ano e um dia na prisão, mas é solto naquele mesmo dia. Mais tarde, foi encontrado morto, no que pode-se chamar de “crime de honra”, uma vez que os tios de Maya, por ordem da avó materna, Grandmother Baxter, resgataram a honra da menina Maya e de toda a família ao matar Mr. Freeman.

²⁰⁷ *Caged Bird*, 1993, p. 78.

²⁰⁸ *Caged Bird*, 1993, p. 85.

A violência presente nas autobiografias afroamericanas atribui nova dimensão a esta, visto que homens e mulheres são vítimas de uma sociedade que dirime a dignidade dos sujeitos.

The brutality of this act suggests a new dimension in Afro-American autobiographical writing. Angelou implies that the same power, energy, and honesty that characterized our examination of our relationship with the oppressor class be now turned inward to examine some of the obstacles that have retarded our personal development and our social liberation. In other words, Afro-American liberation must contain both an internal and external dimension; the former must be our exclusive concern. It is this internal probing that characterizes this work and marks the writing of the contemporary Afro-American woman writer. One ought not, however, simply read the shortcomings of black life into the text and forget the complicity of white capitalist society, the major cause of black denigration. On the larger canvas from which this life is drawn, the villain is a whoredom, and makes children the victims of their father's lust and impotence²⁰⁹.

A violência dentro de uma cultura patriarcal, que promove a dominação e a supremacia branca, acaba por silenciar os sujeitos vítimas da violência, tornando-os, de certa forma, conscientes de sua marginalidade.

De acordo com hooks²¹⁰, crianças vítimas de violência têm uma sensação extrema de deslocamento, e o mundo, previamente conhecido e relativamente seguro, entra em colapso e um outro mundo surge: um mundo envolto em terror e medo, no qual não é possível distinguir entre a segurança e a violência, havendo também profundo sentimento de vulnerabilidade, exposição e degradação psicológica.

When individuals are wounded, we are indeed often scarred, often damaged in ways that do set us apart from those who have not experienced a similar wounding, but an essential aspect of the recovery process is the healing of the wound, the removal of the scar. This is an empowering process that should not be diminished by labels that imply this wounding experience is the most significant aspect of identity.²¹¹

Portanto, o estupro é a “morte” simbólica da inocência de Maya: a inocência perdida e o corpo da criança de oito anos violado, confinam Maya a outra gaiola. O

²⁰⁹ CUDJOE, 1990, p. 289.

²¹⁰ hooks, bell. *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*. Boston, MA: South End Press, 1989.

²¹¹ hooks, 1989,, p. 89.

silêncio da vítima de um crime cruel, que é a violação, deixando sequelas físicas e psicológicas profundas. Paralelamente, Maya liga o fato do estupro ao sofrimento dos pobres, ao fazer referência à passagem bíblica que diz: “De fato, é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus”²¹².

Num segundo momento, Maya transforma a violência do estupro em um símbolo do racismo que aflige não apenas a ela, mas a todos de sua “raça”, ao longo de *Caged Bird*.

3.5 A MORTE EM *CAGED BIRD*

3.5.1 O *FLASHBACK* EM *CAGED BIRD*

Maya ao narrar a recordação do estupro, apresenta um momento de *flashback* na obra, que segundo Maya Angelou: “that Sunday goes and comes in my memory like a bad connection on an overseas telephone call”²¹³. Tal momento expressa uma recordação precisa acerca do momento do choque e da “morte”, como pondera Seligmann-Silva²¹⁴.

A vítima, ao recordar o momento do trauma — que, em nossa análise, denominamos “morte” —, “é dominada por essas imagens que sempre reaparecem diante dela de modo mecânico, involuntário. A fragmentação de certo modo também literaliza a psique cindida do traumatizado e a apresenta ao leitor.”²¹⁵ No momento do *flashback*, ocorre uma cisão entre esses dois mundos e Maya precisa distanciar-se do evento para, então, analisá-lo.

Maya enterra a experiência no silêncio e que requer um instrumento para superar a morte. O luto é necessário para que, durante esse período, o sujeito possa articular a dor. Caso este período não exista, o sujeito não retomará às ligações com a realidade e ficará preso, em estado de suspensão, na fantasia. Portanto, o que se instaura para Maya é a necessidade de uma “tradução testemunhal”²¹⁶.

²¹² Lucas 18:25. Português. *Bíblia Sagrada*. In: *A Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo et alii. São Paulo: Paulus, 1990, p. 1340.

²¹³ *Caged Bird* 1993, p. 81.

²¹⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O Local da Diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

²¹⁵ SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 85

²¹⁶ SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 70.

O sobrevivente da catástrofe urge por contar e conhecer sua própria história, num ato de lembrar, para, então, esquecer, visto que “A narrativa do testemunho [...] permite que o sobrevivente estabeleça uma ponte com o “tu” ilhado que existe dentro dele²¹⁷.”

O testemunho do sobrevivente é um ato de fala; é a transgressão dos limites do próprio ato de testemunhar para que, mais adiante, o testemunho tenha uma dimensão clínica de cura.

Maya sofreu a morte simbólica, após a perda da inocência, o que a conduz a um *insight*, visto que “O testemunho é, precisamente, sobre a experiência do narrador de atravessar repetidamente a linha divisória entre vida e morte [...] A história de sobrevivência é, de fato, a narração incrível da sobrevivência da história na encruzilhada entre vida e morte.”²¹⁸

Maya é uma “testemunha-designada” e, como tal, não pode ser substituída para que se alivie do fardo, que consiste em testemunhar, já que “ninguém testemunha pela testemunha”²¹⁹. O sobrevivente quando está engajado nesse processo, é colocado face a face com o evento traumático; portanto, “pelo fato do testemunho ser *dirigido* a outros, a testemunha, de dentro da solidão de sua própria posição, é o veículo de uma ocorrência, de uma realidade, de uma posição ou de uma dimensão *para além dele mesmo*.”²²⁰

O testemunho do trauma precisa de algum tempo para ser articulado, um período de latência porque “só depois desse período a neurose traumática brota²²¹”, como foi o caso de Maya. As palavras simbolicamente morreram para Maya em *Caged Bird*.

Cada sobrevivente precisa, ao seu modo, encontrar maneiras de dar vazão à sua dor. Para Maya ainda não era possível restabelecer a ponte entre o “eu” e o “tu” dentro dela. O fato de permanecer, em silêncio total e enclausurada, como mostraremos a seguir, propiciaram à Maya o controle do mundo e das situações à sua volta.

3.5.2 A MORTE NAS PALAVRAS DE *CAGED BIRD*: O SILÊNCIO

²¹⁷ SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 71.

²¹⁸ FELMAN, Shoshana. “Educação e Crise ou as Vicissitudes do Ensinar”. In: NEVSTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Catástrofe e Representação: Ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 55; p.56.

²¹⁹ CELAN *apud* FELMAN, 2000, p. 15.

²²⁰ FELMAN, 2000, p. 16.

²²¹ SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 69.

Se as palavras podiam provocar violência, dor e “morte” para si e para outrem, ao permanecer em silêncio Maya conteria a morte pelo silêncio. Porém, ainda assim, Maya mantém-se na posição de culpado pelo que aconteceu e acredita, ainda que inconscientemente, contribuiu para que o ato de violência ocorresse.

Maya ao saber que seu agressor, Mr. Freeman, foi assassinado, acreditou que isso ocorreu por causa da mentira que contou no tribunal. A avó paterna, Grandmother Baxter, lamentou o fato, mas não permitiu que nada fosse falado sobre isso ou que o nome de Mr. Freeman fosse mencionado dentro de casa, numa tentativa inconsciente de apagar o ocorrido. Então, Maya decide que somente o silêncio total poderia evitar que outras pessoas fossem feridas por suas palavras, já que as palavras carregavam a morte.

In those moments I decided that although Bailey loved me he couldn't help. I had sold myself to the Devil and there could be no escape. The only thing I could do was to stop talking to people other than Bailey. Instinctively, or somehow, I knew that because I loved him so much I'd never hurt him, but if I talked to anyone else that person might die too. Just my breath, carrying my words out, might poison people and they'd curl up and die like the black fat slugs that only pretended.

I had to stop talking.

I discovered that to achieve perfect personal silence all I had to do was to attach myself leechlike to sound. I began to listen to everything. I probably hoped that after I had heard all the sounds, really heard them and packed them down, deep in my ears, the world would be quiet around me. I walked into rooms where people were laughing, their voices hitting the walls like stones, and I simply stood still — in the midst of the riot of sound. After a minute or two, silence would rush into the room from its hiding place because I had eaten up all the sounds²²².

O silêncio, nesse momento da narrativa de Maya funciona como uma metáfora para recuperar o controle após a violação física. Portanto, o corpo, neste momento, é visto como a caixa de Pandora, um receptáculo que continha uma força tão destrutiva que caso não fosse controlada, poderia inundar o mundo e trazer a degradação e aniquilação completa.

Maya afirma que havia um poder destrutivo dentro dela e sua decisão de emudecer tornou-se uma manifestação externa da confusão interna. A passividade e a apatia eram as únicas formas de não machucar os outros, e o fato de estar fechada ao mundo também implicava em não querer receber intervenções externas.

²²² *Caged Bird* 1993, p. 87.

Nesse momento da narrativa, temos o silêncio como estratégia de resistência que se assemelha ao ato de silenciar de Momma, ante as meninas brancas. Esse ato mostra a solidez e retidão de caráter, sendo um exemplo que Maya tentará seguir, ao longo da vida. A avó desfaz o estereótipo criado para os negros por meio do silêncio que indica um exercício de poder, como nos lembra Orlandi “e o silêncio da opressão²²³”. Logo, a imposição do silêncio, por parte do oprimido, não significou, nesse caso, a ausência de palavras; pelo contrário:

Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação dos sentidos [...] O silêncio, [...] não é o não-dito que sustenta o dizer, mas é aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído.²²⁴

O ato de silenciar nos dois momentos assinala para a contenção de forças que poderiam revidar contra as vítimas e causar até mais sofrimento. A família aceitou o silêncio por algum tempo por considerá-lo como uma reação pós-traumática ao estupro.

De outra forma, com o passar do tempo, a própria Maya percebe que não consegue voltar a ser a menina devido essa ruptura. Em face disso, as duas crianças são enviadas de novo a Stamps, para a casa da avó paterna e para a passividade que Maya desejava, a tranquilidade de Stamps depois da agitação de Saint Louis.

3.6 O MOVIMENTO GEOGRÁFICO EM *CAGED BIRD*: A BUSCA POR FIXAR RAÍZES

Desde a saída de Maya e do irmão da Califórnia Maya desloca-se de um lugar a outro. Notamos que, durante toda a obra, Maya está em movimento, indo para algum lugar, mas posteriormente retorna a Stamps.

Estas viagens estão ligadas ao sentimento de desenraizamento e não-pertencimento que, em nossa análise, chamaremos de *movimentos diaspóricos* por envolverem apenas

²²³ ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 101.

²²⁴ ORLANDI, 2007, p. 102.

uma pessoa, contêm a ideia de múltiplas jornadas e têm relação com a construção identitária do sujeito, que é feita discursivamente dentro dos espaços por onde transita.

O espaço acaba por tornar-se uma outra “zona de contato”²²⁵ e, no retorno a Stamps, devido à estada em Saint Louis, Maya e o irmão são recebidos em posição de superioridade por terem estado no lugar que, por muitos, poderia ser apenas imaginado.

Além de ser o lugar que mais se aproximou de um lar para Maya, Stamps foi o lugar que lhe deu a segurança e a tranquilidade necessárias; era o casulo que a protegia e que lhe permitiu enlutar para, no momento oportuno, livrar-se das amarras e iniciar a erguer a voz; portanto, o eco do silêncio começou a fazer-se presente.

Estar em Stamps significava regressar a um quase-lar. O quase-lar, no entanto, não se resume apenas ao espaço físico; pelo contrário, diversos são os discursos envolvidos que o constituem: alianças, solidariedade, exclusão.

Um exemplo disso foi a maneira como as pessoas da cidade aceitaram o silêncio de Maya.

People, except Momma and Uncle Willie, accepted my unwillingness to talk as a natural outgrowth of reluctant return to the South. [...] Then, too, I was well known for being “tender-hearted”. Southern Negroes used that term to mean sensitive and tended to look upon a person with that affection as being a little sick or in delicate health. So I was not so much forgiven as I was understood²²⁶.

Stamps foi o lugar em que Maya teve a experiência vivida de localidade, visto que o lar é, também, uma construção discursiva impregnada pelas impressões e vivências do sujeito.

Its sounds and smells, its heat and dust, balmy Summer evenings, or the excitement of the first snowfall, shivering winter evenings, sombre grey skies in the middle of the Day...all this [...] the varying experience of the pains and pleasures, the terrors and contentments, or the highs and humdrum of everyday²²⁷ [...]

²²⁵ PRATT, Mary Louis. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London & New York: Routledge, 1992, p. 4.

²²⁶ PRATT, 1992, p. 92.

²²⁷ BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London & New York: Routledge, 1996, p. 192.

Todas as experiências estão ligadas aos processos de inclusão e exclusão aplicados aos sujeitos pelo grupo hospedeiro. Nosso argumento, alinhado àquele proposto por Brah²²⁸, encontra respaldo em Gilroy²²⁹ quando este afirma que o lar tem relação direta com o pertencimento e com “roots” e “routes” (rotas e raízes).

Os movimentos diaspóricos de Maya inscreveram na menina o desejo por um lar. É o que observamos ao longo da obra, porque, em cada um dos lugares para onde ela deslocou-se, Maya sempre carregou e permaneceu com o escudo que a acompanhava, desde a chegada a Stamps: “I didn’t come to stay.”²³⁰

Se por um lado temos o silêncio de Maya, por outro persistia a calma e a passividade da cidade que, aos poucos, e a seu modo, envolveram-na para, posteriormente, trazer a cura, para fazer com Maya retornasse à vida.

Ao retornar a cidade de Stamps, Maya constata que

The barrenness of Stamps was exactly what I wanted, without will or consciousness. After St. Louis, with its noise and activity, its trucks and buses, and loud family gatherings, I welcomed the obscure lanes and lonely bungalows set back in dirt yards. The resignation of its inhabitants encouraged me to relax. They showed me a contentment based on the belief that nothing more was due. Their decision to be satisfied with life’s inequities was a lesson for me. Entering Stamps, I had the feeling that I was stepping over the border lines of the map and would fall, without fear, right off the end of the world. Nothing more could happen, for in Stamps nothing happened. Into this cocoon I crept²³¹.

Essa criação de casulos fez com que não fosse possível a representação do trauma, visto que não ocorreu o despertar. Maya permaneceu presa a um “sonho dentro do sonho”²³², no qual a realidade tinha a leveza de um sonho, devido à desconexão existente entre o indivíduo e a realidade.

²²⁸ BRAH, 1996.

²²⁹ GILROY, Paul. “It ain’t where you’re from, it’s where you’re at. The dialects of diaspora identification”. In: *Small Acts. Thoughts on the Politics of Black Cultures*. London: Serpent’s Tail, 1993.

²³⁰ *Caged Bird*, 1993, p. 1.

²³¹ *Caged Bird*, 1993, p. 89.

²³² SELIGMAN-SILVA, 2000, p. 93.

Também o fluxo do tempo foi afetado, com um “estancamento temporal²³³” e as recordações “são como que enterradas vivas²³⁴” na memória. Mesmo em Stamps não observamos um fixar de raízes. O que se dá é um ancoramento momentâneo de Maya.

Acreditamos que talvez isso tenha acontecido devido à presença da avó. Nas viagens realizadas por Maya, notamos que os lugares por onde ela passa revelam-se locais de separações, deslocamentos psicológicos e traumas, que são aspectos extremamente relevantes, bem como reveladores da construção identitária do sujeito.

O movimento geográfico e a transitoriedade tornaram-se aspectos formativos da identidade de Maya.

3.6.1 OS CASULOS EM *CAGED BIRD*: A LOJA DE MOMMA

A loja de Momma também solidariza-se com Maya no sofrimento, uma vez que pulsa com o vigor dos trabalhadores, mas também compadece-se da solidão de Maya; os odores e cores conhecidos davam-lhe a sensação de aconchego que sempre buscou.

De certa forma, a loja era uma extensão da avó, com toda a majestade e grandiosidade; a loja sabia dos segredos tanto da avó quanto de Maya e guardava-os bem; a loja sabia sobre o silêncio de Momma e também acerca do silêncio de Maya.

Em resumo, a loja tem papel duplo para Maya: se, por um lado, a loja a compreende, por outro, acaba por tornar-se uma cripta, um refúgio para um corpo inerte, sem vida, sendo também uma outra metáfora da gaiola que fornece segurança mas aprisiona.

Contudo, a loja possui as portas abertas, mas o pássaro ali aprisionado ainda não tem a força necessária para sair de lá completamente:

Sounds came to me dully, as if people were speaking through their handkerchiefs or with their hands over their mouths. Colors weren't true either, but rather a vague assortment of shaded pastels that indicated not so much color as faded familiarities. People's names escaped me and I began to worry over my sanity. After all, we had been away less than a

²³³ SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 69.

²³⁴ SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 69.

year, and customers whose accounts I had formerly remembered without consulting the ledger were now complete strangers²³⁵.

Após vagar por um ano pela loja, pela igreja e pela escola “like an old biscuit, dirty and inedible²³⁶”, Maya conhece a pessoa que iria ajudá-la no processo de recuperação, levando-a à “ressurreição”, fazendo com que, de certa forma, Maya renascesse das cinzas.

3.6.2 A RESSURREIÇÃO EM *CAGED BIRD*: VIAGEM DA MORTE À VIDA

A aristocrata negra de Stamps, Mrs. Bertha Flowers, foi a pessoa que ajudou Maya a reconstruir a identidade perdida em decorrência da infância sofrida e do estupro aos oito anos de idade. Ao descrever a aristocrata, Maya deixa a impressão de referir-se à elegância e majestade de rainhas africanas e a onipotência da avó, Momma, mesclando realeza e grandiosidade.

Para Maya, Mrs. Bertha Flowers assemelhava-se às flores que pairavam acima dos males, desgraças e intempéries da cidade de Stamps, sendo uma referência sobre tudo o que um ser humano deve ser. Portanto, temos nela uma metáfora para o início do desabrochar de Maya para o mundo:

I don't think I ever saw Mrs. Flowers laugh, but she smiled often. A slow widening of her thin black lips to show even, small white teeth, then the slow effortless closing. When she chose to smile on me, I always wanted to thank her. The action was so graceful and inclusively benign.

She was one of the few gentle women I have ever known, and has remained throughout my life the measure of what a human being can be.²³⁷

Maya, que estava no casulo ao viver em luto, inicia o processo de cura. A lagarta começa a transformar-se em borboleta para, então, realmente alçar vôos. Para Maya Mrs. Flowers era uma personagem de um romance que foi, acidentalmente ou não, inserida na tragédia pessoal de Maya, ou seja, sua própria vida.

²³⁵ *Caged Bird*, 1993, p. 92.

²³⁶ *Caged Bird*, 1993, p. 93.

²³⁷ *Caged Bird*, 1993, p. 92-93.

Mrs. Flowers estava acima das secas, das enchentes, dos linchamentos e ainda, acima da morte. Assim, o efeito da atenção dedicada, por Mrs. Flowers à Maya, era extremamente positivo, possibilitando a Maya superar a insegurança e crise identitária.

Dessa forma, Mrs. Flowers contribuiu de maneira decisiva para a afirmação da identidade de Maya, como afirmou: “I was liked, and what a difference it made. I was respected not as Mrs. Henderson’s grandchild or Bailey’s sister but just for being Marguerite Johnson. [...] It was enough to prove that she liked me.”²³⁸

Maya recebeu pela primeira vez o respeito e a atenção que sempre buscou de uma pessoa mais velha, desencadeando um efeito de reversão nos sentimentos de culpa e insatisfação, com relação a si mesma em decorrência do estupro. Doravante, esse é um dos motivos pelos quais Maya disse que Mrs. Flowers lançou-lhe sua linha para a vida.

O fato de Maya usar a imagem da linha remonta à imagem do casulo ao ser desfeito, pelo uso de imagens e referências bíblicas, presentes na obra: jogar a linha para que Maya voltasse à vida é o mesmo ato do Cristo que chamou Lázaro quando este estava morto e disse: “Lázaro, vem para fora.”²³⁹

De forma similar, Mrs. Flowers chamou a Marguerite pelo nome e disse: “Marguerite, saia do casulo e volte à vida”. A insegurança de Maya advém do abandono dos pais, que a mandaram para longe por duas vezes, configurando, assim, o banimento para a própria morte, ou seja, para longe da Califórnia e da agitação de Saint Louis.

She appealed to me because she was like people I had never met personally. Like women in English novels who walked the moors [...] with their loyal dogs racing at a respectful distance. Like the women who sat in front of roaring fireplaces, drinking tea incessantly from silver trays full of scones and crumpets. Women who walked over the “heath” and read morocco-bound books and had two last names divided by a hyphen. It would be safe to say that she made me proud to be Negro, just by being herself. She acted just as refined as whitefolks in the movies and books and she was more beautiful, for none of them could have come near that warm color without looking gray by comparison²⁴⁰.

Logo, Mrs. Flowers tornou-se referência para Maya, inclusive, para perceber-se de maneira diferente como mulher negra, fazendo com que a escritora se sentisse orgulhosa e

²³⁸ *Caged Bird*, 1993, p. 101.

²³⁹ João 11: 43. Português. *Bíblia Sagrada*. In: *A Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo et alii. São Paulo: Paulus, 1990, p. 1372.

²⁴⁰ *Caged Bird*, 1993, p. 95.

despertasse interesse pelo poder poético das palavras, que é tema central na literatura afroamericana, desde as primeiras narrativas de escravos.

Esses momentos com Mrs. Flowers consistem em exteriorizações daquilo que de positivo existia em Maya, mas que ainda estava por ser descoberto. A figura de Mrs. Flowers estava ligada às questões do orgulho racial, da identidade e do poder das palavras.

“Now no one is going to make you talk — possibly no one can. But bear in mind, language is man’s way of communicating with his fellow man and it is language alone which separates him from the lower animals.” That was a totally new idea for me, and I would need time to think about it.
 “Your grandmother says you read a lot. Every chance you get. That’s good, but not good enough. Words mean more than what is set on paper. It takes the human voice to infuse them with the shades of deeper meaning²⁴¹.”

Começa a surgir uma reversão na representação do papel das palavras para Maya Angelou. Se de uma lado as palavras a aprisionaram, de outro modo, agora as palavras passaram a exercer papel relevante para sair do casulo, confirmando, assim, a proposição de hooks²⁴² ao afirmar que a luta do oprimido é travada também na linguagem e tem por objetivo recuperar o próprio sujeito: “to rewrite, to reconcile, to renew [...] Our words are not without meaning. *They are an action — a resistance. Language is also a place of struggle.*”²⁴³ (Ênfase nossa).

Por conseguinte, essa é também uma estratégia de resistência e de construção identitária, haja vista que essa voz libertária somente faz-se presente à medida que o indivíduo oprimido inicia o processo de cura. Ao iniciar esse processo, o indivíduo passa a ser sujeito, recolhendo fragmentos e fazendo-se todo novamente.

3.7 ELEMENTOS AFRICANOS EM *CAGED BIRD*

3.7.1. O PODER DAS PALAVRAS

²⁴¹ *Caged Bird*, 1993, p. 98.

²⁴² hooks, 1989.

²⁴³ hooks, 1989, p. 28.

A importância das palavras, o poder da poesia e a importância da literatura perpassam a narrativa de Maya. Por ocasião do estupro, Maya acreditava que suas palavras poderiam matar e, portanto, recusava-se a falar.

De maneira controversa, àquela época Maya percebe que a imaginação pode manipular a palavra para aquilo que lhe conviesse, quebrando o poder fatal que possui. Tal poder também encontra-se na palavra escrita e, por conseguinte, Maya torna-se dependente dos livros principalmente por causa de sua solidão.

Durante os anos que passou em Stamps, afirmou que conheceu e apaixonou-se por Shakespeare. Maya menciona o “Soneto XXIX” de Shakespeare, que fala da própria alienação emocional e social em que se encontrava.

As personagens dos romances que Maya lê, tornaram-se meios pelos quais ela compreende e julga o mundo caótico. Um exemplo do envolvimento nesse mundo fantástico, o fato de Maya acreditar que durante o estupro, alguém iria salvá-la: “I was sure that any minute my mother or Bailey or the Green Hornet would bust in the door and save me”²⁴⁴

Durante os encontros, Mrs. Flowers alerta Maya quanto à necessidade de falar e também de ouvir o modo como as pessoas de Stamps falavam: “She encouraged me to listen carefully to what country people called mother wit. That in those homely sayings was couched the collective wisdom of generations.”²⁴⁵

Neste momento, Maya nota que para falar era necessário ouvir com atenção, não apenas à norma culta, mas aos falares de sua comunidade. De certa forma, Mrs. Flowers legitima para Maya o vernáculo negro e desperta interesse para o poder da palavra escrita, falada ou contada, rememorando a oralidade africana com o poder de transmitir histórias, conhecimento e transformação, enfim, traduzir outros mundos e manter a cultura e as tradições vivas para futuras gerações.

Maya passa a valorizar a sabedoria de Momma, passando a percebê-la como uma detentora de muitas vozes e que, por meio dessas vozes, havia iniciado o processo de educá-la para que tivesse consciência crítica acerca de si e do mundo que a rodeava.

Isso proporciona ao ato de falar uma dimensão de

Act of resistance [that] is quite different than the ordinary talk, or the personal confession that has no relation to coming into political

²⁴⁴ *Caged Bird*, 1993, p. 78.

²⁴⁵ *Caged Bird*, 1993, p. 100.

awareness, to developing critical consciousness. [...] Appropriation of the marginal voice threatens the very core of self-determination and free self-expression for exploited and oppressed peoples [...] the oppressed, the exploited develop various styles of relating, talking one way to another, talking another way [...] talking in a way that allows one to be understood by someone who does not know your way of speaking, your language. The struggle to end domination, the individual struggle to resist [...] to move from object to subject, is expressed in the effort to establish the liberatory voice —that way of speaking that is no longer determined by one's status as object — as oppressed being. That way of speaking is characterized by oppression, by resistance²⁴⁶.

Encontrar uma voz é parte inerente do processo de (re)posicionamento do sujeito rumo à descoberta do “eu” e, como consequência, advém um impulso rumo à liberdade. O início de autoaceitação de Maya também é refletido na forma como os outros a percebem, dando-lhe individualidade.

As lições que recebeu de Mrs. Flowers foram dadas mediante livros de poesias e conversas filosóficas. Essas lições foram necessárias para que valores, crenças e a sabedoria transmitida por gerações complementassem o conhecimento adquirido nos livros. Portanto, lembrar de poemas, repetí-los em voz alta, refletir sobre os mesmos, deram a Maya senso de poder e fizeram com que transcendesse seu ambiente imediato, como observou McPherson²⁴⁷.

3.7.2 A QUEBRA DA LOUÇA EM *CAGED BIRD*: A REDEFINIÇÃO DO “EU” PELA IMPORTÂNCIA DO NOME

Maya mostra que internalizou as lições aprendidas com Mrs. Flowers ao quebrar a louça de uma patroa branca, Mrs. Cullinan, que se recusava a chamá-la pelo nome correto. Nesse momento, Maya age com base nos ensinamentos sobre a importância das palavras e sobre a afirmação da identidade, elevando sua consciência sobre a realidade social e acerca de seu valor como ser humano.

Aos onze anos de idade, Maya trabalhou ou como empregada na casa de Mrs. Viola Cullinan, uma rica e arrogante sulista branca que não respeitava os negros e que, além

²⁴⁶hooks, 1989, p. 14-15.

²⁴⁷McPHERSON, 1998.

disso, insistia em chamar Marguerite (nome verdadeiro de Maya) por outros nomes, devido achar o nome verdadeiro muito complicado.

Para indignação de Maya, a patroa muda seu nome para Mary por conveniência: “Every person I knew had a hellish horror of being “called out of his name.” It was a dangerous practice to call a Negro anything that could be loosely construed as insulting because of the centuries of their having been called niggers, jigs, dingers, blackbirds, crows, boots and spook.”²⁴⁸

A importância do nome para Maya ecoa a importância dos nomes para os africanos. Portanto, na cultura africana, os nomes são atribuídos aos indivíduos em rituais no decorrer da vida, que devem ter relação com a personalidade da pessoa. Também o nome é dado à criança, no momento do nascimento por um parente, e mantido em segredo para que nenhum inimigo possa usá-lo para conjurar feitiço ou magia contra a criança²⁴⁹.

Por essa razão, o nome pode mudar ao longo da vida ou ser assumido após algum evento marcante quando houvesse ritual de passagem para um novo estágio da vida. Após a Emancipação, os escravos, que tinham seus nomes dados pelos seus donos, escolheram novos nomes para si, o que é uma forma de recuperar a individualidade perdida durante a escravidão.

Maya percebe que não poderia confrontar sua patroa diretamente e corrigi-la, e também não poderia deixar o emprego, assim como a avó não pôde confrontar as meninas brancas. Contudo, Maya não poderia também deixar que aquela situação continuasse.

Como forma de opor-se, Maya quebra propositalmente a louça favorita de Mrs. Cullinan, retomando sua individualidade.

Her favorite piece was a casserole shaped like a fish and the Green glass coffee cups [...] I dropped the empty serving tray. When I heard Mrs. Cullinan scream, “Mary!” I picked up the casserole and two of the green glass cups in readiness. As she rounded the kitchen door I let them fall on the tiled floor. [...] She actually wobbled around on the floor and picked up shards of the cups and cried, “Oh, Momma. Oh, dear Gawd. It’s Momma’s china from Virginia. Oh, Momma, I sorry.” [...] Mrs. Cullinan cried louder, “That clumsy nigger. Clumsy little black nigger.” Old speckled-face leaned down and asked, “Who did it, Viola? Was it Mary? Who did it?” [...] Mrs. Cullinan said, “Her name’s Margaret, goddamn it, her name’s Margaret!” [...] I left the front door wide open so all the neighbors could hear.

²⁴⁸ *Caged Bird*, 1993, p. 109.

²⁴⁹ HERSKOVITS, Melville J.. *The Myth of the Negro Past*. New York E London: Harper & Brothers Publishers, 1941.

Mrs. Cullinan was right about one thing. *My name wasn't Mary*²⁵⁰.

Percebe-se que quebrar a louça é uma metáfora que remete à ruptura com a tradição de exclusão e a opressão do branco contra o negro. Serve também como metáfora para a ruptura e o fim do silêncio. É como se Maya afirmasse que, após o longo luto, há a ressurreição.

Romper com os grilhões que a seguravam propiciou à Maya a certeza de que já era forte o bastante para seguir sozinha. Ao afirmar que “Mrs. Cullinan was right about one thing. My name wasn't Mary²⁵¹”, Maya afirmou também que não aceitaria os valores impostos pela sociedade branca segregacionista e livrou-se, psicologicamente, da atmosfera desumanizante de seu ambiente.

Desse rompimento, veio o crescimento e emergiram dois pontos paradoxais: “Paradoxically, while Angelou is growing in confident awareness of her strength as an individual, she is also becoming increasingly more perceptive about her identity as a member of an oppressed racial group.”²⁵²

O cenário que surge é o do indivíduo que resiste à opressão branca. Tal voz somente surgirá quando o indivíduo iniciar o processo de recuperação e, no âmago, esse processo:

[is] linked with the overall effort of the oppressed [...] to develop awareness of those forces which exploit and oppress; with efforts to educate for critical consciousness to create effective and meaningful resistance, to make revolutionary transformation²⁵³.

A revolução começa *com* o “eu” e *dentro* do “eu”, e os gritos do silêncio, que ecoam como símbolo de resistência, doravante se farão ouvir e se revestirão de significado, pois Maya agora *era* alguém.

3.7.3 A FORMATURA DE MAYA EM *CAGED BIRD* E O PODER DA PALAVRA CANTADA

²⁵⁰ *Caged Bird*, 1993, p. 110-111.

²⁵¹ *Caged Bird*, 1993, p. 111.

²⁵² McPHERSON, 1998, p. 46.

²⁵³ hooks, 1989, p. 30.

A formatura é também um momento de resistência, porém não é uma ação que toma a forma de poesia, valorizando a tradição literária afroamericana como fonte de resistência ao racismo e opressão dos brancos. Ela toma a forma da palavra cantada.

Esse momento da narrativa em muito assemelha-se à cena de Momma com as meninas brancas porque: um branco insulta um negro; o negro responde ao insulto e ocorre uma ação, por parte dos membros, da comunidade de forma coletiva.

Como Maya disse, a estrutura da escola já a diferenciava da escola dos brancos, visto que não havia “hedges, nor tennis court, nor climbing ivy. Its two buildings [...] were set on a dirt Hill with no fence to limit either its boundaries or those of bordering farms.”²⁵⁴

A formatura, que deveria ser um momento de alegria, logo foi ofuscada pelas palavras de ofensa do orador branco, Edward Donleavy, que no discurso enalteceu as melhorias que seriam feitas na *Central School* — que era para os brancos — e como os formandos negros poderiam ser bons jogadores, empregadas domésticas e funcionários em fazendas.

A resposta de Maya à ofensa foi o sentimento de ultraje: quem havia decidido, em seu lugar, o que as crianças brancas poderiam vir a ser: “Galileos, and Madame Curies and Edisons and Gaugins, and our boys (the girls weren’t even in on it) would try to be Jesse Owens and Joe Louises.”²⁵⁵

Dessa forma, percebe, então, como era terrível não ter controle sobre a própria vida; todo o esforço, os mapas desenhados de forma tão cuidadosa, tudo havia sido em vão, pois os negros não poderiam *ser*.

Maya atenta para o fato de que, caso o irmão quisesse tornar-se um advogado, deveria primeiramente colher algodão e estudar por correspondência. Ela conclui que:

Graduation, the hush-hush magic of time of frills and gifts and congratulations and diplomas, was finished for me before my name was called. The accomplishment was nothing. The meticulous maps, drawn in three colors of ink, learning and spelling decasyllabic words, memorizing the whole of *The Rape of Lucrece* — it was nothing. Donleavy had exposed us.

We were maids and farmers, handymen and washer-women, and anything higher that we aspired to was farcical and presumptuous. [...] It was awful to be Negro and have no control over my life. It was brutal to be young and already trained to sit quietly and listen to charges brought up against my color with no chance of defense. We should all be dead. I

²⁵⁴ *Caged Bird*, 1993, p. 170.

²⁵⁵ *Caged Bird*, 1993, p. 179.

thought I should like to see us all dead, one on top of the other. A pyramid of flesh with the whitefolks on the bottom, as the broad base, then the Indians with their silly tomahawks and teepees and wigwams and treaties, the Negroes with their mops and recipes and cotton sacks and spirituals sticking out of their mouths. The Dutch children should all stumble in their wooden shoes and break their necks. The French should choke to death on the Louisiana Purchase (1802) while silkworms ate all Chinese with their stupid pigtales. As a species, we were an abomination. All of us[...]”²⁵⁶.

Maya notou que a gaiola que a aprisionava estendia-se a todos os negros. A imposição de limites imposta pela dinâmica da política *Jim Crow* ia além da barreira física: a segregação era também social, minando toda e qualquer vontade ou tentativa de mobilidade social dos negros.

Ela observa como as estratégias de dominação são particularmente cruéis para as mulheres e afirmou que estas estão sujeitas a um tipo muito peculiar de violência e violação: “If growing up is painful, for the Southern Black girl, being aware of her displacement is the rust on the razor that threatens the throat. It is an unnecessary insult.”²⁵⁷ .. E o maior crime para as mulheres negras reside

in its attempts to reduce all Negroes to a sense of impotence and nothingness. This is the internal “rust” that threatens the development of the personal identity of all black people in America. It is this inherent suicidal tendency of an oppressive and racist society that pushes these young people to the brink of spiritual waste and physical destruction. For Angelou, such a milieu becomes the point of departure from which she struggles to salvage a sense of dignity and personhood, the necessary prerequisite to expressing any sense of womanhood [...]”²⁵⁸.

A reação contra o discurso do dominador partiu de um membro da comunidade negra. Henry Reed, o aluno orador da turma que dirigiu-se aos formandos e à comunidade, fazendo uma improvisação. Assim como os cantores de *Jazz*, começou a entoar o *Negro National Anthem*. Ao ouvir com atenção pela primeira vez, Maya levantou e cantou, com a voz repleta de emoção, compreendendo que todos estavam unidos numa mesma luta em busca de liberdade.

²⁵⁶ *Caged Bird*, 1993, p. 180; 181.

²⁵⁷ *Caged Bird*, 1993, p. 4.

²⁵⁸ CUDJOE, 1990, p. 288.

“Lift every voice and sing
 Till earth and heaven ring
 Ring with the harmonies of Liberty...” [...]
 And now I heard, really for the first time:

“We have come over a way that with tears
 has been watered
 We have come, treading our path through
 the blood of the slaughtered²⁵⁹.”

While echoes of the song shivered in the air, Henry Reed bowed his head, said “Thank you,” [...] The tears that slipped down many faces were not wiped away in shame.
 We were on top again. As always, again. We survived. The depths had been icy and dark, but now a bright Sun spoke to our souls. *I was no longer simply a member of the proud class of 1940; I was a proud member of the wonderful, beautiful Negro race*²⁶⁰. (Ênfase nossa)

Dentro desse episódio, a música serve como uma estratégia de manutenção dos laços comunitários. Ao cantar, todos uniram-se em uma única voz dirigida ao opressor. O que atua nesse momento é o poder da palavra cantada.

Maya e a comunidade deixam o eco de suas vozes reverberar pelo ginásio, mostrando que o opressor não pôde amordaçar os negros e que o canto sobreviveria através dos tempos.

Oh, Black known and unknown poets, how often have your actioned pains sustained us? Who will compute lonely nights made less lonely by your songs, or by the empty pots made less tragic by your tales?
 If we were a people given to revealing secrets, we might raise monuments and sacrifice to the memories of our poets, but slavery cured us of that weakness. *It might be enough, however, to have it said that we survive* in exact relationship to the dedication of our poets (include preachers, musicians and blues singers)²⁶¹.

Para descrever a dor e o sofrimento, qualquer pessoa que usa o poder da palavra pertence à categoria dos poetas. De acordo com esta definição, a própria Maya Angelou

²⁵⁹ *Caged Bird*, 1993, p. 183; 184.

²⁶⁰ *Caged Bird*, 1993, p. 184.

²⁶¹ *Caged Bird*, 1993,, p. 184.

adulta é uma cantora de *Blues*²⁶² e uma poeta, visto que em *Caged Bird*, Maya relata o motivo pelo qual um pássaro preso na gaiola consegue cantar. Sendo assim, a poesia, em todas as suas formas, configura-se num ato de resistência e isso fica evidente nos episódios em que Maya ou a comunidade resistem à opressão branca.

3.7.4 A RELIGIÃO E A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE EM *CAGED BIRD*

Maya observa também a relação entre os negros e a religião. Essa observação está relatada em um encontro de reavivamento, em um capítulo permeado por descrições das emoções vividas pelos negros que, momentaneamente, esqueceram-se das agruras da realidade da vida no Sul dos Estados Unidos.

Diante do sofrimento, como pregava o pastor, haveria júbilo e cada um receberia o que merecia. Por meio de metáforas que falavam sobre a caridade, o pastor conscientizava os negros e condenava o modo como os negros eram tratados.

“Charity don’t go around saying ‘I give you food and I give you clothes and by rights you ought to thank me.’” The congregation knew whom he was talking about and voiced agreement with his analysis. “Tell the truth, Lord.”

[...] ‘Because I pays you what you due, you got to call me master.’ It don’t ask me to humble myself and belittle myself. That ain’t what charity is.” [...] The means whitefolks was going to get their comeuppance. Wasn’t that what the minister said, and wasn’t he quoting from the words of God Himself? [...] The Lord loved the poor and hated those cast high in the world. Hadn’t He Himself said it would be easier for a camel to go through the eye of a needle than for a rich man to enter heaven? [...] All the Negroes had to do generally, and those at the revival especially, was bear up under this life of toil and cares, because a blesses home awaited them in the far-off bye and bye[...] Folks going to get what they deserved²⁶³ [...].

O reavivamento pode ser visto como o renascimento das palavras para Maya que se deixa contagiar pela atmosfera eletrizante da igreja Batista. A cena é relatada com ironia e humor.

²⁶² WALKER, Sheila S. (Editor). *African Roots/American Cultures: Africa in the Creation of the Americas*. Lanham; Boulder; New York; Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2001.

²⁶³ *Caged Bird*, 1993, p. 127; 129.

De certa forma, Maya renasce ao reunir-se à comunidade de Stamps e a comunidade dos seres vivos por meio da literatura. O encontro serve como metáfora do reencontro de Maya com suas raízes culturais. Ademais, a religião também era considerada um instrumento de subversão, o que evoca o passado histórico dos africanos recém-chegados aos Estados Unidos durante a escravidão.

Assim como Maya, os fiéis emocionam-se com o sermão que acusa os brancos de falta de caridade, ao mesmo tempo em que recorda à congregação da recompensa que os aguardava após o sofrimento.

When the main crowd of worshipers reached the short bridge spanning the pond, the ragged sound of honky-tonk music assailed them. A barrelhouse blues was being shouted over the stamping of feet on a wooden floor. Miss Grace, the good-time woman, had her usual Saturday-night customers. The big white house blazed with lights and noise. The people inside had forsaken their own distress for a little while²⁶⁴.

Mais uma vez os oprimidos têm a oportunidade de se sentirem superiores sem haver um confronto aberto entre brancos e negros e, ao final, Maya compara o *gospel* ao *Blues*.

Passing near the din, the godly people dropped their heads and conversation ceased. Reality began its tedious crawl back into their reasoning. After all, they were needy and hungry and despised and dispossessed, and sinners the world over were in the driver's seat. How long, merciful Father? How long?
A stranger to the music could not have made a distinction between the songs sung a few minutes before and those being danced to in the gay house by the railroad tracks. All asked the same questions. How long, oh God? How long?²⁶⁵

Maya observou que de maneiras diferentes as duas músicas faziam a mesma pergunta. Contrário ao episódio de Mrs. Cullinan, aqui, há um tom derrotista, talvez devido ao momento que é de transição e de resistência ao protesto ativo, que ocorrerá efetivamente quando Maya tenta conseguir um emprego.

²⁶⁴ *Caged Bird*, 1993, p. 131.

²⁶⁵ *Caged Bird*, 1993, p. 132.

3.7.5 O PERTENCIMENTO EM *CAGED BIRD*

Aos treze anos, Maya juntamente com o irmão foram levados à Califórnia pela avó, após um incidente que envolveu Bailey Jr. e o resgate do corpo de um homem negro, castrado e jogado no rio. Após esse fato, Momma decide que a violência está próxima demais das crianças e resolve partir para Los Angeles.

Maya, ao mudar-se para São Francisco, percebe o visível impacto da guerra na cidade na qual o “império” muda de mãos e lojas, que antes pertenciam aos japoneses, passam a ser compradas por bem sucedidos negros empreendedores. Maya narra:

As the Japanese disappeared, soundlessly and without protest, the Negroes entered with their loud jukeboxes, their Just-released animosities and the relief of escape from Southern bonds. The Japanese area became San Francisco’s Harlem in a matter of months²⁶⁶.

Nesse contexto, esse fenômeno consiste em uma repetição da dominação dos colonizadores aplicada anteriormente na África, mas agora revestida de outra cor para ocupar espaços antes pertencentes aos japoneses. Numa releitura da segregação, os negros, frutos da grande migração passam a *ser* alguém dentro da estrutura social.

Ao sair das margens (o Sul dos Estados Unidos) e irem para o Centro (São Francisco e estados do Norte dos Estados Unidos), os indivíduos acreditavam possuir posição de superioridade em relação àqueles que já estavam estabelecidos no local de chegada.

Também em São Francisco Maya teve, pela primeira vez, a sensação de pertencimento e de possuir um lar. Esse não é apenas o espaço físico, mas os discursos envolvidos em sua construção, bem como as construções das posições que são representadas e mobilizadas.

Todas as sensações que envolvem Maya, ao chegar a São Francisco, seus odores, suas cores, seus habitantes e o ar de deslocamento coletivo propiciam à narradora-personagem essa sensação.

²⁶⁶ *Caged Bird*, 1993, p. 209.

The air of collective displacement, the impermanence of life in wartime and the gauche personalities of the more recent arrivals tended to dissipate my own sense of not belonging. In San Francisco, for the first time, I perceived myself as part of something. Not that I identified with the newcomers, nor with the rare Black descendants of native San Franciscans, nor with the whites or even the Asians, but rather with the times and the city. [...] I became dauntless and free of fears, intoxicated by the physical fact of San Francisco. Safe in my protecting arrogance, I was certain that no one loved her as impartially as I. I walked around the Mark Hopkins and gazed at the Top o' the Mark, but (maybe sour grapes) was more impressive by the view of Oakland from the hill than by the tiered building or its fur-draped visitors. For weeks, after the city and I came to terms about my belonging, I haunted the points of interest and found them empty and un-San Francisco²⁶⁷ [...].

Tal sentimento vem ao encontro do argumento de Brah²⁶⁸ ao afirmar que as diásporas são lugares de permanência prolongada que evocam imagens de traumas de separação e de deslocamento, aspecto importante na questão migratória. Nesses espaços que se constituem em locais de contestação cultural e de política, os indivíduos, as memórias e os sentimentos colidem e se (re)articulam, como foi o caso de Maya.

Após sua chegada a São Francisco, diversas mudanças ocorreram com Maya, desencadeando uma continuidade do processo de amadurecimento e de crescimento de Maya. Também em São Francisco Maya conhece uma outra versão de Mrs. Flowers, na pessoa de Miss Kirwin, uma professora que

was stimulating instead of intimidating [...] Miss Kirwin never seemed to notice that I was Black and therefore different. I was Miss Johnson and if I had the answer to a question she posed I was never given any more than the word "correct", which was what she said to every other student with the correct answer²⁶⁹ [...].

Notamos que, a partir do momento em que Maya começou a aceitar e a respeitar-se como ser humano, essa ação produz efeito em cascata: o respeito a si trouxe, também, o respeito dos outros.

²⁶⁷ *Caged Bird*, 1993, 211; 212.

²⁶⁸ BRAH,,1996.

²⁶⁹ *Caged Bird*, 1993, p. 216.

Após ganhar uma bolsa de estudos para a *California Labor School*, Maya passa a estudar drama e dança, aprendendo assim a ocupar espaços²⁷⁰ e, mais uma vez, a reaprender a transformar sua identidade. Todos esses elementos alinhados resultaram na renovação da *persona* de Maya.

3.7.6 O TRICKSTER EM CAGED BIRD: AS FIGURAS MASCULINAS

Daddy Clidell é uma das poucas figuras masculinas que Maya apresentou como alguém em quem confiou, descrevendo-o como um homem simples, sem complexo de inferioridade sobre sua falta de educação escolar e por ter conseguido sucesso, apesar dessa baixa escolaridade. Em silêncio e cada um a seu modo, os dois se aceitaram e completaram-se.

Maya encontrou, então, o pai que não teve, e Daddy Clidell viu em Maya uma filha.

Daddy Clidell taught me to play poker, blackjack, tonk and high, low, Jick, Jack and the Game. [...] One afternoon, I was invited into our smoke-filled dining room to make the acquaintance of Stonewall Jimmy, Just Back, Cool, Clyde, Tight Coat and Red Leg. Daddy Clidell explained to me that they were the most successful con men in the world, and they were going to tell me about some games so that I would never be “anybody’s mark”²⁷¹.

São Francisco e Daddy Clidell introduzem Maya às personagens urbanas como Stonewall Jimy, Just Black, Cool, Clyde, Tight Coat e Red Leg, que eram homens de sucesso através do jogo e de truques. Por meio dessas pessoas, Maya conhece uma nova moralidade, que é a ética do gueto: “Anything that works against you can also work for you once you understand the Principle of Reverse²⁷²”. Esses personagens personificam a figura do *trickster*, o contador de histórias.

Maya orgulha-se desses homens e de sua habilidade com a linguagem, que é usada como forma de vingança pelos erros infligidos a toda à raça negra. Os personagens dos guetos tornam-se, então, um exemplo da luta contra a dominação branca e a opressão racial.

²⁷⁰ *Caged Bird*, 1993, p. 218.

²⁷¹ *Caged Bird*, 1993, p. 220.

²⁷² *Caged Bird*, 1993, p. 221.

Maya fala do modo como a sua linguagem divergia dos colegas brancos.

In the classroom we all learned past participles, but in the streets and in our homes the Blacks learned to drop 's from plurals and suffixes from past-tense verbs. We were alert to the gap separating the written word from the colloquial. We learned to slide out of one language and into another without being conscious of the effort²⁷³.

O exemplo ilustra a capacidade de adaptação dos negros à linguagem bem como vê sua habilidade de manipular a língua, que equivale à capacidade de transitar entre dois mundos: o mundo dos brancos e dos negros, e de conseguir o melhor das duas partes.

Esses homens mostraram a Maya que existia uma diferença na dinâmica do gueto que se espelhava, ainda que superficialmente, na dinâmica presente na vida dos homens negros em Stamps.

Contudo, em seu bojo, a lógica é a mesma em todos os lugares: os negros são vítimas do roubo cometido pelos brancos e, para deixar as coisas equilibradas a esperteza dos negros deveria ainda prevalecer, mantendo a balança da justiça equilibrada.

By all accounts those storytellers, born Black and male before the turn of the twentieth century, should have been ground into useless dust. Instead they used their intelligence to pry open the door of rejection and not only became wealthy but got some revenge in the bargain.

It wasn't possible for me to regard them as criminals or be anything but proud of their achievement.

The needs of society determine its ethics, and in the Black American ghettos the hero is that man who is offered only the crumbs from his country's table but by ingenuity and courage is able to take for himself a Lucullan feast. Hence the janitor who lives in one room but sports a robin's-egg-blue Cadillac is not laughed at but admired, and the domestic who buys forty-dollar shoes is not criticized but is appreciated. We know that they have put to use their full mental and physical powers. Each single gain feeds into the gains of the body collective.

Stories of law violation are weighed on a different set of scales in the Black mind than in the white. Petty crimes embarrass the community and many people wistfully wonder why Negroes don't rob more banks, embezzle more funds and employ graft in unions. "We are the victims of the world's most comprehensive robbery. Life demands a balance. It's all right if we do a little robbing now." This belief appeals particularly to one who is unable to compete legally with his fellow citizens²⁷⁴.

²⁷³ *Caged Bird*, 1993, p. 225.

²⁷⁴ *Caged Bird*, 1993, p. 224; 225.

3.8 A RETOMADA DO CONTROLE EM *CAGED BIRD*

A viagem que Maya realizou com o pai, ao México, teve grande influência em sua reconstrução identitária. Após haver ingerido grande quantidade de tequila, em um bar, à beira da estrada, o pai sai com uma mulher, deixando Maya sozinha e sem dinheiro.

Ainda no México, Maya vê projetada, no pai, a mesma negação encontrada na mãe e ambos buscavam um caminho para sair da gaiola. Tão solitário quanto à filha, Bailey Johnson Sr. procurava consolo nas mulheres e na bebida.

O pai de Maya era um homem dado às coisas mundanas e também ele era um pássaro aprisionado, que não pertencia à cidade de Stamps, tampouco à morosidade, passividade e submissão da família Johnson, portanto, deslocado: um homem pequeno com grandes pretensões.

Em nenhum dos lugares onde Momma ou Maya encontrava consolo, o pai encontrou. A “terra natal”, Stamps, não propiciava satisfação. Essa somente foi encontrada na terra dos “Outros”, o México, um lugar neutro, onde a cor não contava desde que houvesse dinheiro para dissimulá-la com várias doses de tequila.

Maya percebe que o pai não sabia como dar sentido à vida, como segue:

It seemed hard to believe that he was a lonely person, searching relentlessly in bottles, under women’s skirts, in church work and lofty job titles for his “personal niche,” lost before birth and unrecovered since. It was obvious to me then that he had never belonged in Stamps, and less to the slow-moving, slow-thinking Johnson family. How maddening it was to have been born in a cotton field with aspirations of grandeur²⁷⁵.

O cruzamento da fronteira Estados Unidos - México serve como metáfora para o ato de romper também com as fronteiras psicológicas, sexuais, espirituais, culturais, de classes e raças que são, ao mesmo tempo, as relações sociais e as experiências vividas de subjetividade e identidade.

Brah complementa nosso argumento ao afirmar que: “Borders are arbitrary constructions. Hence, in a sense, they are always metaphors. But far from being mere

²⁷⁵ *Caged Bird*, 1993, p. 233.

abstractions of a concrete reality, metaphors are part of the discursive materiality of power relations.²⁷⁶

Depois de algum tempo, Maya encontra o pai alcoolizado e sem condições de dirigir. Em seguida, a jovem decide, mesmo sem saber, dirigir e leva-os de volta aos Estados Unidos.

The challenge was exhilarating. It was me, Marguerite, against the Elemental opposition. As I twisted the steering wheel and forced the accelerator to the floor I was controlling Mexico, and aloneness and inexperienced youth and Bailey Johnson, Sr., and death and insecurity, and even gravity.

After what seemed like one thousand and one nights of challenge the mountain began to level off and we started passing scattered lights on either side of the road. No matter what happened after that, I had won²⁷⁷.

A metáfora da ação simboliza a retomada do controle sobre si mesma, sobre o destino, e sobre a própria vida. Essa experiência serve como um “atestado” para Maya de que ela pode e tem controle sobre si mesma, portanto, a vida, a solidão, a inexperiência, a ausência do pai, não podem mais feri-la, visto que a cura estava consolidada.

Ao retornar aos Estados Unidos, Maya discute com a namorada do pai, Dolores, que ofende a mãe de Maya e, durante a briga, Maya é ferida seriamente e levada pelo pai à casa de um amigo para receber cuidados emergenciais.

Nesse ínterim, havia duas opções: voltar para a casa da mãe ou tornar-se uma desabrigada. A ideia de voltar para a casa da mãe lembrou-lhe que poderia haver mais uma onda de violência, pois Maya ainda lembrava-se do que havia acontecido a Mr. Freeman.

Maya sai numa caminhada errante e vai para San Diego sem avisar ao pai ou aos amigos dele, responsáveis por cuidar dela. Após vagar por San Diego, ela encontra um ferro velho para onde se muda e vive com um grupo de crianças sem lar por um mês.

O líder do grupo permite que Maya fique desde que ela respeitasse algumas regras.

With a generous gesture the tall boy, who said he was Bootsie, welcomed me, and said I could stay as long as I honored their rule: not two people of the opposite sex slept together. In fact, unless it rained, everyone had his own private sleeping accommodations. Since some of the cars leaked, bad weather forced a doubling up. There was no stealing, not for reasons of morality but because a crime would bring the

²⁷⁶ BRAH, 1996, p. 198.

²⁷⁷ *Caged Bird*, 1993, p. 238.

police to the yard; and since everyone was underage, there was the likelihood that they'd be sent off to foster homes or juvenile delinquent courts. Everyone worked at something. Most of the girls collected bottles and worked weekends in greasy spoons. The boys mowed lawns, swept out pool halls and ran errands for small Negro-owned stores. All money was held by Bootsie and used communally²⁷⁸.

Durante esse período, Maya aprende a dirigir e, como os demais integrantes do grupo, tem tarefas de ordem prática a cumprir. Percebemos, então, que todos os fatos e situações vividos por ela fazem parte, de certa forma, de um treinamento para a vida, e as responsabilidades que viria a ter, inclusive, criar um filho em idade precoce.

Após a estada com o grupo, a própria Maya não se reconhece, devido à transformação pela qual passou. Os laços agora vão além daqueles estabelecidos entre Maya e os negros porque ela passa a ser parte da humanidade.

After hunting down unbroken bottles and selling them with a white girl from Missouri, a Mexican girl from Los Angeles and a Black girl from Oklahoma, I was never again to sense myself so solidly outside the pale of the human race. The lack of criticism evidenced by our ad hoc community influenced me, and set a tone of tolerance to my life²⁷⁹.

Nosso argumento vai ao encontro daquele proposto por McPherson, ao dizer que as alianças vão além das questões de raça; é uma experiência comum e, por meio dela, Maya

learns that, beyond the barriers of race, all men and women are the same; they share the same fears, the same loneliness, and the same hopes. The commune experience also confirms Angelou's determination to exercise further control over her being and helps her to establish a valuable new direction for her personal growth²⁸⁰.

Depois de um mês, Maya retorna a São Francisco e inicia o processo de perdão à mãe. Assim, após sua experiência no México e em San Diego, Maya decide trabalhar.

3.9 O CONFRONTO RACIAL E O PROTESTO EM *CAGED BIRD*

²⁷⁸ *Caged Bird*, 1993, p. 252-253.

²⁷⁹ *Caged Bird*, 1993, p. 254.

²⁸⁰ McPHERSON, 1998 p. 52-53.

Aos quinze anos Maya decidiu ser condutora de bondes em São Francisco. Convencer sua mãe foi tão fácil quanto ela imaginava, dada a própria instabilidade e mudanças pelas quais passava o mundo: “The world was moving so fast, so much Money was being made, so man people were dying in Guam, and Germany, that hordes of strangers became good friends overnight. Life was cheap and death entirely free. How could she have the time to think about my academic career?”²⁸¹

A princípio a mãe disse a Maya que a empresa não admitia negros e este foi o maior desafio que poderia ser proposto a alguém como Maya. No primeiro momento, ela ficou desapontada, mas depois sua mãe lhe diz:

That’s what you want to do? Then nothing beats a trial but a failure. Give it everything you’ve got. I’ve told you many times, ‘Can’t do is like Don’t Care.’ Neither of them have a home.”
Translated, that meant there was nothing a person can’t do, and there should be nothing a human being didn’t care about. It was the most positive encouragement I could have hoped for²⁸².

A tarefa, porém, se mostrou mais difícil do que Maya esperava. Ela foi a *Market Street Railway Company*, mas recebeu a desculpa de que o responsável não estava. Neste encontro com a secretária da pessoa responsável ela observa a reprodução do racismo que acompanha seu povo e a imagem da cena final de “Hamlet”, de Shakespeare, vem a sua mente:

The secretary and I were like Hamlet and Laertes in the final scene, here, because of harm done by one ancestor to another, we were bound to duel to the death. Also because the play must end somewhere.
I went further than forgiving the clerk, I accepted her as a fellow victim of the same puppeteer. [...] All lies, all comfortable lies. The receptionist was not innocent and neither was I. The whole charade we had played out in that crummy waiting room had directly to do with me, Black, and her, white²⁸³ [...]

²⁸¹ *Caged Bird*, 1993, p. 265.

²⁸² *Caged Bird*, 1993, p. 265.

²⁸³ *Caged Bird*, 1993, p. 267.

A reflexão de Maya sobre seu lugar na sociedade e os jogos raciais entre negros e brancos é resultado da somatória de suas experiências de vida e, ainda que de forma inconsciente, ela sabe porquê deseja aquele emprego: “Why did I insist on that particular job? [...] The struggle expanded. I was no longer in conflict only with the Market Street Railway but with the marble lobby of the building which housed its offices, and elevators and their operators.”²⁸⁴

Em sua luta pessoal, Maya era acompanhada por sua mãe, que não pedia explicações mas a apoiava porque compreendia a perversidade do confronto. A mãe esperava que Maya desse o máximo de si.

As palavras, que anteriormente poderiam matar, também curaram, e agora oferecem alento, conforto e força. Para Maya as palavras assumem a função de motivar e se tornam um instrumento com poder de transformar sua vida: “Strangely, as bored as I was with clichés, her inflection gave them something new, and set me thinking for a while at least”²⁸⁵.

Após três semanas de visitas diárias ao escritório, Maya conseguiu o emprego, quebrando a barreira de cor anteriormente imposta aos negros, tornando-se a primeira mulher negra condutora de bondes e, conseqüentemente, conquista sua independência financeira.

Quando Maya retorna às aulas, reconhece seu amadurecimento. Segundo ela, as mudanças em sua identidade são visíveis.

I was so much wiser and older, so much independent, with a bank account and clothes that I had bought for myself, that I was sure that I had learned and earned the magic formula which would make me a part of the gay life my contemporaries led. [...] Within weeks, I realized that my schoolmates and I were on paths moving diametrically away from each other. They were concerned and excited over the approaching football games, but I had in my immediate past raced a car down a dark and foreign Mexican mountain. They concentrated great interest on who was worthy of being, student body president, and when the metal bands, would be removed from their teeth, while I remembered sleeping for a month in a wrecked automobile and conducting a streetcar in the uneven hours of the morning²⁸⁶.

²⁸⁴ *Caged Bird*, 1993, p. 268.

²⁸⁵ *Caged Bird*, 1993, p. 269.

²⁸⁶ *Caged Bird*, 1993, p. 270-271.

Em retrospectiva, Maya percebe que tudo o que ela havia passado, sua *via-crucis*, a levou à ressurreição e rearticulação do seu “eu” e também à consciência dessas mudanças. Sua libertação trouxe o reconhecimento do seu valor, do seu potencial e da grandiosidade de seu povo.

O relato e a reflexão foram feitas por uma sobrevivente dos obstáculos raciais e de gênero. Ela fecha essa fase de sua vida numa clara referência a esses momentos, posicionando-se quanto ao sofrimento das mulheres afro-americanas: “The Black female is assaulted in her tender years by all those common forces of nature at the same time that she is caught in the tripartite crossfire of masculine prejudice, White illogical hate and Black lack of power.”²⁸⁷

Todavia, Maya mostrou que é justamente dessa luta que vem a força das mulheres negras: “[...] The fact that the adult American Negro female emerges a formidable character belligerence. It is seldom accepted as an inevitable outcome of the struggle won by survivors and deserves respect if not enthusiastic acceptance.”²⁸⁸

Nesse momento Maya incorpora as falas e ensinamentos de suas predecessoras — Momma, Grandmother Baxter, Vivian Baxter, Mrs. Flowers, Miss Kirwin — e ela sabe porque sobreviveu e de onde veio a força para que isso ocorresse.

3.10 O NATAL ÍNTIMO DE MAYA EM *CAGED BIRD*

Maya encerra a infância e adolescência, iniciando a narração de sua incursão pelo mundo. Essa incursão ocorre por meio da sexualidade. Após a terceira leitura da obra *The Well of Loneliness*, ela convence-se de que é homossexual.

Por semanas, Maya angustia-se com as questões sobre sua sexualidade:

I noticed how heavy my own voice had become. It droned and drummed two or three whole tones than any schoolmates' voices. My hands and feet were also far from being feminine and dainty. [...] For a sixteen-year-old my breasts were sadly undeveloped. [...] The line from my rib cage to my knees fell straight without even a ridge to disturb its direction. [...] There was also a mysterious growth developing on my body that defied explanation. It looked totally useless.

²⁸⁷ *Caged Bird*, 1993, p. 272.

²⁸⁸ *Caged Bird*, 1993, p. 272.

Then the question began to live under my blankets: How did lesbianism begin? What were the symptoms²⁸⁹?

Para aplacar seus temores de estar transformando-se em homossexual, Maya decide que deve arrumar um namorado. Sendo assim, busca entre seus colegas algum rapaz que pudesse ser seu namorado e também para satisfazer o recém-descoberto apetite sexual:

In my particular case, I could not hide behind the curtain of voluntary goodness. I was being crushed by two unrelenting forces: the uneasy suspicion that I might not be a female and my newly awakening sexual appetite. I decided to take matters into my own hands. (An unfortunate but apt phrase)²⁹⁰.

Maya planeja, então, seduzir um rapaz que é seu vizinho. Depois do encontro, Maya reavalia o fato e conclui que as dúvidas quanto a sua sexualidade persistiam. Três semanas mais tarde, Maya descobre que está grávida, aos dezesseis anos, após um único encontro furtivo.

Ainda sem associar a gravidez ao nascimento de um bebê, Maya esconde o fato da mãe. Depois da formatura, aos oito meses de gravidez, decide contar sobre a gravidez a Daddy Clidell, por meio de um bilhete, e ele, por sua vez, conta para a mãe de Maya o que havia ocorrido. Nas semanas seguintes:

He sent one of his waitresses to I. Magnin's to buy maternity dresses for me. For the next two weeks I whirled around the city going for doctors, taking vitamin shots and pills, buying clothes for the baby, and except for the rare moments alone, enjoying the imminent blessed event²⁹¹.

E ela recebe a recompensa após anos de dor, angústia e sofrimento:

I had a baby. He was beautiful and mine. Totally mine. No one had bought it for me. No one had helped me endure the sickly grey months. I had had help in the child's conception, but no one could deny that I had had an immaculate pregnancy²⁹².

²⁸⁹ *Caged Bird*, 1993, p. 274.

²⁹⁰ *Caged Bird*, 1993, p. 280.

²⁹¹ *Caged Bird*, 1993, p. 288.

²⁹² *Caged Bird*, 1993, p. 288.

O nascimento do filho assinala novas possibilidades tanto para Maya quanto para a mãe. Embora fosse jovem, Maya possuía atributos necessários para criar e sustentar o filho. Contudo, ainda havia seu receio em segurar o bebê, dependendo, portanto, das orientações de sua mãe. Uma noite sua mãe leva o bebê de três semanas para dormir com Angelou, que protesta veementemente com medo de rolar sobre o bebê e matá-lo”. Porém, sua mãe foi insistente e deixou o bebê a seu lado.

À noite Maya foi acordada por sua mãe, que mandou que ela se levantasse para ver o que havia feito. Quando ela levantou, viu o bebê dormindo calmamente a seu lado. “See”, sua mãe disse, “you don’t have to think about doing the right thing. If you’re for the right thing, then you do it without thinking²⁹³”. Sua mãe, por meio dessas palavras, atesta a Maya sua identidade de mulher adulta.

O nascimento de seu filho assinala novas possibilidades tanto para ela quanto para sua mãe. Mesmo sendo tão jovem ela já possuía os atributos necessários para criar e sustentar seu filho.

Ao final de *Caged Bird*, Maya não se sente mais inferior, pois sabe quem ela é e sabe como responder à violência do racismo e da opressão de forma a preservar sua dignidade, sua vida. Enfim, Maya conhece e tem o poder das palavras a seu favor.

O som que emana de dentro da gaiola é o lamento do pássaro ferido que eleva sua voz em uma prece por liberdade. De um fraco eco, Maya começou, por meio de sua luta e tragédias pessoais, a encontrar forças para erguer sua voz, pois o pássaro somente alçaria vôo quando estivesse forte o bastante e quando esse pássaro — ou seja, Maya — cantasse.

Seu canto reverberou a história e a trajetória de alguém que, após sua jornada, pôde olhar para a gaiola vazia e afirmar que *sabia* o porquê dos pássaros engaiolados e solitários cantarem: eles cantam por terem a esperança de, um dia, serem verdadeiramente livres.

²⁹³ *Caged Bird*, 1993, p. 289.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a autobiografia de Maya Angelou é um ato emancipatório de quebra da coerção, isto é, um rompimento com a identidade atribuída ao “eu” por outros e uma autoconstrução em que tanto a memória pessoal quanto a memória coletiva, bem como a narrativa contada, por outros, sobre o “eu” se entrelaçam para que, unidos à perspectiva do “eu” sobre si, se construa uma versão de si mesmo, que rejeite estereótipos criados por outros. Esse processo discursivo também pode ser visto como uma estratégia de resistência contra uma identidade previamente cristalizada pela sociedade.

Maya Angelou perfaz um ato de resistência contra o patriarcado, os estereótipos e a própria sociedade *WASP* (*White Anglo Saxon Protestant*). Em sua autobiografia Maya Angelou engaja-se numa luta que visa retomar a voz, fazendo-a presente numa forma de militância. Ainda que sua autobiografia não demonstre claramente uma busca por culpados, mas faça a exposição de fatos sobre a segregação racial e a luta de classes, está presente no texto, assim como na maioria dos textos produzidos, por escritoras afroamericanas, na década de 1960-1970, o protesto.

Esse protesto questiona o funcionamento da sociedade, o poder dos discursos dominantes e expõe, por meio da posição de uma representante de uma minoria, o funcionamento dos processos de exclusão e subjugação aplicados àqueles que estão à margem da sociedade.

Por conseguinte, a escrita autobiográfica feminina instaura-se como parte de um todo maior que, juntos, desvelam questões de raça, gênero, classe e exclusão que permeiam a vida das mulheres afroamericanas.

Ousamos afirmar que, cada uma dessas autobiografias femininas, funciona como partes de um “quebra-cabeça” que, ao unirem-se, mostram a figura maior que é a experiência negra na América do Norte escrita da perspectiva das mulheres negras que examinam, pelas suas vidas, questões complexas da sociedade.

Como sugeriu Salgueiro, as escritoras negras “valorizam, acima de tudo, a diferença. Em certos momentos, esta desponta poeticamente mediante um otimismo construtivo, que leva ao positivo, ao crescimento e à possibilidade de uma estruturação de uma sociedade mais justa.”²⁹⁴

²⁹⁴ SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras Negras Contemporâneas: Estudos de Narrativas Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004, p. 65.

Destarte, a obra de Maya Angelou supera o estatuto de relato para tornar-se também um relato-testemunhal e, desse entrelaçamento, ergue-se a voz do subalterno para que se faça justiça, não apenas para ele, mas para todos aqueles que ela representa.

Observamos que a obra de Maya Angelou conforma esta proposição, visto que Maya percorreu um caminho semelhante a uma *via-crucis* que tem seu início com o sofrimento, por não ser aceita pelos outros ou por si própria, numa espécie de *Paixão* que desembocará na catástrofe que foi a *Morte* de sua inocência, devido ao do estupro sofrido aos oito anos. Esse episódio desencadeou o *Luto* gerado pelo sentimento de perda e que a confinou a um casulo no qual imperava o silêncio, mas graças à uma terceira pessoa, há a saída do casulo de silêncio autoimposto, numa forma simbólica de *Ressurreição*.

Ao longo da obra, acompanhamos a autora-personagem em uma reflexão sobre a vida e os efeitos de suas experiências na construção de sua identidade, bem como a maneira como Maya conseguiu reverter sua autoimagem negativa por meio das palavras. Por meio delas, travou e venceu batalhas, tornando-se senhora de seu “eu”.

Ao final de sua obra, Maya incorpora os ecos de ancestrais, de suas avós, de sua mãe e das mulheres que conheceu, ao longo de sua infância e adolescência, ampliando-os. Ela torna-se o coro dessas diversas vozes que nela habitam, mas que falam em uníssono sobre o significado de ser uma mulher negra nos Estados Unidos.

Com maestria, Maya Angelou evoca em sua prosa as cores, as lutas, as alegrias e as tristezas de seu povo, isto é, a própria condição humana de lutar pela sobrevivência. Deste alinhamento e da fusão com a personagem do passado, que é acessado pela escrita do “eu” feita pela autora-personagem-testemunha, foi construída a identidade de mulher e afroamericana de Maya Angelou.

Contudo, ao mesmo tempo em que esse processo é concluído, ele abre possibilidades para o surgimento de novas identidades, num constante processo de vir-a-tornar-se. Observa-se que, por meio de Maya Angelou, o sofrimento, mas também a força para se transformar assumem uma voz e passam a ter um rosto que testemunha em favor de outros pássaros engaiolados.

Pelas palavras, Maya Angelou conseguiu trilhar um caminho rumo à liberdade, livrando-se dos grilhões que a prendiam na gaiola e, ao final da jornada, ela pôde olhar para trás e erguer-se com a convicção de uma sobrevivente que passou por tudo, mas que agora, era livre para seguir seu caminho.

Deixamos aqui registradas as palavras de alguém que, mesmo ante as agruras e a incerteza, lutou e sobreviveu para contar o que os pássaros engaiolados cantam.

*Up from a past that's rooted in pain
I rise
Leaving behind nights of terror and fear
I rise
Into a daybreak that's wondrously clear
I rise
Bringing the gifts that my ancestors gave,
I am the dream and the hope of the slave
I rise
I rise
I rise.*

Maya Angelou

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELOU, Maya. *I Know Why the Caged Bird Sings*. New York: Bantam Books, 1993/[1970].
- AHERN, Laura M. “Language and Agency”. *Annual Review of Anthropology*, 2001. Vol. 30, pp. 109-137.
- ANZALDÚA, Gloria. “Towards a New Consciousness”. In: _____. *Borderlands/La Frontera. The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Book Company, 1987; pp. 77-91.
- APPIAH, Kwame Anthony & GATES, Henry Louis, Jr., *Africana: The Encyclopedia of the African and African American Experience*. New York: Basic Civitas, 2003.
- APPIAH, Kwame Anthony. “African identities”. In: NICHOLSON, Linda & SEIDMAN, Steven (Editors). *Social postmodernism: Beyond Identity Politics*. Great Britain: Cambridge University Press, 1995.
- AWKWARD, Michael. *Inspiriting Influences: Tradition, Revision, and Afro-American Women’s Novels*. New York: Columbia University Press, 1989.
- BACK, Les & SOLOMOS, John (Editors). *Theories of Race and Racism: A Reader*. London & New York: Routledge, 1999.
- BAKER, Houston. *Blues, Ideology and Afro-American Culture: A Vernacular Theory*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1984.
- _____. *Black Literature in America*. New York: McGraw-Hill, 1971.
- BAKHTIN, Mikail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. *O Grau zero da Escrita: seguido de novos ensaios críticos*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2005.
- _____. “On Writing Rights”. In: _____. *Globalizing Rights: The Oxford Amnesty Lectures*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- _____. “The Vernacular Cosmopolitan”. In: DENNIS, Ferdinand & KHAN, Naseem (Editors.). *Voices of the Crossing*. London: Serpent’s Tail, 2001.

- _____. “Culture’s In-Between”. In: HALL, Stuart & DU GAY, Paul. *Questions of Cultural identity*. London: Sage Publications, 1996.
- _____. “Freedom’s Basis in the Indeterminate”. In: RAJCHMAN, John (Editor.). *The Identity in Question*. New York: Routledge, 1995.
- BECKHAM, Barry. “Miss Jane and Oral Tradition”. *Callaloo* No.1, Vol. 2 (1978).
- BELL, Bernard W. *The Afro-American Novel and Its Tradition*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1987.
- BENNETT, Lerone. *Before the Mayflower: a History of the Negro in America (1619-1962)*. Chicago: Johnson Pub. Co., 1964.
- BERND, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BLOOM, Lynn Z. Abstract de comunicação apresentada na Modern Language Association Convention, December 1990.
- BRAH, Avtar. *Cartografies of Diaspora: Contesting Identities*. London & New York: Routledge, 1996. (Chapters 8 and 9), pp. 178-248.
- BRAZIEL, Jana Evans & MANUR, Anita (Editors). *Theorizing Diaspora*. UK: Blackwell Publishing, 2003.
- BRAXTON, Joanne M. (Editor). Maya Angelou’s *I Know Why The Caged Bird Sings: A Casebook*. New York & Oxford : Oxford University Press, 1998.
- _____. *Black Women Writing Autobiography: A Tradition Within a Tradition*. Philadelphia: Temple University Press, 1989.
- BRUNER, Jerome. “Life as Narrative”. *Social Research*. Vol. 11, No. 3, Fall 2004, pp. 691-710.
- _____. “A Interpretação Narrativa da realidade”. In: _____. *A Cultura da Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. “The Autobiographical Process”. In: FOLKENFLIK, Robert (Editor). *The Culture of Autobiography: Constructions of Self-Representation*. Stanford: Stanford University Press, 1993.
- _____. “Autobiography and Self”. In: _____. *Acts of Meaning: Four Lectures on Mind and Culture*. Jerusalem-Harvard Lectures, 1990.
- _____. *Actual Minds, Possible Worlds*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

- BRUSH, Paula Stewart. "The Influence of Social Movements on Articulations of Race and Gender in Black Women's Autobiographies". *Gender and Society*, Vol. 13, No. 1, Special Issue: Gender and Social Movements, Part 2, (Feb., 1999), pp. 120-137.
- BUTTERFIELD, Stephen. *Black Autobiography in America*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1974.
- CALLAHAN, John F. *In the African-American Grain: Call-and-Response in Twentieth-Century Black Fiction*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHRISTIAN, Barbara. *Black Feminist Criticism: Perspectives on Black Women Writers*. New York: Teachers College Press, 1997.
- CHRISTIAN, Barbara. "The Highs and the Lows of Black Feminist Criticism". In: GATES, Henry Louis. *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books, 1990.
- CLIFFORD, James. "Diasporas". In: _____. *Routes, Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge, Mass & London: Harvard University Press, 1997, pp. 243-277
- COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: Teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.
- CUDJOE, Selwyn. "The Autobiographical Statement Updated". In: GATES Jr., Henry Louis (Editor). *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian, 1990.
- DAVIE, Maurice Rea. *Negroes in American Society*. New York : McGraw-Hill, 1949.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: Para uma Literatura Menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- Deuteronômio. Português. In: *A Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo et alii. São Paulo: Paulus, 1990, p. 193-238
- DOUEK, Sybil Safdie. *Memória e Exílio*. São Paulo: Escuta, 2003
- DU BOIS, W. E. B. *The Souls of black Folk*. New York: Dover Publications, INC.,1994 [1903].

- _____. Textos reunidos em BROTZ, Howard (Editor.). *African-American Social and Political Thought 1850-1920*. New Brunswick and London: Transaction Publishers, 1993, Part II, pp. 483-552.
- DUNBAR, Paul Laurence. *The Collected Poems of Paul Laurence Dunbar*. BRAXTON, Joanne M. (Editor). Virginia: Virginia University Press, 1993, p. 102.
- ELIAS, Norbert. "Group charisma and group disgrace". In: GOUDSBLOM, Johan & MENNELL, Stephen. *The Norbert Elias Reader*. Blackwell Publishers, 1998, p. 106.
- _____ & SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELLIOT, Jeffrey M. *Conversations with Maya Angelou*. Jackson: Ms: University Press of Mississippi, 1989.
- FABRE, Geneviève. "The Slave Ship Dance". In: DIEDRICH, Maria; GATES, Henry Louis; PEDERSEN, Carl. (Editors)..*Black Imagination and the Middle Passage*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 33-46.
- FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Porto [Portugal]: A. Ferreira: distribuição de Paisagem, [entre 1969 e 1975?].
- FELMAN, Soshana. "Educação e Crise ou as Vicissitudes do Ensinar". In: NEVSTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Catástrofe e Representação: Ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000, pp. 13-72.
- FERNANDES & MORAIS. "Os EUA NO SÉCULO XIX". In: KARNAL, Leandro...[et al]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XIX*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 127.
- FEUSER, Willfried. *Aspectos da Literatura do Mundo Negro*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 1969.
- FOLKENFLIK, Robert (Editor). *The Culture of Autobiography: Constructions of Self-Representations*. Stanford: Stanford University Press, 1993.
- FONER, Eric. *Reconstruction: America's Unfinished Revolution 1863-1877*. New York: Harper & Row, 1988.
- FONER, Eric. *Nothing but freedom: Emancipation and its legacy*. Baton Rouge & London: Louisiana State University Press, 1983.

- GENOVESE, Elizabeth Fox. "My Statue, My Self". In: GATES, Henry Louis. *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books, 1990.
- _____. "Between Individualism and Fragmentation". *American Quarterly*, Vol. 42, No.1, (1990).
- GATES, Henry Louis Jr.. (Editor). *The Classic Slave Narratives*. New York: Penguin Group, 2002.
- _____ (Editor). *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books, 1990.
- _____. *Figures in Black: Words, Signs, and the "Racial" Self*. New York: Oxford University Press, 1989.
- _____. *The Signifying Monkey: A Theory of African-American Literary Criticism*. New York and Boston: Oxford University Press, 1988.
- _____ (Editor). "*Race*", *Writing and Difference*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1986.
- GILMAN, Sander L. "Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth-Century Art, Medicine, and Literature". In: GATES, Henry Louis Jr.. (Editor). "*Race*", *Writing and Difference*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1986.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- _____. *Against Race. Imagining Political Culture beyond the Color Line*. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 2000; pp. 123-133.
- _____. "Race ends here". *Ethnic and Racial Studies*. Vol. 21, No. 5, 1998, pp. 838-847.
- _____. "It ain't where you're from, it's where you're at. The dialects of diaspora identification". In: _____. *Small Acts. Thoughts on the Politics of Black Cultures*. London: Serpent's Tail, 1993.
- GNEW, Sneja. "Marginal Positions: Constructing Cultural Differences on Various 'Posts'". In: _____. *Framing Marginality. Multicultural Literary Studies*. Australia: Melbourne University Press, 1994.
- HAGEN, Lyman B. *Heart of a Woman, Mind of a Writer and Soul of a Poet: A Critical Analysis of the Writings of Maya Angelou*. New York: University Press of America, 1999.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- _____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardiã Resende...[et al]. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- _____. “Political Belonging in a World of Multiple Identities”. In: VERTOVEC, Steven & COHEN, Robin (Editors). *Conceiving Cosmopolitanism. Theory, Context and Practice*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- _____. “Cultural Identity and Diaspora”. In: MIRZOEFF, Nicholas (Editor). *Diaspora and Visual Culture: Representing Africans and Jews*. London & New York: Routledge, 2000, pp. 21-33.
- _____. “Conclusion: the Multi-Cultural Question”. In: HESSE, Barn (Editor) *Un/settled Multiculturalisms. Diasporas, Entanglements, Transruptions*. London & New York: Zed Books, 2000; pp. 209-241.
- _____. & DU GAY, P. (Orgs.). *Questions of Cultural Identity*. Londres: Sage, 1996.
- _____. “Cultural Identity and Diaspora”. In: RAJCHMAN, John. *The Identity in Question*. New York: Routledge, 1995.
- HERSKOVITS, Melville J.. *The Myth of The Negro Past*. New York & London: Harper & Brothers Publishers, 1941.
- hooks, bell. *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*. Boston, MA: South End Press, 1989.
- JOÃO 11: 43. Português. *Bíblia Sagrada*. In: *A Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo et alii. São Paulo: Paulus, 1990, p. 1372.
- KLAPPROTH, Daniele M. *Narrative as Social Practice: Anglo-Western and Australian Aboriginal Oral Traditions*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2004.
- LEJEUNE, Phillippe. The Autobiographical Patc. In: _____. *On Autobiography*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1989, pp. 119-137.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão...[et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LIONNET, Françoise. *Autobiographical Voices: Race, Gender, Self-Portraiture*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1989.

- LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- LUCAS 18:25. Português. *Bíblia Sagrada*. In: *A Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo et alii. São Paulo: Paulus, 1990, p. 1340.
- LUPTON, Mary Jane. “Singing the Black Mother: Maya Angelou and the Autobiographical Continuity”. *Black American Literature Forum*. Vol. 24, No. 2, 20th-Century Autobiography. (Summer, 1990), pp. 257-276.
- MASON, Mary G. “Travel as Metaphor and Reality in Afro-American Women’s Autobiography, 1850-1972”. *Black American Literature Forum*, Vol. 24, No. 2, 20th Century Autobiography. (Summer, 1990), pp. 337-356.
- McMURRY, Myra K. “Role-Playing as Art in Maya Angelou’s “Caged Bird”. *South Atlantic Bulletin*, Vol. 41, No. 2. (May, 1976), pp. 106-111.
- McPHERSON, Dolly A. *Order out of Chaos: The Autobiographical Works of Maya Angelou*. New York: Virago, 1998.
- MILLER, Russel. *Bare-Faced Messiah*. New York: Holt, 1987.
- MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da Diferença: A política dos estudos culturais latino-americanos*. Tradução: Eliana Lourenço de Lima Reis & Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- MOSTERN, Kenneth. *Autobiography and Black Identity Politics: Racialization in Twentieth-Century America*. UK & USA: Cambridge University Press, 1999.
- MUNANGA, Kabengele. “Construção da identidade negra no contexto da globalização”. In: OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). *Relações raciais e educação: temas contemporâneos*. Niterói: EDUFF, 2002.
- _____. *Rediscutindo A mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____(Org). *Estratégias e Políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Estação Ciência/Edusp, 1996.
- _____. *Negritude: Usos e Sentidos*. São Paulo: Ática, 1986
- NEVSTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Catástrofe e Representação: Ensaio*. São Paulo: Escuta, 2000.
- OCHS, Elinor & CAPPS, Lisa. “Narrating the Self”. *Annual Review of Anthropology*, Vol. 25. (1996), pp. 19-43.
- OLNEY, James. Autobiographical Traditions, Black and White. In: BERRY, J. Bill (Editor). *Located Lives: Place and Idea in Southern Autobiography*. Athens: The University of Georgia Press, 1990.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.
- POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. São Paulo: Ed. Perspectiva/Edusp, 1974.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London & New York: Routledge, 1992.
- _____. “Scratches on the Face of the Country; or, What Mr. Barrow Saw in the Land of the Bushmen”. In: GATES, Henry Louis Jr.. (Editor). *“Race”, Writing and Difference*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1986.
- PURDY, Sean. “O Século Americano”. In: KARNAL, Leandro...[et al]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2008.
- RANKIN, Jenny. “What is Narrative? Ricoeur, Bakhtin and Process Approaches. *Concrescence: The Australian Journal of Process Thought*. Vol. 3, 2002, pp. 1-12.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- REGGY, Mae Alice. “Self-Identity through Literature”. *College English*, Vol. 35, No. 3. (Dec., 1973), pp. 307-311.
- SAFRAN, William. “Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return”. In: VERTOVEC & COHEN, Robin (Editors). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. UK & USA: Edward Elgar Publishing Ltd, 1999.
- SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras Negras Contemporâneas: Estudo de Narrativas Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A Invenção do “ser negro”: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- SCHWARZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Testemunhos da Barbárie”. *Entre Livros*. Ano 3, No. 28. (agosto, 2007), p. 32-35.
- _____. *O Local da Diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- _____. (Org.). *História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

- _____. “A história como trauma”. In: NESTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 82.
- SHOWALTER, Elaine; BAECHLER, Lea; LITZ, A. Walton (Editors). *Modern American Women Writers: Profiles of Their Lives and Works — From the 1870S To The Present*. USA: Charles Scribner’s Sons, 1993.
- SKINNER, Elliot P. “The Dialect between Diasporas and Homelands”. In: Steven Vertovec & Robin Cohen (Editors). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. UK & USA: Edward Elgar Publishing Ltd, 1999.
- SMITH, Valerie. *Self-discovery and Authority in Afro-American Narrative*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1987.
- SOMERS, Margaret R. “The Narrative Constitution of Identity: A Relational and Network Approach”. *Theory and Society*, Vol. 23, No. 5. (Oct., 1994), pp. 605-649.
- SOUZA, Lynn Mário T. M. “Hibridismo e tradução cultural em Bhabha”. In: ABDALA, Benjamin (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 113-133.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “Diasporas Old and New: Women in the Transnacional World”. *Textual Practice* 10(2), London: Routledge, 1996; pp. 245-269.
- _____. “Can the Subaltern Speak?”. In: WILLIAMS, Patrick & CHRISMAN, L. (Editors.). *Colonial Discourse and Postcolonial Theory: A Reader*. New York: Harvest, 1993.
- _____. “The New Subaltern: A Silent Interview”. IN: HATUVERDI, Vinayak (ed.) *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*. London & New York: Verso, 2000.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: A Transparência e o Obstáculo*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- STEPTO, Robert. *From Behind the Veil: A Study of Afro-American Narrative*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1991.
- STURROCK, John. *The Language of Autobiography: Studies in the First Person Singular*. UK: Cambridge University Press, 1994.
- TATE, Claudia. “Maya Angelou: An Interview”. In: BRAXTON, Joanne M. *Maya Angelou’s I Know Why the Caged Bird Sings: A Casebook*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 153.

- TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. *Autobiographical writing and subjective construction*. Psicol. USP, São Paulo, v. 14, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 9 Aug 2006.
- THORNTON, John. *A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- TODOROV, Tzevetan. *Nós e os Outros. A Reflexão Francesa Sobre a Diversidade Humana*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1993.
- VERSIANI, Daniela. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- WAGNER, Jean. *O guia do jazz: Iniciação à história e estética do Jazz*. Portugal: Pergaminho, 1991.
- WALKER, Sheila S. (Editor). *African Roots/American Cultures: Africa in the Creation of the Americas*. Lanham; Boulder; New York; Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2001.
- WASHINGTON. Mary Helen. "The Darkened Eye Restored: Notes Toward a Literary History of Black Women". In: GATES, Henry Louis (Editor). *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books, 1990, p. 7.
- WILSON, Olly. "It Don't Mean a Thing if it Ain't Got That Swing": The Relationship Between American African and African American Music". In: WALKER, Sheila S. (Editor). *African Roots/American Cultures: Africa in the Creation of the Americas*. Lanham; Boulder; New York; Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2001, p. 153-168.
- WEST, Cornel. *Questão de Raça*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. New York: Oxford University Press, 1977.
- WODAK, R. & RCISIGL, M. "Discourse and Racism: European Perspectives". *Annual Review of Anthropology*. Vol. 28, (1999), pp. 175-199.
- WRIGHT, Richard. *12Million Black Voices: A Folk History of the Negro in the United States*. New York: Viking Press, 2002 [1941].

REFERÊNCIAS DO MEIO ELETRÔNICO

<http://theharlemwritersguild.org/>. Acesso: julho/2008.